



**FACULTAD INTERAMERICANA DE CIÊNCIAS SOCIALES – FICS
MESTRADO EN CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN**

MARIA DO CARMO SILVA

**LEITURA E ESCRITA NA ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA CORONEL MOTA,
COMUNIDADE INDÍGENA OLHO D'ÁGUA / RR**

Asunción – Paraguay

2022

MARIA DO CARMO SILVA

**LEITURA E ESCRITA NA ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA CORONEL MOTA,
COMUNIDADE INDÍGENA OLHO D'ÁGUA / RR**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Educação, da Facultad Interamericana de Ciencias Sociales, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestrada em Ciências da Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Erismilta Sucupira Ferro Carneiro.

Asunción – Paraguay

2022

MARIA DO CARMO SILVA

**LEITURA E ESCRITA NA ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA CORONEL MOTA,
COMUNIDADE INDÍGENA OLHO D'ÁGUA / RR**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Educação, da Facultad Interamericana de Ciências Sociales, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestranda em Ciências da Educação.

Data da aprovação: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Erismilta Sucupira Ferro Carneiro
Orientadora

Profa. Dra. Susana Barbosa
Examinadora

Prof. Dr. Carlino Iván Morinigo
Examinador

Prof. Dr. Ismael Fenner
Examinador

In memória a meus pais que de tanto sofrerem, acompanhei de perto a luta deles, com isso eu prometi a eles que esse grande dia chegaria, eu venci com a força de vocês.

Aos meus filhos, por tudo que representam em minha vida.

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado o fôlego da vida. A minha orientadora. A minha família. Aos meus mestres do curso que me deram o verdadeiro ensino. Aos colegas da turma. Muito obrigada a todos.

*Confie no Senhor. Tenha fé e
coragem. Confie em Deus, o Senhor.*

Salmos 27:14

RESUMO

A presente pesquisa aborda a temática da educação indígena refletindo sobre o processo de ensino e aprendizagem da escrita e da leitura. Dessa forma, considerando que a escrita e leitura são parte fundamental para o desenvolvimento da criança ou adolescente, o estudo aproveita esse ensejo problemático, apresenta-se os alunos da Escola Estadual Indígena Coronel Mota da Comunidade Indígena Olho D'Água, onde se busca analisar o processo da leitura e escrita dentro e fora da escola. Esta pesquisa tem como relevância, o processo educativo tendo como objeto de estudo a leitura e escrita dos alunos do 7º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual Indígena Coronel Mota que fica localizada na Comunidade Indígena Olho D'Água. O objetivo geral busca identificar qual o impacto alcançado com a aplicabilidade do projeto de leitura e escrita na Escola Estadual Indígena Coronel Mota, bem como, buscar responder os seguintes objetivos específicos: 1) Apresentar um perfil sobre o hábito de leitura e escrita dos alunos do 7º ano da Escola Estadual Indígena Coronel Mota; 2) Analisar as metodologias e estratégias utilizadas pelos professores para incentivar e motivar o hábito de leitura e escrita dos alunos do 7º ano da Escola Estadual Indígena Coronel Mota; 3) Investigar onde encontrar a origem do problema da escrita e leitura dos alunos através dos membros das comunidades. A metodologia consiste em uma pesquisa descritiva de abordagem qualitativa e quantitativa. Para a realização deste trabalho também foi utilizada inicialmente uma pesquisa bibliográfica que serviu como base para o entendimento dessa pesquisa. A abordagem aqui aplicada foi quantitativa e acompanhada de um estudo de caso. Sendo assim, após a reflexão das atividades propostas e realizadas na Escola Campo Coronel Mota e os resultados obtidos na realização do projeto, o estudo apresenta as conclusões apontadas a respeito da concepção da leitura e escrita na Escola Estadual Indígena Coronel Mota da Comunidade Indígena Olho D'Água.

Palavras-chave: Leitura. Escrita. Escola Indígena. Comunidade Indígena Olho D'água.

RESUMEN

Esta investigación aborda el tema de la educación indígena, reflexionando sobre el proceso de enseñanza y aprendizaje de la escritura y la lectura. De esta forma, considerando que la escritura y la lectura son parte fundamental para el desarrollo del niño, niña o adolescente, el estudio aprovecha esta problemática oportuna, presentan los estudiantes de la Escuela Indígena Estatal Coronel Mota de la Comunidad Indígena Olho D'Água, donde se busca analizar el proceso de lectura y escritura dentro y fuera de la escuela. La relevancia de esta investigación es el proceso educativo que tiene como objeto de estudio la lectura y escritura de los alumnos del 7º año de la Enseñanza Fundamental de la Escuela Indígena Estatal Coronel Mota que se encuentra en la Comunidad Indígena Olho D'Água. El objetivo general busca identificar el impacto logrado con la aplicabilidad del proyecto de lectura y escritura en la Escuela Estatal Indígena Coronel Mota, así como buscar dar respuesta a los siguientes objetivos específicos: 1) Presentar un perfil sobre los hábitos de lectura y escritura de los alumnos de 7º grado de la Escuela Estatal Indígena Coronel Mota; 2) Analizar las metodologías y estrategias utilizadas por los docentes para fomentar y motivar los hábitos de lectura y escritura de los estudiantes de 7º año de la Escuela Estatal Indígena Coronel Mota; 3) Investigar dónde encontrar el origen del problema de escritura y lectura de los estudiantes a través de miembros de la comunidad. La metodología consiste en una investigación descriptiva con enfoque cualitativo y cuantitativo. Para la realización de este trabajo se utilizó inicialmente una investigación bibliográfica, la cual sirvió de base para la comprensión de esta investigación. El enfoque aplicado aquí fue cuantitativo y se acompañó de un estudio de caso. Por tanto, luego de reflexionar sobre las actividades propuestas y realizadas en la Escuela Campo Coronel Mota y los resultados obtenidos en la realización del proyecto, el estudio presenta las conclusiones señaladas en cuanto a la concepción de la lectura y escritura en la Escuela Estatal Indígena Coronel Mota de la Comunidad Indígena Olho D'Água.

Palabras clave: Lectura. Escritura. Escuela Indígena. Comunidad Indígena Olho D'água.

LISTA DE FIGURAS

Apresentação da Proposta Pedagógica para a Escola e Comunidade

Figura 1	- Materiais didáticos existente na escola.....	85
Figura 2	- Aplicação da proposta para alunos, professores e alguns pai de família.....	86

Entrevistas e Questionários na Comunidade Olho D'água e dos Estudantes, Professores, Líderes Comunitários e Membros das Comunidades

Figura 3	- Você sabe ler?.....	88
Figura 4	- Você gosta de ler?.....	89
Figura 5	- Você gosta de ler ou ouvir histórias?.....	90
Figura 6	- Você considera ler uma perca de tempo?.....	90
Figura 7	- Você frequentou o ensino pré-escolar?.....	92
Figura 8	- Você tinha hábito ouvir histórias contadas pelo(a) professor(a)?.....	93
Figura 9	- Gostava de ouvir contar histórias.....	93
Figura 10	- Língua Materna é o português?.....	94
Figura 11	- Gosta de ler?.....	95
Figura 12	- Quantos livros você ler em média?.....	96
Figura 13	- Qual o nível de escolaridade que você possui?.....	97
Figura 14	- Gosta de ler?.....	98
Figura 15	- Você incentiva seu filho a ler?.....	99
Figura 16	- De quem é a responsabilidade de formar leitores?.....	100
Figura 17	- Atividades de leituras realizadas durante o projeto.....	105
Figura 18	- Atividades de desenhos e pintura.....	106
Figura 19	- Continuação das atividades de pintura e desenhos.....	107

LISTA DE QUADROS

Entrevistas e Questionários na Comunidade Olho D'água e dos Estudantes, Professores, Líderes Comunitários e Membros das Comunidades

Quadro 1	-	Número de questionário.....	88
Quadro 2	-	Quadro dos professores.....	91
Quadro 3	-	Entrevistas feitas com membros das Comunidades Indígena Olho d'água (pais dos alunos)	97

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
1.1	Problema.....	14
1.2	Problematização.....	14
1.3	Justificativa.....	14
1.4	Objetivos.....	16
1.4.1	Geral.....	16
1.4.2	Específicos.....	16
1.5	Hipóteses.....	16
	CAPÍTULO II – MARCO TEÓRICO.....	17
2.1	Leitura: Aportes Teóricos.....	17
2.2	Leitura e Letramento.....	19
2.3	Algumas Reflexões sobre Desenvolvimento da Leitura.....	21
2.4	A Dificuldade de Leitura e Interpretação.....	28
2.5	Motivação em Ler.....	34
2.6	Acompanhamento dos Alunos Frente o Hábito de Ler.....	38
2.7	O Papel dos Pais na Escola.....	39
2.8	Psicomotricidade.....	43
2.9	Educação Psicomotora.....	45
2.10	Leitura e escrita no Contexto Escolar.....	54
2.11	Leitura no Contexto Educacional.....	55
2.12	Reflexões Sobre Leitura e Escrita.....	59
2.13	Literatura e Leitura.....	63
	CAPÍTULO III - MARCO METODOLÓGICO.....	69
3.1	Delineamento da pesquisa	69
3.2	Conceituação: metodologia e método	69
3.2.1	Metodologia	69
3.2.2	Método	69
3.3	Período da pesquisa	70
3.4	Objeto de estudo da pesquisa	70
3.5	Estratégias metodológica	70
3.5.1	Questionário piloto	70
3.5.2	Questionário estruturado	71

3.6	Sujeitos participantes da pesquisa	71
3.6.1	Universo da pesquisa	71
3.6.2	Amostra da pesquisa	72
3.6.3	Amostragem	72
3.7	Tipo de investigação	72
3.7.1	A pesquisa do ponto de vista de sua natureza	72
3.7.2	Da forma de abordagem do problema	73
3.7.3	Do ponto de vista de seus objetivos	73
3.7.4	Do ponto de vista dos procedimentos técnicos	73
3.7.5	Operacionalização das variáveis	74
3.8	Técnica	75
3.9	Plano de tabulação e análise	75
4	CAPÍTULO IV - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS: DESENVOLVIMENTO DA PROPOSTA NA ESCOLA CAMPO.....	76
4.1	Contexto da Pesquisa: Breve Histórico da Comunidade Olho D'água.....	76
4.2	Atual Comunidade Indígena Olho d'Água.....	78
4.2.1	Saúde Indígena na Comunidade Indígena Olho D'água.....	78
4.2.2	Economia na Comunidade Indígena Olho D'água.....	79
4.2.3	Religião na Comunidade e na Escola.....	80
4.3	Escola Estadual Indígena Coronel Mota.....	80
4.3.1	Professores com Passagem pela Escola.....	81
4.3.2	A Atual Situação da Escola Estadual Indígena Coronel Mota no Contexto Escola.....	82
4.3.3	Infraestrutura da Escola Estadual Indígena Coronel Mota.....	82
4.3.4	Gestão Escolar da Escola Estadual Indígena Coronel Mota.....	82
5.1	Apresentação da Proposta Pedagógica para a Escola e Comunidade.....	83
5.2	Entrevistas e Questionários na Comunidade Olho D'água e dos Estudantes, Professores, Líderes Comunitários e Membros das Comunidades.....	87
5.2.1	Entrevistas com os Estudantes.....	87
5.2.2	Entrevistas com os Professores.....	91
5.2.3	Entrevistas com os Membros das Comunidades.....	97
5.2.4	O Projeto de Ensino de Leitura e Escrita.....	101
5.3	Reflexão das Atividades Propostas e Realizadas na Escola Campo Coronel Mota.....	104

5.4	Resultados Obtidos na Realização do Projeto.....	107
6	CONCLUSÃO.....	109
7	RECOMENDAÇÕES.....	111
	REFERÊNCIAS.....	112
	APÊNDICE 1 - ENTREVISTAS COM OS ALUNOS.....	120
	APÊNDICE 2 - ENTREVISTAS COM OS PROFESSORES.....	121
	APÊNDICE 3 - ENTREVISTAS COM OS MEMBROS DA COMUNIDADE.....	122

1 INTRODUÇÃO

O surto do novo coronavírus que segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS) ocorreu de causa desconhecida inicialmente na cidade de Wuhan na China, por volta de 31 de dezembro de 2019 e que em 30 de janeiro de 2020 foi declarado como Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional tornando a maior pandemia do último século gerou mudanças significativa em toda humanidade levando as nações a repensarem suas estratégias e metodologias para o enfrentamento da doença e continuidade do ano letivo escolar (FIORATTI, 2020; FIRMIDA, 2020).

Diante deste cenário, apresenta-se aos alunos da Escola Estadual Indígena Coronel Mota da Comunidade Indígena Olho D'Água, um projeto para verificar como anda o processo da leitura e escrita dentro e fora da escola. Dessa forma, a estrutura dessa obra está dividida em quatro principais textos teóricos e até mesmo passando por uma pesquisa de campo.

No primeiro capítulo sobre a leitura e escrita de forma geral, aborda-se o tema dificuldade da leitura e interpretação. Apresentando assim, o hábito da leitura, a motivação em ler, acompanhamento dos alunos frente o hábito de ler, o papel dos pais na escola, a psicomotricidade e sobre a educação psicomotora.

No segundo capítulo, apresenta-se a leitura e escrita no contexto escolar, abordando a importância da literatura na formação de leitores. O terceiro capítulo aborda de forma geral sobre o contexto da pesquisa, onde se faz um breve histórico da Comunidade Olho D'Água, enfatizando na atual comunidade indígena Olho D'água. Nesse contexto aborda-se a Saúde Indígena na Comunidade Indígena Olho D'água, a Economia na Comunidade Indígena Olho D'água, a Religião na Comunidade e a Escola.

Após o contexto histórico, buscar-se conhecer a Escola Estadual Indígena Coronel Mota, os professores com passagem pela escola, a Atual Situação da Escola Estadual Indígena Coronel Mota no Contexto Escola, e a Gestão escolar da escola estadual Indígena Coronel Mota.

Por fim, após apresentar a reflexão das atividades propostas e realizadas na Escola Campo Coronel Mota e os resultados obtidos na realização do projeto, apresentando as conclusões apontadas.

1.1 Problema

Considerando a importância da leitura e escrita no processo de formação educacional, a pesquisa levanta o seguinte questionamento: qual o impacto alcançado com a aplicabilidade de um projeto de leitura e escrita na Escola Estadual Indígena Coronel Mota?

1.2 Problematização

Esta pesquisa tem como relevância, a busca pelo saber sobre a leitura e escrita dos alunos do 7º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual Indígena Coronel Mota que fica localizada na Comunidade Indígena Olho D'Água, pois procura saber como anda o processo da leitura, uma vez que essa parte é fundamental para o desenvolvimento da criança ou adolescente. Diante desse texto contexto, foram problematizadas as seguintes perguntas norteadoras:

1. Qual a dificuldade da leitura e interpretação dos alunos?
2. Os alunos do Ensino Fundamental da Escola Estadual Indígena Coronel Mota que fica localizada na Comunidade Indígena Olho D'Água apresentam hábito da leitura?
3. Qual a motivação e acompanhamento os alunos recebem frente o hábito de ler?

1.3 Justificativa

O presente projeto visa trabalhar a leitura e a escrita de forma interdisciplinar, almejando diagnosticar e trabalhar dificuldades percebidas no processo de leitura e escrita apresentadas pela turma. Para tanto buscarei intensificar atividades voltadas para prática da leitura e escrita dentro e fora da sala de aula. Oportunizar aos alunos o desenvolvimento do hábito de leitura, por ser um dos instrumentos essenciais para a construção do conhecimento e a base essencial de todas as outras atividades escolares.

Considerando que um bom leitor é aquele que sabe relacionar o que ler a sua vida e a vida em sociedade e que a formação deste é tarefa de seus professores, pais e de todos os envolvidos no meio educativo. Espero contar com a participação dos pais e/ou responsáveis para a realização e sucesso do projeto. A realização deste projeto na escola apresenta potencial criativo para desenvolver diferentes habilidades e competências dos alunos na leitura e escrita. O espaço, o envolvimento da família e o planejamento acurado das ações/atividades/tarefas são fatores que apontam para melhoria do processo educativo, o que dá consistência a execução desse projeto.

Sabemos que é por meio das brincadeiras lúdicas que os alunos se apropriam do mundo adulto, das regras e da complexidade sociocultural da sociedade a qual pertence, torna a aula mais atrativa, dinâmica e mais próxima da realidade dos alunos.

Valorizando a linguagem oral e escrita como veículo de comunicação e expressão das pessoas e dos povos, abrangendo o desenvolvimento da linguagem, da leitura e escrita. Sendo assim uma proposta que proporcione o trabalho com lúdico através dos livros da escola selecionado por eles mesmo. As inquietações que fomentaram o projeto nasceram de duas preocupações, a primeira em relação a diagnóstico da aprendizagem dos alunos até no meio do ano, os que liam apresentavam dificuldade na leitura e no entendimento do que liam, outros apesar de estarem lendo bem não se encantavam com a leitura, não tinham vontade de ler, outros não conseguiam ler e o pior a maioria via a leitura como uma atividade árdua, chata, pesada e outros sinônimos que os desanimava a leitura; outro e a falta de livros suficiente para os alunos lerem individualmente.

Diante dos fatos e inquietações pensou-se então em forma de apresentar os poucos livros para eles um a um, dando destaque e importância a cada livro, como queríamos que eles fizessem. O eixo central do projeto, portanto consiste em “mostrar a importância do ato de ler”, ou seja, se queremos que nossos alunos gostem de ler temos que mostrar para eles que isso é bom, é gostoso, e o melhor formar forma de construir essa atitude é fazê-la da forma mais criativa e apaixonante possível. Só assim, poderemos possibilitar uma educação de qualidade e o desenvolvimento de uma proposta pedagógica que de fato promova o fim específico do ensino, a aprendizagem, e é isso que estou buscando com este projeto.

1.4 Objetivos

1.4.1 Geral

Identificar qual o impacto alcançado com a aplicabilidade de um projeto de leitura e escrita na Escola Estadual Indígena Coronel Mota.

1.4.2 Específicos

Buscando alcançar o objetivo geral foram desenvolvidos os seguintes objetivos específicos:

- 1) Apresentar um perfil sobre o hábito de leitura e escrita dos alunos do 7º ano da Escola Estadual Indígena Coronel Mota;
- 2) Analisar as metodologias e estratégias utilizadas pelos professores para incentivar e motivar o hábito de leitura e escrita dos alunos do 7º ano da Escola Estadual Indígena Coronel Mota;
- 3) Investigar onde encontrar a origem do problema da escrita e leitura dos alunos através dos membros das comunidades.

1.5 Hipóteses

Os impactos alcançados com a aplicabilidade de um projeto de leitura e escrita na Escola Estadual Indígena Coronel Mota.

1. Quantos alunos irão apresentar dificuldades de leitura e interpretação de texto?
2. O cenário na Escola Estadual Indígena Coronel Mota pode ser muito negativa quanto ao hábito da leitura dos alunos?
3. O que é feito para motivar os alunos quanto ao hábito da leitura?

CAPÍTULO II – MARCO TEÓRICO

2.1 Leitura: Aportes Teóricos

Conforme Leffa (1996, p. 9) pode-se compreender a leitura sobre diversos aspectos como (linguístico, psicológico, social, fenomenológico etc.), visto que “ler, para alguns autores, é extrair o significado do texto. Para outros é atribuir um significado”.

De acordo com Tersariol (2001, p. 266) a leitura pode ser entendida como “o ato ou efeito de ler, arte, hábito de ler; aquilo que se ler”.

Sendo assim, pode-se dizer que basicamente a leitura é um processo de representação, uma vez que quando se ler se envolve o sentido da visão, ler é, na sua essência, olhar para uma coisa e ver outra (LEFFA, 1996).

Na concepção de Brandão e Micheletti (2002) a leitura consiste em:

É um processo abrangente e complexo; é um processo de compreensão, de intelecção de mundo que envolve uma característica essencial e singular ao homem: a sua capacidade simbólica e de interação com o outro pela mediação de palavras. O ato de ler não pode se caracterizar como uma atividade passiva (BRANDÃO; MICHELETTI, 2002, p. 9).

Essa perspectiva Gonçalves (2008) afirma que a leitura pode ser definida de forma restrita o processo da leitura, configurando dois lados, o primeiro concebendo a leitura como o ato de extrair significado do texto e o segundo como ao ato de atribuir significado ao texto.

Partindo desse princípio Silva (2012) ressalta que:

A leitura é um processo de compreensão de mundo que envolve características essenciais singulares do homem, levando a sua capacidade simbólica e de interação com outra palavra de mediação marcada no contexto social. Assim, um texto só se completa com o ato da leitura na medida em que é atualizada a linguística e a temática por um leitor (SILVA, 2012, p. 2).

Destarte “a leitura é um processo linear que se desenvolve palavra por palavra. O significado é extraído – vai-se acumulando – à medida em que essas palavras vão sendo processadas” (GUIMARÃES, 2005 *apud* LEFFA, 1996, p.12).

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (2001) a leitura é compreendida a partir do seguinte conceito:

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua: características do gênero, do portador, do sistema de escrita etc. (PCN, 2001, p. 53).

Para a compreensão do conceito da leitura no universo da educação é necessário entender primeiramente o termo que o determina. Sendo assim, Soares (2009) estabelece que esse termo seja considerado novo quando se trata da educação brasileira, tendo em vista que o processo educacional ocorreu de forma tardia.

De acordo com a cronologia esse termo leitura foi utilizado no âmbito educacional por volta de 1986 por Mary Kato, e somente em 1995 passou a permear a educação brasileira em literaturas organizadas por Ângela Kleiman e Leda V. Tfouni, onde o termo passou a ser presente de forma concreta ao universo escolar (GRANDO, 2012).

Todavia, o termo ou o ato de ler era usado no contexto da educação brasileira associado ao analfabetismo, pois esse período que o termo surgiu o país vivenciava uma situação de altos índices de analfabetismo e grande parte da população principalmente a infantil não se encontravam nas escolas (SOARES, 2004).

O termo leitura se refere ao estado de saber, ou seja, ter a habilidade de ler e escrever, ou ainda o processo de aprendizagem para a escrita e a leitura. O termo abrange ainda uma gama de conhecimentos que considera as dificuldades e impossibilidades que as crianças apresentam durante o processo de aprendizagem (KLEIMAN, 2002).

O termo leitura é utilizado no âmbito educacional para exprimir o processo que o indivíduo percorre para aprender a ler e a escrever, bem como os meios ou métodos responsáveis por auxiliá-los ao longo do caminho da aprendizagem da leitura e da escrita (GRANDO, 2012).

Conforme Soares (2004) a leitura diz respeito as habilidades, capacidades, valores, usos e funções sociais que leva o indivíduo a compreender seu universo, uma vez que a leitura envolve, portanto, sutilezas e complexidades difíceis de serem contempladas em uma única definição.

Para Mortatti (2004) a leitura está associada ao processo de alfabetização e desenvolvimento da escrita com significados e atributos do desenvolvimento social e econômico que permeiam o processo de construção social.

Contribuindo com essa definição Tfouni (2010) a leitura está associada com o desenvolvimento das sociedades compreendendo todos os seus setores presentes desde o desenvolvimento do comércio, agricultura até os mais complexos meios de produção.

Sendo assim, a leitura é utilizada e compreendida como um conjunto de práticas e métodos sociais voltados para a aprendizagem da escrita e leitura, sendo definido nas práticas escolares para determinar os alfabetizados dos não-alfabetizados (KLEIMAN, 2008).

Dessa forma, Soares (2003) que o conceito de leitura se refere ao indivíduo alfabetizado e que faz uso da leitura e da escrita. Complementando essa definição, Ferreira (2002) associa a leitura ao conceito de alfabetização, compreendendo que um sujeito alfabetizado é um sujeito que sabe ler e escrever.

Diante do exposto percebe-se que quando se trata de leitura no âmbito brasileiro nossa educação tem como base para o desenvolvimento da escrita e leitura o cotidiano enraizado no sistema S e tecnicista, bem como pela pedagogia de Freire que tanto contribui para a educação do país.

2.2 Leitura e Letramento

Para a compreensão do letramento no universo das novas tecnologias é necessário entender primeiramente o termo que o determina. Sendo assim, Soares (2003) estabelece que esse termo é considerado novo quando se trata da educação brasileira.

De acordo com a cronologia esse termo foi utilizado no âmbito educacional por volta de 1986 por Mary Kato, e somente em 1995 passou a permear a educação brasileira em literaturas organizadas por Ângela Kleiman e Leda V. Tfouni, onde o termo passou a ser presente de forma concreta ao universo escolar (GRANADO, 2012).

Todavia, o termo letramento era usado no contexto da educação brasileira associado ao analfabetismo, pois esse período que o termo surgiu o país vivenciava

uma situação de altos índices de analfabetismo e grande parte das crianças ainda não se encontravam nas escolas.

O termo letramento se refere ao estado de ser letrado, ou seja, a habilidade de ler e escrever, ou ainda o processo de aprendizagem para a escrita e a leitura. O termo abrange ainda uma gama de conhecimentos que considera as dificuldades e impossibilidades que as crianças apresentam durante o processo de aprendizagem.

Conforme Soares (2004, p. 65) o letramento diz respeito as “habilidades, capacidades, valores, usos e funções sociais; o conceito de letramento envolve, portanto, sutilezas e complexidades difíceis de serem contempladas em uma única definição”.

Para Mortatti (2004) o letramento está associado ao processo de alfabetização e desenvolvimento da escrita com significados e atributos do desenvolvimento social e econômico que permeiam o processo de construção social.

Contribuindo com essa definição Tfouni (2010) o letramento está associado com o desenvolvimento das sociedades compreendendo todos os setores da sociedade.

Em termos sociais mais amplos, o letramento é apontado como sendo produto do desenvolvimento do comércio, da diversificação dos meios de produção e da complexidade crescente da agricultura. Ao mesmo tempo, dentro de uma visão dialética, torna-se uma causa de transformações históricas profundas, como o aparecimento da máquina a vapor, da imprensa, do telescópio, e da sociedade industrial como um todo (TFOUNI, 2010, p. 23).

Sendo assim, o letramento é utilizado e compreendido como um conjunto de práticas e métodos sociais voltados para a aprendizagem da escrita e leitura, sendo definido nas práticas escolares para determinar os alfabetizados dos não-alfabetizados (KLEIMAN, 2008).

Dessa forma, Soares (2004) o conceito de letramento refere-se ao indivíduo alfabetizado e que faz uso da leitura e da escrita. Complementando essa definição Ferreiro (2002) associa o letramento ao conceito de alfabetização, compreendendo que um sujeito alfabetizado é um sujeito letrado, que sabe ler e escrever.

Com relação ao letramento voltado para as novas tecnologias, Ferreiro (2002) ressalta que esse processo de alfabetização e aprendizagem está estritamente relacionada as metodologias pedagógicas que permitem e facilitam a aprendizagem

da leitura e escrita possibilitando o processo de inclusão social, pois da mesma forma que o letramento é importante na escola, ele é importante fora dela.

Sendo assim, o universo que permeia o processo de letramento frente as novas tecnologias está dentro da concepção da educação especial inclusiva digital, onde a escola precisa se adequar as condições atuais de materiais pedagógicos adequados, que favoreçam a incorporação de diferentes tecnologias que vai desde o professor até os computadores, Internet, TV, vídeo, entre outros existentes na escola, à prática pedagógica e a outras atividades escolares nas situações em que possam trazer contribuições significativas para o desenvolvimento da leitura e letramento no sentido de alcançar o aluno e torná-lo protagonista de seu próprio conhecimento.

2.3 Algumas Reflexões sobre Desenvolvimento da Leitura

A história da leitura percorre a história desde o aparecimento da escrita, se caracterizando como uma das principais formas de comunicação humana. Entretanto, no âmbito educacional percebe-se que somente em meados do século XVII o processo da leitura passa a compor de fato o currículo da educação sendo desenvolvido através de dois métodos, o sintético e o analítico (FILHO; CUNHA, 2014).

O primeiro considera a leitura como processo somatório que parte do simples para o composto que busca unir os elementos básicos: as letras e sílabas em novas palavras. E o segundo visa se ocupar com a capacidade que o sujeito tem de decompor as palavras nos elementos mais básicos: sílabas e letras. Considerando o desenvolvimento da leitura através desses métodos evidencia-se que o século XVIII e o século XIX foram assim, o período de grande avanço no desenvolvimento da leitura no campo educacional (SILVA, 2013).

É importante frisar que a união dos estudos sobre método sintético e analítico juntamente com o método lúdico mudou totalmente o processo de leitura principalmente na prática docente.

Conforme Ferreiro (2002) o processo de alfabetização e aprendizagem está estritamente relacionada as metodologias pedagógicas que permitem e facilitam a aprendizagem da leitura e escrita possibilitando o processo de inclusão social, pois da mesma forma que o letramento é importante na escola, ele é importante fora dela.

De acordo com Cavalcante e Pereira (2012) todas as ações de leitura necessitam contemplar o universo do aluno e o ambiente escolar precisa dispor de estrutura física que garanta espaços criativos serviços da leitura na escola.

Sendo assim, o universo que permeia o processo de leitura necessita de área física que proporcione o processo de aprendizagem da leitura e escrita com materiais pedagógicos e ambientes que proporcione o desenvolvimento da leitura no cotidiano do indivíduo (SILVA, 2013).

Segundo Ferreira (2002) o fato de muitas pessoas terem dificuldade na hora da leitura, está associado ao fato de não terem acompanhamento nesse processo, não recebendo a devida importância, sendo que devia ser tratado com o maior cuidado porque a leitura é um hábito que deve ser transmitido e utilizado na vida social e educacional das pessoas em geral.

Dessa forma, as relações familiares de contato com a leitura são fundamentais para incentivar os indivíduos a alcançar e valorizar o ato de ler. Visto que o ambiente em que esse indivíduo vive tem grande influência nas suas dificuldades de aprendizagem, por isso tem que haver um local estimulante e encorajador para gerar segurança e disposição a aprender (SILVA, 2013).

Sendo assim, o indivíduo desde cedo já tem contato com a leitura, e se esse contato for explorado desde o nascimento, mais habilidades ele vai desenvolver quando chegar ao ambiente escolar. Ler é tão importante que traz para o ser humano um conhecimento que se obtém somente na escola, mas na verdade esse contato faz parte do cotidiano do indivíduo e das pessoas de modo em geral (FREIRE, 1994).

Cabe ressaltar que a leitura está presente na vida do homem desde sua concepção, pois o indivíduo é um ser social e desde seu nascimento, ele se depara com as letras no seu cotidiano, por meio de placas, rótulos, faixas, televisão, vídeo game, computador e outros. Pois antes desse indivíduo saber ler convencionalmente, ele consegue distinguir o que está escrito naquilo que é do convívio dele (CARDOSO; EDNIR, 2001).

Nesse sentido ao trabalhar a leitura em sala de aula com cuidado, o aluno pode desenvolver novos paradigmas das palavras, bom discurso, entonação e até o timbre da voz da pessoa vai melhorando conforme vai fazendo a leitura e um bom ouvinte e ela própria se faz ouvir. Com a leitura pode interpretar, aprender, conhecimento de fundamentos que possa fazer parte de sua carreira profissional no futuro (SILVA, 2013).

Começando a aprender ler e escrever, o indivíduo se defronta com palavras novas que às vezes nem sabem decifrar o seu significado, e essa leitura acaba sendo feita numa construção fonológica da palavra, encontrando a regra da escrita (CARDOSO; EDNIR, 2001).

Solé (1998) diz que, as pessoas são rotuladas com as dificuldades de aprendizagem, mas estas têm condições de alcançar níveis de ajustamento de leitura, se fossem ensinadas a ler de forma correta. Nesse sentido as atividades de leitura não devem ser trabalhadas de qualquer maneira, devem ser planejar para alcançar a melhor forma para desenvolver cada etapa da leitura e assim alcançar um bom resultado com esses momentos.

A leitura tem bastantes significados e valores para a cultura, pois ler pode atribuir sentido e até uma escolha mais extensa. A leitura é uma linguagem ampla e desta maneira aprender a ler é um dos primeiros passos que a criança faz assim que ingressa em sua vida escolar e pode ser um futuro cidadão com autonomia e liberdade de expressão, apesar de alguns conseguirem atingir facilmente essa habilidade da leitura, mas alguns têm mais dificuldades e precisa do mediador para auxiliá-los no seu desempenho (SILVA, 2012).

É muito bom quando se faz uma leitura feita com prazer e quanto mais se lê mais se aprende de forma natural, mas que deve ser adquirido desde cedo, para que possa ter desenvoltura quando a criança começar seu ciclo escolar. Quando uma criança é incentivada a ler, acaba tendo certo prazer pela leitura, mas nunca se deve pressionar a ler por obrigação e cercada de castigo (CARDOSO; EDNIR, 2001).

A leitura se espelha de forma significada na escrita do indivíduo, porque se uma pessoa lê, ela consegue escrever corretamente, respeitando parágrafos, sinais de pontuação e ortografia, memorizando e tendo amplo conhecimento e decifra vários tipos de textos com mais facilidade (FREIRE, 1994).

Diante disso, a família desenvolve um papel fundamental, pois incentivar o hábito da leitura na criança antes mesmo dela frequentar a escola, faz com que ela veja o processo da leitura com naturalidade ao invés de uma obrigação.

A família torna-se assim modelo dessa pessoa e ela acaba tendo um prévio conhecimento e às vezes já até entram na escola sabendo a ler e escrever seu nome, já conhece as letras do alfabeto, já tem o hábito de ler e assim consegue ter uma boa escrita sendo superior a outros alunos que ainda não tem esse conhecimento (MENEGASSI, 2012).

Por isso deve-se dar a devida importância na hora da leitura em sala de aula e juntamente com o auxílio dos pais em casa para que o aluno progrida e se desenvolva no seu aprendizado, mas isso tem que ser sempre praticado para ter um bom ótimo resultado (MORTATTI, 2004).

A leitura é algo contagiante, deve ser feita por prazer, e não por hábito. Ela é muito mais grandiosa que uma ação que fazemos inconscientemente única e exclusivamente porque ela faz parte do cotidiano da sociedade (SOARES, 2004).

Todavia, quando não se tem o hábito de leitura no seio familiar torna-se difícil que os indivíduos que convivem venham a ter gosto pela leitura. No que tange a leitura no âmbito escolar a mesma ocorre a partir da motivação de alguns dos seus professores que leem, e que exercem sempre a leitura, com amor, prazer, satisfação e realização (CARDOSO; EDNIR, 2001).

É importante que por meio da leitura, os indivíduos têm acesso a ser cidadão, as melhores colocações no mercado de trabalho, um entendimento mais profundo de se viver em sociedade, a construir uma personalidade mais crítica, portanto, mais livre para que se busque seu prazer e felicidade pretendida por todos (MORTATTI, 2004).

Entretanto, é importante ressaltar que o sistema educacional brasileiro apresenta grandes dificuldades no processo de ensino aprendizagem da leitura e essas dificuldades de aprendizagem têm sido discutidas desde os primórdios, notadamente nas escolas referente à leitura e escrita (SHIMAZAKI *et al.*, 2008).

Atualmente, sabe-se que os fatores sociais como o ambiente escolar e contexto familiar são determinantes na manutenção dos problemas de aprendizagem. No que tange o ambiente escolar deve-se verificar a motivação e a capacitação da equipe de educadores, a qualidade da relação professor – aluno - família, a proposta pedagógica e o grau de exigência da escola.

As dificuldades de aprendizagem na leitura e escrita eram consideradas até o início do século XX como anormalidades.

O fracasso escolar decorrente da dificuldade na elaboração da leitura e da escrita tem preocupado os educadores, pesquisadores e pais promovendo discussões diante do fato de grande parte dos alunos que estão na educação básica não elaboraram a leitura e a escrita de forma contínua e são encaminhados às salas de recursos com dificuldades de leitura e escrita (SHIMAZAKI *et al.*, 2008).

Considerando que ação de ensinar a ler e escrever caracteriza o processo de alfabetização, que consiste no desenvolvimento de consciência crítica e um dos

instrumentos primordiais para a emancipação do homem. A leitura é nesse sentido um processo que se faz por meio de uma prática social, intencional e planejada (FERREIRO, 2001).

A leitura ajuda o indivíduo na promoção social, possibilitando a construção de novos conhecimentos e acesso aos bens materiais e culturais que a sociedade tem acumulado. A leitura não é somente o cumprimento de uma série de tarefas ou o conhecimento das letras e das sílabas, mas uma compreensão do funcionamento do código escrito que permite compreender, criticar, interpretar e produzir conhecimento (FREIRE, 1994).

Segundo Castillo (1999), a leitura e escrita exige que a criança tenha habilidades como: discriminação visual; discriminação auditiva; memória visual e auditiva; coordenação motora; coordenação motora fina; conhecimento do esquema corporal; orientação espacial; atenção seletiva; domínio da linguagem oral; diferenciação entre letras e outros símbolos; cópia de modelos e memorização de relatos curtos, canções infantis, versos de rima fácil.

Ensinar a ler e escrever exige didáticas diferenciadas capazes de se adaptar à diversidade na sala de aula sendo de responsabilidade tanto do aluno quanto do professor que exige analise sua prática constantemente a partir de determinados parâmetros articuladores (FERREIRO, 2001).

Várias causas interferem na aprendizagem dos alunos, dentre elas os fatores extraescolares e interescolares, tais como o ensino inadequado feito por meio de currículos obsoletos, falta de motivação e fatores socioeconômicos e culturais. Outros fatores são os biológicos e psicológicos, isto é, causas relacionadas ao desenvolvimento biológico e psicológico, tais como a falta de percepção, atenção, memória ou requisitos básicos para a elaboração do conhecimento escolar (KOCH, 1997).

No caso da leitura, as dificuldades podem ocorrer de diversas maneiras, pois estes dois fatores são importantes para conhecimentos futuros. É o apoio para as relações interpessoais, para a comunicação e leitura de seu mundo interno e externo.

Dessa forma, um indivíduo que não tenha solidificado realmente sua alfabetização poderá tornar-se frustrada diante da educação formal, terá deficitário todo seu processo evolutivo de aprendizagem, apresentará baixo rendimento escolar e pouco a pouco sua autoestima estará minada, podendo manifestar ações reativas

de comportamento antissocial, bem como levá-la ao desinteresse e, muitas vezes, até à evasão escolar (D'ESPÍNDOLA, 2009).

As causas que geram as dificuldades de leitura durante seu processo de alfabetização são distintas. Dentre elas relacionam-se: *déficit* perceptual, *déficit* linguístico, dislexia, disgrafia, disortográfica, dislalia dentre outras. Nesses casos a leitura é lenta acarretando baixa compreensão e confusão com palavras semelhantes.

Por isso é importante compreender que o desenvolvimento da leitura resulta da ação de ensinar e aprender, as práticas sociais da leitura e escrita caracterizando-se pelo estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo.

Nesse sentido, para compreendermos o processo de formação dos leitores é importante mencionar que durante muito tempo a aprendizagem da escrita e leitura foi desenvolvida de forma mecânica por meio de um processo direto e imediato (LACERDA, 2013).

Conforme Lacerda (2013) a leitura se apresentava como um mecanismo necessário em favor do sistema de produção e econômico que precisava letrar a sociedade abastada para servir ao mercado de trabalho que necessitava cada vez mais de mão de obra qualificada e técnica.

Entretanto, Klinke *et al.*, (2010) comentam que a leitura requer mais que métodos prontos e necessita atender os fundamentos sociais, culturais e institucionais presente na prática que a produz, por isso torna-se necessário:

Nessa perspectiva o Ministério da Educação enfatiza o ensino e aprendizagem da leitura deve contemplar os aspectos sociais e suas diversidades, valorizando o uso da língua e suas diversas funções, preservando todo seu contexto cultural (MEC, 2007).

Nessa vertente Silva (2011, p. 6) frisa que “o indivíduo que lê está contribuindo para o enriquecimento pessoal e para a sua compreensão do mundo”.

Esse aspecto da leitura ressalta o quanto é importante forma bons leitores, pois a leitura contribui para a formação individual e coletiva como afirma Silva (2009) ao mencionar que o crescimento econômico e social de um país está intrinsecamente ligado com a formação e o grau de instrução de seu povo.

Nesse sentido Lacerda (2013, p. 16) cita que “para aprender a ler e escrever, a criança deveria incorporar um objeto exterior – a língua escrita –, utilizando, para isso, os órgãos da percepção: para a forma da letra, os olhos; para o som da letra, os ouvidos”.

Essa concepção de leitura reforça a defesa que a leitura necessita ser um processo de contextualização do meio no qual o indivíduo está relacionado e não somente a estímulos exteriores que podem contribuir para a formação de leitores funcionais formados por uma percepção pronta e acabada (SOUZA, 2009).

Partindo dessa visão surge a necessidade de reconhecer o importante papel que os pais e docentes tem nesse processo de desenvolvimento da leitura, pois o indivíduo aprende a ler sozinho por meio da apropriação do meio, todavia, o professor tem o papel de mediar esse processo de aquisição da leitura por meio da produção de situações significativas ao leitor (SOARES, 2003).

Percebe-se assim, que o desenvolvimento das fases da leitura é essencial para o leitor captar o universo que o cerca e assim dominar sua linguagem. Essas fases formam bases para o indivíduo aprender a lidar com as dificuldades dos códigos de leituras posteriores que exigem maior compreensão. O desenvolvimento desse processo de leitura ajuda o leitor a desenvolver seu imaginário aspecto fundamental no ensino da leitura que ajuda o indivíduo a contextualizar com a realidade, formando assim sua leitura crítica e intelectual passando a indagar sobre seu papel na sociedade (SOUZA, 2009).

Entretanto, nesse processo de formação de leitores deve-se considerar que muitos alunos enfrentam diversas dificuldades de leitura principalmente no que se refere à interpretação, gramática e vocabulário tornando sua leitura fragmentada (CORSO, 2012).

Nesse sentido surge a necessidade de criar estratégias de aprendizagem de leitura, que possam auxiliar os docentes em na sala de aula, criando assim bases para o processo de aquisição de uma leitura crítica onde o leitor aprenda a captar as informações do texto e contextualizá-la (SOARES, 2003).

Nesse aspecto Kleiman (2012) ressalta a importância das estratégias de leituras na formação do leitor mencionando que elas orientam o indivíduo na compreensão do texto e seu contexto.

Dessa forma, as estratégias atuam como elemento fundamental para a formação do leitor, que precisa ser motivado a leitura, tanto pelos pais quanto pelos docentes gerando nesse indivíduo o desejo e o hábito da leitura sejam para conhecimento ou entretenimento (SOUZA, 2009).

Para Solé (1998) a leitura compreende três momentos fundamentais, a pré-leitura, durante a leitura, e a pós-leitura. O primeiro a concepção que o professor tem

sobre a leitura, a motivação para a leitura, os objetivos da leitura, a revisão e atualização do conhecimento prévio, o estabelecimento de previsões sobre o texto, baseadas nos aspectos do próprio texto, e a formulação de perguntas sobre o texto.

O segundo consiste em como estratégia de leitura nesta etapa, a autora sugere as “tarefas de leitura compartilhadas”, em que o professor e o aluno assumem ora um, ora outro, a responsabilidade de organização e envolvimento no ato de ler. E o terceiro aborda o ensino da “ideia principal” existente no texto, o ensino do resumo, e a formulação de perguntas e respostas (decodificação, compreensão e interpretação).

Todavia, Jolibert (1994) frisa que no processo de formação de leitores é imprescindível que a leitura não se restrinja meramente ao texto escrito, é importante que o leitor faça a leitura externa e interfira junto ao texto para gerar novos conhecimentos e posicionamento crítico quanto a real intenção do texto.

Destarte, se pretendemos formar leitores capazes de reagir a esses questionamentos o professor necessita pensar estratégias que levem esses leitores a se encantarem com a leitura, pois uma das grandes dificuldades que o docente encontra em sala de aula é justamente motivar os alunos a lerem e por mais que educando encontre esse estímulo no processo de escolarização, é importante citar os fatores externos ao âmbito escolar que interferem diretamente na formação dos leitores que é a influência da família (JOLIBERT, 1994).

2.4 A Dificuldade de Leitura e Interpretação

A dificuldade de leitura e interpretação interfere grandemente na aprendizagem do aluno. Não há nada que tenha importância maior, do que o prazer de leitura. Todos falam na importância de alfabetizar, saber transformar símbolos gráficos em palavras. Mas isso não basta.

E preciso que o ato de ler de prazer. As escolas produzem anualmente milhares de pessoas com habilidades de ler, mas que vida fora, não vão ler um livro e quer; acredito piamente no dito do evangelho: “[...] no princípio está a palavra [...]” (BIBLIA SABRADA, MATEUS) e pela palavra que se entra no mundo humano.

Em Ellis, “mostra que a criança em estudo usa rima ou redação dos primeiros anos escolares como recursos de coesão textual” (1995, p. 33).

A criança nessa fase adora brincadeiras rimadas não sabendo ler. Brinca com palavras que rimam com outras. Através dessas rimas despertara curiosidades no ato ler.

“O mesmo pode ser da leitura que consiste apenas na decodificação sonora a um momento no processo de alfabetização em que a criança passa de fase do realismo nominal” (TEBEROSK, 1996, p. 33).

Nessa fase a criança relaciona o tamanho do objeto com a palavra. Exemplo: formiga e boi. A criança irá dizer que a palavra boi é referente a formiga, relacionado o tamanho do objeto com o tamanho do nome.

“A leitura de mundo precede a leitura da palavra, daí o que posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquela que prende dinamicamente” (TEBEROSK, 1996, p. 201).

A criança está acostumada a ver objetos escritos: placas e rótulos, ela conhece a palavra. A primeira coisa que a criança precisa saber é o que representam aqueles risquinhos pretos em uma página branca. A educação com vistas a formação do caráter da autoestima da criança e da personalidade da criança ainda é, na maior parte, responsabilidade dos pais.

A leitura oferecida na escola nos primeiros anos deve ser de acordo com o contexto da criança, porque, torna a leitura do ano real no qual ele vive de fato. Só assim a criança desenvolve a gosto pela leitura passando a compreender a sua importância no seu cotidiano.

O professor não deve preocupar-se apenas com o seu conhecimento através da observação de informações, mas também pelo processo de construção de cidadania do aluno, para que isto ocorra, é necessária a conscientização do professor e que seu papel é de facilitador de aprendizagem, abeto a nova experiência, procurando compreender numa relação matemática, também os sentimentos e os problemas de seus alunos e tentar a compreensão clara e segura do processo de aprendizagem: em que consiste, como as pessoas aprendem, quais as condições externas que os influenciam.

Em sentido geral, qualquer atividade humana praticada no ambiente em que vivemos pode levar a uma aprendizagem: em que consiste, como as pessoas apreendem, quais as condições externas que os influenciam.

Em sentido geral, qualquer atividade humana praticada no ambiente em que vivemos pode levar a uma aprendizagem, desde que nascemos estamos aprendendo, e continuamos aprendendo a vida toda.

No entanto, a partir da leitura de teoria adquirir-se conhecimentos que foram aplicados para a confirmação que a maioria dos alunos não gostam de ler ou não tem hábitos de leitura enquanto a maioria gosta de ler. Outros responderam que às vezes gostam de ler. Entre tanto há ainda uma grande necessidade de mais leituras com esses alunos que possam atingir uma aprendizagem de boa qualidade que encontrará uma escola que promova atividades com motivação e partindo daquilo que a criança já sabe o conhecimento que ela traz de seus cotidianos, suas ideias a respeito dos objetos, suas teorias acerca do que observa do mundo, ela for capaz e desafiar e a construção de novos conhecimentos, na zona de desenvolvimento potencial de educando.

Desta forma poderá estimular processos internos que acabaram por se efetiva, passando a construir a base que possibilitará novas aprendizagens em leituras e interpretações de textos. Conforme foi abordado no capítulo anterior, podemos encontrar fundamentos entre as conquistas já adquiridas pelas crianças, aquilo que ele já sabe que é capaz de desempenhar sozinho também aquilo que a criança tem competência de saber ou desempenhar juntos, o que a criança pode fazer hoje com o auxílio dos adultos poderá fazê-lo amanhã por si só.

Percebe-se que os trabalhos de prontidões, normalmente desenvolvidos no período pré-escolar que tem a intenção explícita de desenvolver na criança, determinadas habilidades não foram desenvolvidas tais como a discriminação áudio visual motoras noções da lateralidade e orientação espacial etc. Com o objetivo de prepará-los para o futuro aprendizado da leitura oral e escrita.

No entanto, a escola trabalha no com texto que não tem nada com a realidade do aluno, assim forma pessoas que não tomam gosto pela leitura e nem se quer compreendem as coisas que lhe rodeia.

A leitura na pré-escola se faz necessária porque ajuda muito no desenvolvimento da criança e favorece o ensino posterior. Quando a criança no primário já consegue entender o significado da leitura ajuda a interpretar os textos que leem. Já no meio rural onde não há pré-escola, a dificuldade na aprendizagem é ainda maior, porque as crianças vêm para a escola com a idade avançada, prejudicando assim um processo de aprendizagem, o que pode justificado o atraso na escola "X".

Por tanto, é necessário que façamos uma estreita relação das atividades diárias no cotidiano do aluno para despertar o interesse pelas atividades educativas.

As escolas deverão reconhecer que as aprendizagens são constituídas pela interação dos processos de conhecimento ou de linguagens efetivas em consequência das relações entre as distintas identidades dos vários participantes do contexto escolarizado, as diversas experiências de vida dos alunos, professores e mais participantes do âmbito escolar.

Quanto a pergunta aberta, o aluno respondeu que acha a leitura importante, porque quem ler muito tem facilidade para atender o texto. Nessa expectativa, muitos alunos não gostam de ler, porque a escola não proporciona uma biblioteca adequada, nem sala de leitura que venha satisfazer as necessidades desses alunos.

Na biblioteca escolar é necessário que sejam colocados à disposição dos alunos, textos, como: livros de contos, romances, poesias, enciclopédias, dicionários, jornais, revistas infantis, em quadrinhos de palavras cruzadas, e outros jogos (AJURIAGUERRA, 1980, p. 92).

Leitura do mundo precede a leitura da palavra daí o que a posterior leitura deste aluno não possa prescindir da continuidade da leitura daquele aluno (TEBEROSK, 1996). O aluno precisa compreender que ler é um exercício que se presta ao prazer e não serve apenas para a execução de tarefas escolares e atendimentos de interesses transitórios.

É papel da escola alfabetizar, formar indivíduos que convivam com a leitura, obtendo dela conhecimento e prazer. Oportunizar aos alunos o desenvolvimento de uma atitude crítica reflexiva diante dos textos, com isso, a escola pode ajudar a compor modos de ler que produzam prazer e conhecimento (MASSINI-CAGLIARI, 1999, p. 341).

Uma leitura que não se limita à decodificação é instrumento de compreensão e estabelecimento de ricas relações interpessoais, acrescenta Massini-Cagliari (1999).

Ao professor que atende alunos em processo de alfabetização, cabe ainda a tarefa de possibilitar um contato sensorial com o livro. A relação com o livro antes de aprender a ler e auxilia a criança a torná-lo significativo como um objeto que proporciona satisfação. Isto ocorre porque ao tocar, manusear, olhar, analisar, o livro

e brincar com suas folhas e gravuras, a criança sente um prazer similar ao proporcionado por um brinquedo.

No entanto há crianças que por diversos motivos, não recebem a oportunidade de contato sensorial com o livro. Nestes casos existem duas possibilidades: a criança aceita o desafio de aprender a ler, porque entende a escola como um tempo necessário como um ritmo de passagem para a vida adulta ou tem uma experiência infeliz com a aprendizagem e não consegue representar mentalmente a escola como um tempo necessário para a vida.

Isso mostra que a criança precisa dar sentido a escola e a leitura, antes de dominar o código de escrita. Permita que os alunos manuseiem diversos livros e explorem as estantes das bibliotecas, são formas de proporcionar o contato significativo com o livro.

Ler histórias em quadrinhos para os alunos e. Ao ouvir um conto, a criança sente-se cativada pela entonação e pela sonoridade da voz narrador e pelas ilustrações que tem a oportunidade de analisar.

Saber ler ou não é apenas conhecer o sistema alfabético da língua escrita, mas é também saber ler criticamente, reconhecendo diferentes tipos de textos.

Para que o aluno tenha uma compreensão crítica do ato de ler, não basta decodificar, é preciso que ele possa integrar a leitura com realidade em que vive, ou seja, que signifique o texto por meio da sua compreensão do mundo.

“Acredita que uma leitura lúdica e desarticulada de propósitos pedagógicos pode ser um importante instrumento para os alunos, aprenderem as diversas linguagens literárias” (MAZZOTTA, 2001, p. 230).

Ler não é apenas decodificar, é analisar e contextualizar a leitura. E saber opinar, concordando ou discordando do que se está lendo. O hábito da leitura deve fazer parte do nosso cotidiano. Faz-se urgente à revitalização da busca de conhecimentos através dos livros. Infelizmente o livro não é valorizado como deveria. Nossa cultura não privilegia o livro como nosso conhecimento e ampliação de cultura.

Quando a maioria da população começa a ler, ela irá questionar o porquê de tanta exclusão, tantas diferenças. Aí está o grande perigo para os que detêm o poder, pois a sociedade irá se organizar e lutar por melhor qualidade de vida.

Entender a leitura e entender o que pode ensiná-la, é falar sobre ela, ser um leitor que sente prazer nessa prática, mediar textos e leitores. Esses são os desafios do professor nesses tempos atuais.

O ensino da leitura deve partir das experiências individuais do professor enquanto leitor, da discussão e diálogo com os alunos e outros professores e da consideração na história de leitura de cada um.

Na década de 1970, no BRASIL, a leitura se tornou um campo de investigação de ordem teórica e metodológica, não mais se restringindo aos estudos e propostas de alfabetização ou pesquisas ligadas aos hábitos do leitor e ao ensino de literatura (MAZZOTTA, 2001).

Novos rumos foram tomados em relação à literatura com a sua apropriação pelas ciências da linguagem, libertando-a dos vínculos com a alfabetização e com a aprendizagem da escrita.

O tema da leitura adveio não só das inovações no campo intelectual, de pesquisadores brasileiros ligados aos mais recentes estudos linguísticos de outros países, mas também do fenômeno, hoje posto em dúvida como o da tão falada crise de leitura, suscitando o interesse de estudiosos de ciências, como a psicologia, a sociologia, a antropologia, a história, concorrendo para o aprofundamento dos estudos no campo da educação, colocando em questão as práticas da própria instituição que detinha o poder sobre a leitura, a escrita e a escola.

Tais contribuições vieram mesmo a indicar questões problemáticas no campo da educação e, mais especificamente, da alfabetização correlacionando-as a escassez de material e má qualidade dos textos lidos na escola. Junto a isso, também se verificou a crescente concorrência dos meios de comunicação, que tendeu a seduzir o público leitor para outras esferas de interesses, afastando-o do universo social, e cultura que a escola busca preservar, desconsiderando, no entanto, muitas vezes, as mudanças de nossa sociedade, altamente técnica e em processo de desenvolvimento.

Sendo assim, o livro didático e o livro literário não são materiais suficientes para o desenvolvimento das habilidades de um leitor dinâmico e criativo. O professor deve trazer textos que circulem em nossa sociedade, de grupos letrados, com diferentes construções discutidas para que os alunos se apropriem desses modelos a fim de poder ampliar as suas possibilidades comunicativas.

Bilhetes, carta, histórias em quadrinhos, propagandas e outros gêneros podem ser encontrados em contar com outros meios de comunicação que proporcionam outras formas de leitura pela função de linguagens como o da imagem

e ver verbal, no caso da televisão e os outros recursos expressivos de linguagens faladas utilizadas pelo rádio.

Criar um cantinho de leitura em cada sala de aula, incrementar a biblioteca da escola por meio de eventos como exposições de livros, sair para conhecer e pesquisar em biblioteca da escola por meio de eventos como exposições de livros, palestras com autores, leituras e dramatização de livros, sair para conhecer e pesquisar em bibliotecas públicas e outras atividades ligadas ao interesse da leitura são passos essenciais e significativos para a formação de um novo tipo de leitor.

A escola deve proporcionar aos alunos um ambiente rico, utilizando uma tipologia variada de textos que circulem em nossa esfera social, formando um novo público leitor, capaz de entender a sociedade em que vive e de transformá-la.

O professor não pode e não deve confiar em uma metodologia especial, mas nas tentativas de sua experiência, fundamentada por sua competência pedagógica.

2.5 Motivação em Ler

Apesar dos alunos gostarem de ouvir histórias, a professora deveria aproveitar essa hora para motivar os alunos oferecendo-lhes uma enorme quantidade de matérias fáceis para a criança ler e na idade adequada, para proporcioná-lo encanto pelas histórias. Porque quando se está em uma sala de aula deve-se estar sendo um ser aberto a indagações, a curiosidade, as perguntas dos alunos as suas inibições, um ser ao crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho a de ensinar e não a de transferir conhecimentos, mas criar as propriedades para a sua própria produção ou a sua construção.

A missão de cada escola, cada professor é promover o pleno desenvolvimento do educando, preparando-o para a cidadania e qualificando-o para o trabalho. Cuidar não apenas da tarefa de ensinar, mas de dar conta de muitas outras dimensões, que fazem de cada pessoa seres humanos perfeitos, completos e felizes. Se não há motivação, nas há matéria prima disponível, portanto, não há como se dá o nosso conhecimento, pode haver memorização mecânica, mas não construção.

A primeira motivação de criança é quando aprende algo novo, nesse caso, a leitura, ela tem o maior prazer para exercitar para os outros, é nessa hora que o professor entra em cena para motivar.

[...] define a motivação para aprender, nada mais do que é o reconhecimento, pelo indivíduo, de que conhece algo irá satisfazer suas necessidades atuais e futuras. Ela também pode ser encarada como um psicológico em construção. A motivação humana deve ser compreendida na relação entre os aspectos cognitivos e afetivos da personalidade, ambos largamente dependente do meio social. A motivação está ligada a auto consequência do indivíduo (seus ideais, seus projetos, sua visão de mundo) e aos aspectos inconscientes de sua personalidade (DE MEUR; STAES, 2004, p. 96).

Pode-se assim, dizer que uma pessoa motivada para aprender constrói o conhecimento mais prontamente do que uma sem motivação. Na base da motivação, encontra-se tantas razões, de ordem geral com aqueles de ordem específica: vontade de aprender, necessidade de realizar-se desejo de receber determinada recompensa ou de evitar certa punição.

Essa pesquisa prova que a falta de motivação pela leitura e de acompanhamento familiar adequado, escolar pensar em um projeto de leitura junto à família adequado, interfere na aprendizagem do educando. Por isso, é necessária a instituição escolar pensar em um projeto junto a família que venha favorecer e ajudar o leitor mirim na construção do seu conhecimento através de pesquisas na escola.

Hoje a nossa sociedade é ausente, precisamos muito de uma sociedade participativa, diante do papel da escola tem que trabalhar a formação e a informação. A escola junto com a sociedade irá formar os indivíduos pesquisadores, críticos participativos, questionar, saber conhecer seus direitos e deveres.

Hoje a educação tem sido falha, porque muitas vezes não trabalha a realidade do aluno. Mas iremos trabalhar para ter uma educação de qualidade. A escola inclusiva organizada. Uma aprendizagem significativa, com um currículo atualizado e com uma avaliação produtiva, através dessas qualidades terá alunos, motivados para leitura e interpretação de textos.

Algo que o professor deve conseguir no começo de uma aula, como condição necessária para motivar seus alunos a aprender e atrair sua atenção, despertando sua curiosidade e interesse, característica que é preciso destinge, e mostrando a importância do que vão aprender.

Se nós professores, não utilizarmos atividades que manifestem a importância interna da aprendizagem almejada, ou se as mensagens utilizadas indicam que, está em jogo é sair-se bem ou mal diante dos outros etc. Como eram ilustrados como os exemplos expostos, em vez de gerar processos de enfrentamento motivacional mente o de quadros, ativam-se a ansiedade e as estratégias de enfrentamentos centrados

mais na consecução ou evitar de um resultado externo a tarefa o juízo de êxito ou fracasso que se vai receber do professor que na própria aprendizagem.

A motivação, como se pode comprovar, não depende só do aluno, mais também, do contexto. Daí a importância de os professores avaliarem e modificarem, se preciso, a meta que suas mensagens privilegiam, já que ela define porque é relevante ao aluno fazer ou aprender o que se pede.

O professor é um pesquisador em serviço, aprende com a prática e a pesquisa, e ensina a partir do que aprende. Realiza-se aprendendo, pesquisando e ensinando. O seu papel é fundamentalmente o de um orientador, mediador intelectual, informa, ajuda a escolher as informações mais importantes, trabalha para que elas se tornem significativas para os alunos, permitindo que eles as compreendam, avaliem conceitual e intelectualmente.

O professor tem esse papel importante com orientador mediador gerencial e comunicacional, pois é ele que organiza grupos, atividades de pesquisa, e ritmos interações. Organiza o processo de avaliação. É a ponte principal entre a instituição, os alunos e os demais grupos envolvidos como a comunidade por exemplo. Organiza o equilíbrio entre o planejamento e a criatividade. O professor atua como orientador comunicacional e tecnológico ajuda a desenvolver todas as formas de expressões, de interação, de energia, de troca de linguagem, conteúdos e tecnologias.

Cada docente pode encontrar sua forma mais adequada de integrar as várias tecnologias e os muitos procedimentos metodológicos. Mas também é importante que amplie, que aprenda a dominar as formas de comunicação interpessoal, grupal e os de comunicação audiovisual.

Portanto, é importante que cada docente encontre sua maneira de sentir-se à vontade para iniciar meios que favoreçam ensinar melhor e com qualidade, isto é um ensino de qualidade que vise um adequado uso de equipamentos tecnológicos no ato de aprender, envolver muita coerentes, aberto, participativos, com infraestrutura adequada, atualizada, confortada, tecnologias acessíveis, rápido e renovadoras; uma organização que consegue docente bem preparados e intelectual, emocional, eticamente bem remunerados, motivados, preparados intelectual e emocionantes, com a capacidade de gerenciamento pessoal e grupal.

Portanto, o desafio é caminhar para um ensino e uma educação de qualidade, que integre todas as dimensões do ser humano. Para isso precisamos de pessoas que façam essa integração em si mesmas no que concernem os aspectos sensoriais,

intelectuais, éticos e tecnológicos, e que transmitem de forma fácil entre o pessoal e o social, que expressem nas suas palavras, ações e transformações.

Neste contexto, o papel de professor assume grandes modificações, nesta nova era, pois o ato de aprender também consiste em mudanças.

E na relação com o meio, que a criança desenvolve, construindo suas hipóteses sobre o mundo que a cerca. O professor deve respeitar o nível de desenvolvimento das crianças. Não se pode ir além de suas capacidades, nem as deixar agir sozinhas (PIAGET, 1978. p. 136).

Na pesquisa o aluno responde que a professora não conta histórias para os alunos. Onde percebe que a professora não tem nenhuma responsabilidade com a motivação de seus alunos.

Os assuntos de motivação têm sido colocados no centro das discussões à cerca do que vai mal em nossas escolas. A motivação tornou-se um problema de ponto em educação pela simples constatação de que, em paridade de outras condições sua ausência representa queda de investigação pessoal, de qualidade nas tarefas de aprendizagem. Alunos desmotivados estudam pouco ou nada e, conseqüentemente, aprende pouco.

Em última instância, aí se configuram uma situação educacional que impede a formação de indivíduos, mas competentes para exercerem a cidadania e realizarem-se como pessoas, além de se capacitarem a aprender pela vida afora. Considere-se ainda que o próprio desenvolvimento do potencial de cada um depende consideravelmente das aprendizagens escolares.

A compreensão do papel do professor e da escola em relação à motivação dos alunos tem como elemento desencadeante à constatação de que existem problemas potenciais ou reais, como foram descritos acima.

Cabe aqui, um esclarecimento, uma vez que a respeito tem surgido mal-entendidos e posturas extremistas. Problema de motivação estão no aluno, no sentido de que ele é o maior prejudicado. Mas isto não significa que ele seja o responsável, muito menos o único, por essa condição. Assim, não seria correto generalizar que a motivação ou seus problemas é dos alunos. Há uma convergência de resultados de pesquisas, que atentam que tanto a motivação positiva e desejável com a sua ausência ou distorção tem a ver com determinadas condições ambientais.

Naturalmente, a aprendizagem controlada por recompensar, obter satisfações pessoal ou elogios de professora é preferível aquela realizada apenas para não receber castigos dos pais, para não repetir de ano, ou para evitar “pitos” da professora. De igual modo, aprende-se melhor quando se espera alcançar sucessos do que quando se tem expectativa de fracasso. Neste último caso, a criança não investe energia suficiente para poder realizar adequadamente a tarefa.

Um dos trabalhos mais importantes a serem desenvolvidos pelo professor, junto aos seus alunos é, portanto, motivá-los com elogios ao desempenho. Ao contrário, o bom professor procura fazer com que a escola lhes coloca. O prazer vem, assim, de própria aprendizagem, do sentimento de competência pessoal, da segurança de ser hábil para resolver problemas.

Convém ressaltar que o trabalho intelectual feito sobre materiais ou conteúdos significativos é sempre mais produtivo do que aquele envolvendo conteúdo ou matérias sem nenhuma significação para quem aprende.

Novamente, entra aqui o papel do professor. Cabe-lhe explicar a classe o que vai ser estudado, por que razões e com quais finalidades. Se houver compreensão são a respeito de importância de determinada tarefa, ela passa adquirir significação e a atividade intelectual se agiliza.

2.6 Acompanhamento dos Alunos Frente o Hábito de Ler

Expresso que através de múltiplas formas de diálogo deve contribuir afirmativa presentes capazes de protagonizar ações solidarias em relações aos conhecimentos e valores indispensáveis a vida cidadã.

Sabe-se que a afetividade e a autoestima começam no ambiente familiar produto da relação com seu país ou responsáveis, porém essa continua no âmbito escolar na relação com docente e/ou grupo de colegas sendo assim nesse processo não é linear onde um que dar e o outro que recebe surge uma interação entre os alunos. Quando o aluno é aceito e compreendido devolve os mesmos sentimentos para se sentir reconhecido e valorizado.

Na visão do autor o ensino da leitura começa no primeiro ano de vida da criança uma das primeiras coisas que as crianças devem pegar e ver são os livros de

gravuras A ajuda dos pais continua a se necessário mesmo que ela tenha aprendido a ler A criança deve ser capaz de sentir o interesse dos pais pelo que está lendo.

Jean Piaget faz o seguinte comentário:

O pai precisa buscar soluções mais eficazes do que simplesmente por achar que frequentar uma boa escola o filho está aprendendo. A família ainda é um lugar privilegiado para a formação da educação infantil, embora a escola, os clubes, os companheiros e a televisão exerçam grande influência na formação da criança, os valores morais e os padrões de conduta são adquiridos essencialmente através do convívio familiar (PIAGET, 1978. p. 136).

s pais deviam tomar as providencias desde o início do ano. Estabelecer horários de estudo, contratar professores particulares, acompanhar pessoalmente as tarefas escolares etc. Criar um ambiente favorável para que todos da família façam suas tarefas e uma excelente alternativa. O pai pode sentar-se perto do filho para ler um jornal ou para fazer uma contabilidade, a mãe para ler sua revista, fazer tricô ou corrigir provas da escola e as crianças para fazerem as tarefas.

2.7 O Papel dos Pais na Escola

Os pais devem se envolver na educação dos filhos também na escola. foi se o tempo em que os pais abandonavam os filhos na escola dizendo que a partir daí a escola era responsável pela educação deles a integração familiar x escola, tem um canal privilegiado na APM que tem papel fundamental para a formação dos jovens

A educação dos filhos e uma preocupação de pais e educadores. A influência que os filhos sofrem junto aos meios de comunicação junto aos amigos e junto à escola, leva a conclusão de que este processo educativo é um componente importante na formação de cada filho. Os pais têm uma ferramenta que, se for bem usada, poderá resultar em dividendos para todos os filhos, a escola, amigos e pais. É a APM que na escola reúne, primeiramente os pais, professores e diretores em reuniões para discutir, analisar e definir objetivos para serem realizados dentro da escola, e por isso devem estar sintonizados com seu pensamento. Através destas reuniões, são traçadas novas metas que, para serem atingidas. Exigem a participação de todos.

A função da APM é integrar a família e escola. Mas que nunca os pais têm que preparar seus filhos para serem cidadãos éticos, felizes e competentes. Esse preparo e exercício começam em casa, na vida prática do cotidiano.

A família não pode mais se fechar em torno dos seus problemas com os filhos, buscando soluções como se estivessem reinventando a roda, enquanto lá fora a corrida é de carros [...] hoje a educação tem que ser um projeto e não uma colcha de retalhos costuradas a tantas mãos com soluções dispare e até contraditórias entre si (DE MEUR; STAES, 2004, p.30).

As famílias hoje têm que ser alta performance. Uma família em que todo o integrante em seus momentos de liderança pelas merecidas e reconhecidas competências.

Uma das grandes diferenças que ocorreram foi a grande diminuição de tempo de convivência entre pais e filhos que vão para a escola com dois anos de idade.

Nenhuma casa do saber será honrada se não conseguir transmitir aos seus alunos o respeito e a gratidão aos seus professores. Esses valores deveriam vir a casa, praticados na escola para se transformar em benefício social (DE MEUR; ATAES, 2004, p.68).

Promovendo atividades educacionais e tendo por objetivo fundamental a educação escola. Um dos meios de se obter esta aproximação, além das reuniões, são os eventos que a escola promove, através das atividades, tais como: festas do dia das mães dos pais, dos professores, das crianças, dos estudantes, festas juninas, festas de leitura, feira de arte e ciências, dia de ação de graças festa de Natal, formatura entre outros.

Sabe-se que para melhorarmos cada vez mais, precisamos da atenção afetiva dos pais, professores e alunos em todas as atividades propostas precisam-se debater novas, ideias, novas propostas, pois vive-se “era das inovações” tem-se que ter claro o que se quer para os filhos, e certamente o que se quer é o que existe de melhor.

A educação é sem dúvida nenhuma, uma obra complexa demais para ficar apenas sob responsabilidade da família ou da escola. A escola qual nossas famílias se integram de uma tradição e um presente que nos garantem a concretização das nossas esperanças.

A experiência tem nos mostrado ao longo do tempo que sistemas educacionais deram certo, e continuam dando.

Ensinar uma criança a prender é uma das maiores lições de vida que os pais podem passar aos seus filhos. Nada impede que a criança aprenda sozinha, mas ela vai saber fazer muito melhor sozinha depois que aprender o básico.

Ensinar algo exatamente quando ela busca a resposta é o momento ideal para o aprendizado. Tentar ensinar do tempo é desperdício de esforço dos pais e desgaste do filho para o aprendizado.

Assim que pergunta, uma criança aguarda o tempo para ouvir uma resposta. É o momento sagrado do aprendizado. Em seguida, vem o tempo de querer fazer sozinho.

Os pais têm que estar atentos, para perceberem quando e chegado o momento exato do aprendizado, porque a criança para com atividade motora, o resto fica meio parado, olhos, e quase se percebe o cérebro em plena atividade.

É tempo de semear também os ensinamentos que os pais queiram que seus filhos aprendam, incluindo os valores superiores como: gratidão, religiosidade, disciplina, ética, cidadania etc.

O ensinar é um amor bem próximo do dádioso, pois o mestre sente-se gratificado pelo que conseguiu passar para o seu aprendiz. Assim também os pais se sentem realizados quando seus filhos são educados.

A criança precisa do amor quer ensinar, pois ela nasceu somente com seus instintos e imenso potencial de aprender, e aprender o que existe em sua volta.

O amor que ensina é um investimento efetivo e material para um bem viver futuro do filho. Para Piaget,

A inteligência não é um 'Dom' é uma construção Ao agir sobre os deserto e situações, a criança vai construindo extremos cognitivos reconstruindo o mundo, ao mesmo tempo em que constrói sua inteligência. Esquemas cognitivos São ferramentas que nos permitem a prender a realidade. Esses esquemas cognitivos não são ensinados são construídos irmãos, professores, colegas etc.) (PIAGET, 1978, p. 34).

A escola não existe só para preparar os jovens para o mercado de trabalho. Ela também deve formar política honestos, cidadãos, cumpridores de suas obrigações, bons pais e mães homens e mulheres sem preconceito.

Os alunos devem terminar a 4 série do Ensino fundamental e devem ser capazes de produzir e interpretar texto, tanto para as necessidades do dia -a -dia, escrever um recado, ler as instruções de uso de um eletrodoméstico com para ter

acesso aos bens culturais e a participação plena no mundo letrado, entender o que é dito num telejornal e ler um livro de poesia.

Cabe a escola desenvolver também a linguagem oral dos seus alunos. Aprende-se a falar fora dos bancos da escola, mas na sala de aula é possível a fala mais adequada e eficiente nas diferentes situações cotidianas.

Ler e escrever são atividades que se complementam. Os bons leitores têm grandes chances de escrever bem já que leitura fornece a matéria-prima para a escrita. Quem ler mais dispõe de um vocabulário mais rico, e compreender melhor a estrutura gramatical e as normas ortográfica da língua portuguesa. Quanto mais variados, interessantes e divertidos forem os textos que apresentarmos as crianças maiores será a chance de elas se tornarem leitores hábeis.

De modo concreto não podemos pesar que a construção do conhecimento é entendida com individual. O conhecimento é produto da atividade e do conhecimento humano marcado social e culturalmente. O papel do professor consiste em agir com o intermediário entre os conteúdos da aprendizagem e a atividade construtiva para as simulações.

O trabalho do professor em sala de aula seu relacionamento, o modo de agir. Numa determinada concepção do papel do professor que por sua vez reflete valores a padrões da sociedade.

Nos professores, devemos buscar educar para as mudanças para a autonomia para a liberdade possível numa abordagem global trabalhando o lado positivo dos alunos e para a formação de um cidadão consciente de seus deveres e de suas responsabilidades sociais O indica de repetência e da dificuldade que a escola tem, em ensinar a ler a escrever.

Este diagnóstico visa a entender a últimas etapas de diagnóstico da 4 série que consiste no levantamento de dados e informações para se ter uma visão de conjunto das necessidades e problemas da escola e facilitar a escolha de alternativas de soluções Diagnóstico consiste no levantamento de dado e informações para ser ter uma visão de conjunto das necessidades e problema da escola e facilitar a escolha de alternativas de soluções (CHICON, 1999).

O diagnóstico não se limita a uma visão inicial, mas se realiza como processo permanente de identificação de necessidade e possibilidade que permitam rever ou reafirmar as opções uma vez que a realidade e dinâmica viva e mutável.

Fazer diagnóstico não é só “criticar” (no sentido vulgar), ver os objetivos. Estamos numa luta, precisamos conhecer nossas forças e a do inimigo: temo que identificar os fatores dificultados quanto os facilitadores não se trata, portanto, de mera descrição da realidade: embora a descrição seja necessária não é suficiente para sua compreensão crítica um diagnóstico bem-feito é meio caminho andado para uma boa programação (GATE, 2001, p. 160).

2.8 Psicomotricidade

Psicomotricidade segundo a maioria dos autores, é uma ciência que utiliza fundamentos de várias outras áreas (neurologia, psicanálise, educação física, biologia, pedagogia e linguística) com intuito de educação, reeducação ou terapia, conforme seja o caso. “Ela procura a integração da energia do indivíduo, utilizando para isto, o movimento e, levando em consideração os aspectos efetivos, cognitivos e motrizes” (BARRETO, 2000, p.37). Barreto também discorda que a psicomotricidade se constitua em ciência, abordando-a antes como uma técnica, utilizada pela ciência da motricidade humana.

A psicomotricidade é uma área de conhecimento encruzilhada que pega subsídios de outras áreas (neurologia, educação física, pedagogia, psicanálise, psicologia e linguística) com a finalidade de educar ou de reeducar o ser total, ou seja, o ser que pensa, o ser que age e o ser que se comunica (verbal e infra verbalmente).

O psicomotricista procura ver o corpo nos seus aspectos neurofisiológicos, anatômicos e locomotores, coordenando-se e sincronizando – se espaço e no tempo, para emitir e receber significados e significante. Dentro desta abordagem Barreto, afirma que a psicomotricidade é o relacionar-se através da ação, como um meio de tomada de consciência, de unificação do corpo e da mente e, conseqüente integração a si, ao outro e ao meio de geral (2000).

Segundo Dupré (*apud* BARRETO (2000, p. 49), a psicomotricidade é “a solidariedade original e profunda entre o pensamento e ação, assim como sentimento e a personalidade de todo sujeito”.

Vários são estudiosos da psicomotricidade, dentre os quais citamos André Lapierre, Bernad, Aucouturier, Lê Boulch, Dalila Molina Costallat, Simone Ramain, Jean Claude Giselle Soubiran, Germanine Rossel Marianne Frosting e Perre Vayer.

De acordo com Coste, "Psicomotricidade é uma ciência encruzilhada, onde se encontram múltiplos pontos de vista: sociais, afetivos, biológicos, psicológicos, psicanalíticos, educacionais, neurológicos e motrizes" (COSTE, 1991, p. 92).

Como podemos perceber, é esta e uma área muito ampla e não pode ser abordada de maneira simplista, pois Barreto, procura demonstra que a psicomotricidade não possui epistemológica, estando dentro da ciência da Motricidade Humana como área de conhecimento (BARRETO, 2000).

A psicomotricidade pode ser dividida em Educação psicomotora. Reeducação psicomotora e Terapia psicomotora. Nós nos prendemos, nesta obra, ao aspecto educativo e reeducativo da psicomotricidade.

As atividades desenvolvidas na educação psicomotora visam propiciar a ativação dos seguintes processos: vivenciar estímulos sensoriais para discriminar partes do próprio corpo e exercer um controle adequado sobre elas; vivenciar o corpo como um todo, pois este é o referencial primeiro em nossa relação conosco, com os outros, com os objetivos, a organização espaço temporal; vivenciar situações que levam a aquisição dos pré-requisitos básicos necessários a uma boa iniciação ao cálculo, à leitura e à escrita (noções de espaço e tempo, boa linguagem oral, bom controle da respiração, um bom ajuste de tônus, boa coordenação motora, etc.); vivenciar a tensão /relaxamento, visando a aquisição de um melhor ajuste tônico; vivenciar melhor seu próprio corpo, adquirindo assim, uma melhor imagem corporal tendo isso como requisitos indispensáveis a um bom equilíbrio psicossomático.

Para que estes processos possam ser ativados se faz mister sabermos que, na primeira infância, a motricidade e o psiquismo estão, intimamente, ligados. O desenvolvimento efetivo, o desenvolvimento motor e o desenvolvimento intelectual encontram-se no ser humano indissociáveis.

De acordo com Wallon, "educação nos ensina muita coisa [...], porém, pouco a nosso próprio respeito" (WALLON, 1999, p. 15).

Nosso sistema de ensino costuma pecar muito por ministrar atividades recreativas e de educação física, ou de sala de aula, de maneira estanque, dissociadas das outras disciplinas, principalmente, da educação artística. O desenvolvimento global da criança só é possível por meio de uma educação psicomotora, que coloque em jogo, em uma só atividade, aspectos afetivos, cognitivos e motrizes. Benjamin Bloom, na sua famosa "Taxionomia dos Objetivos Educacionais" dá provas de que há necessidade de se trabalhar do domínio psicomotora na escola,

mas cremos que, só com a educação psicomotora, de cunho relacional, é possível se colocar em jogo os três domínios de Bloom (domínios cognitivos, afetivo e psicomotor), numa só atividade, englobando ainda o aspecto sociomotriz, de fendidos por Vygotsky, Vayer, Freinet e Parlebas, entre outros.

O desenvolvimento global da criança se dá por meio do movimento consciente (ação, experiência, criatividade, participação, domínio sobre os objetivos etc.). Atualmente, a educação psicomotora, é sustentáculo, o arcabouço de toda a aprendizagem futuro do sujeito.

No que tange à questão da alfabetização, cremos que o problema central não está nos métodos existentes, mas, sim, na falta de prontidão e de maturação da criança (má estruturação espacial, má estruturação temporal, pobre vocabulário motor-devido ao grande tempo passado em frente ao aparelho de TV – má estruturação do esquema corporal etc.) A questão não está só no método usado, mas, sim na maneira de como utilizar o método. Se ficarmos presos ao método e não aproveitarmos a necessidade bio-socio-motriz de envolvimento da criança, ela não desenvolverá as condições básicas indispensáveis à boa alfabetização e à boa relação eu / outros, eu/objetos e eu / mundo.

2.9 Educação Psicomotora

Segundo Barreto, a educação psicomotora é movimento encarado na sua realização como atividade de organismo total, expressando a personalidade no seu todo. A ação é vivida no seu desenvolvimento para meta exterior (movimento) ou (cálculo, escrita e leitura) e a normalização das condutas (BARRETO, 2000).

De acordo com Lapierre e Lapierre, a relação psicomotora é a uma única possível, antes do aparecimento da linguagem e permanece com um fator determinante, durante os primeiros anos. De acordo com os autores citados ela não é privilégio dos especialistas: realmente, alguns pais e educadores "sabem, por instinto," adotar uma atitude mais liberal, mais carregada de afetividade e de contatos corporais. Estes pais e educadores compreendem intuitivamente, o corpo a corpo com o "outro" (LAPIERRE; LAPIERRE, 2000).

A educação psicomotora é, pois, a educação da criança através de seu próprio corpo e de seu movimento, levando em consideração a idade, a cultura corporal, a

maturação e os interesses da criança. A passagem de um nível inferior para outro superior é feita de maneira gradativa e levando em consideração o ritmo individual e a cultura corporal.

A educação psicomotora atua de maneira preventiva, evitando dificuldades tão comuns à alfabetização tais como má concentração confusão de letras e de sílabas confusão no reconhecimento das palavras, no todo ou em sua divisão silábica, durante a leitura, escrita espelhada, letra elegível dificuldade de passagem do plano vertical para o horizontal etc. A educação psicomotora deve, pois ser ministrada concatenada com todas as outras disciplinas e não somente nas horas de matar o tempo, como é comum acontecer neste país. De dimensões continentais. A educação psicomotora utiliza de maneira mais ou menos uniforme, as funções motoras, cognitiva perceptiva, afetiva e sociomotora.

Conforme Barreto (2000), o intelecto se constrói a partir do movimento, já que este põe em jogo se o professor souber utilizá-lo uma gama de percepções e a integração mente e corpo ou seja facilita a expressão do ser total se dermos oportunidade da criança se movimentar livremente e em atividade orientada (atividade percepto-motoras, principalmente), estimularemos a circulação sanguínea, ajustando a respiração e, portanto, levando mais oxigênio ao cérebro. Como bem o sabemos, o cérebro se alimenta de oxigênio afeto glicose e informações. Acreditamos que a educação psicomotora é capaz de movimentos que levem em consideração a afetividade.

Uma melhor circulação sanguínea como bem o sabemos proporciona uma melhor alimentação celular e uma melhor eliminação dos produtos de refugo.

Na educação infantil, a criança busca experiências em seu próprio corpo, formando conceito e organizando o esquema corporal. A abordagem da psicomotricidade irá permitir a compreensão da forma como a criança toma consciência do seu corpo e das possibilidades de se expressar por meio desse corpo localizando-se no tempo e no espaço.

O movimento humano é construído em função de um objetivo. A partir de uma intenção como expressividade íntima, o movimento transforma-se em comportamento significativo. É necessário que toda criança passe por todas as etapas em seu desenvolvimento.

O trabalho da educação psicomotora com as crianças deve prever a formação de base indispensável em seu desenvolvimento motor, afetivo e psicológico, dando

oportunidade para que por meio de jogos, de atividades lúdicas, se conscientize sobre seu corpo. Através da recreação a criança desenvolve suas aptidões perceptivas como meio de ajustamento do comportamento psicomotor. Para que a criança desenvolva o controle mental de sua expressão motora, a recreação deve realizar atividades considerando seus níveis de maturação biológica. A recreação dirigida proporciona a aprendizagem das crianças em várias atividades esportivas que ajudam na conservação da saúde física, mental e no equilíbrio socioafetivo.

A psicomotricidade como ciência que estuda o homem em sua totalidade, por meio das relações que estabelece consigo e com os outros, constitui uma ferramenta pedagógica para a prevenção e tratamento das dificuldades de aprendizagem. Nos dias atuais, a educação psicomotora trabalha o indivíduo global, nos planos motores cognitivo e afetivo, em vez de enfatizar as áreas com déficits no desenvolvimento; os exercícios mecânicos foram substituídos por atividades livres ou semidirigidas, com expressão do potencial criativo discente.

O histórico da psicomotricidade revela a evolução de uma prática corretiva unilateral, baseada no movimento isolado, para uma ação preventiva abrangente fundamentada na totalidade do sujeito (LE BOUCH, 2004). Dessa maneira, os primeiros trabalhos visavam a reeducação psicomotora e destinavam-se a criança portadoras de deficiência com o objetivo de compensar déficits em seu desenvolvimento.

O psicomotricista ocupava uma posição autoritária e orientava -se por uma noção fragmentada de indivíduo, com a exclusão dos aspectos cognitivos e socioafetivos.

O planejamento pedagógico contemplava exercícios repetitivos para a correção mecânica de transtornos, sem espaço para a expressão criativa do sujeito. Na atualidade, a educação psicomotora assume caráter preventivo, beneficiando a população estudantil de modo geral portadora ou não de NEEs.

Dadas a indissociação estabelecida entre inteligência afetividade e motricidade. Fonseca argumenta que a psicomotricidade constitui um meio de imprevisíveis recursos para combater dificuldades de aprendizagem (FONSECA, 1995).

Situa sua importância no âmbito da crítica social, com a análise e diagnóstico dos obstáculos familiares e sociais que se interpõem ao desenvolvimento global da

criança comprometendo a evolução da maturação psicotônica, esquema-corporal e estruturação espaço-temporal, alicerce de toda a atividade psíquica superior.

O conceito de Psicomotricidade apresentado pela SBP, (2005) reflete a adoção dessa visão mais ampla com o estudo do homem por meio seu em corpo em movimento e das ações que estabelece consigo. Com outras pessoas e objetos. Nessa concepção. O corpo constitui o lugar de origem das aquisições cognitivas e afetivas. Conforme as possibilidades ofertadas pelo processo de maturação orgânica. Nos dias fluentes, a Psicomotricidade é então definida como a ciência de se relacionar pela ação. Com o propósito de harmonizar corpo e mente para melhor integração social do sujeito.

O ser humano é priorizado em vez de seus sintomas. Com emprego de atividades psicomotoras livres. Jogos e dramatizações para estimular e capacidades criadoras e o prazer de aprender. Considerando as potencialidades e limitações delineadas pelo desenvolvimento (LAPIERRE; LAPIERRE, 2002).

Le Bouch (2004), considera a educação psicomotora básica para o ensino infantil visto condicionar toda as aprendizagens pré-escolares e escolares, favorecendo a consciência do corpo, sua lateralidade, lugar ocupado no espaço, domínio do tempo e habilidade para coordenar os movimentos. Desse modo, a educação psicomotora deve ser implementada desde o início da infância, colaborando para a prevenção de transtornos de aprendizagem.

Apresenta três objetivos básicos: obtenção do domínio corporal, com a consolidação das aquisições psicomotoras; controle da inibição voluntárias, com melhoria da concentração para o aprendizado escolar e interação social, com atitudes de solidariedades para com os colegas. As atividades devem ser realizadas em lugar apropriado, com material diversificado (bolas, espaguete, colchonete, jogos) para a expressão das necessidades intelectivas, afetivas e motoras do discente (CABRAL, 2001).

No início, deve-se orientar sobre limites em relação a objetos e pessoas, como também comentar sobre o trabalho a ser desenvolvido; em seguida, explora-se a situação de jogo com atuação livre do educando; ao final o grupo se reúne para fazer um resumo do ocorrido ou discutir temas emergentes. Visto que o professor se coloca como referencial para a criança, importa, além de conhecimentos especializados, a qualidade da sua experiência corpórea (CABRAL, 2001).

A educação psicomotora solicita dessa maneira, um trabalho não somente com o aluno, mas também com o docente a fim de regatar as relações estabelecidas com o próprio corpo. Os pais do mesmo modo, devem ser inseridos nessa prática, aproximando-se dos filhos por meio de situações lúdicas. Cumpre mencionar que educadores e familiares provavelmente foram vítimas de uma educação repressora que inibiu expressões motoras e potenciais criativos (ALVES, 2004).

Essa visão abrangente da educação psicomotora também é constatada, atualmente, no trabalho efetuado junto a pessoas portadoras de deficiência, não mais consideradas em função exclusivamente de seus déficits sensoriais, mentais ou físicos.

O trabalho com o corpo, na Educação Especial, estimula progressos motores, afetivos e intelectivos, contribuindo para a autonomia do deficiente em seu meio, bem como para a melhoria das interações sociais, com o incremento da expressão corporal na comunicação (KAJIHARA, 1998).

Conforme Costa (2003), se a perda auditiva ocorre no período pós-linguístico, com grau leve ou moderado, a prática pedagógica oralista permite ao surdo se comunicar pela fala, explorando seus resíduos auditivos. Por meio da leitura labial e treinamento para discriminação de estímulos sonoros. Em caso contrário, adota-se a prescrição manual, com a língua de sinais, apta a expressão dos diversos significados decorrentes da necessidade comunicativa, sejam objetos concretos ou sentimento abstratos. Atualmente prefere-se uma conduta bi-linguista, com exposição precoce tanto a língua de sinais como a oral.

Assim sendo, são observadas frequentes dificuldades no uso de pontuação. Tempo verbais e conectivos. As reflexões de Coste (1992) advertem que o aprendizado da leitura e escrita se encontra diretamente associado ao desenvolvimento da lateralidade, a propensão em utilizar preferencialmente um dos do corpo em três níveis: mão, olho e pé.

Dificuldades na lateralidade comprometem a discriminação de letra que se diferenciam por seu posicionamento a direita e a esquerda, como b/d e p/q pode prejudicar igualmente a orientação da leitura que em nossas sociedades ocorre da esquerda para a direita.

Depreende-se que as atividades de ler e escrever requerem, por conseguinte, condições básicas do desenvolvimento psicomotor coerentes a maturação do organismo com a integração de funções sensoriais cognitivas, linguística e motoras.

À vista disso a alfabetização deve ser efetivada aos seis anos de idades quando a lateralidade infantil está firmada e as noções de espaço e Tempo aprimoradas.

Em consonância com o exposto, verifica-se que a educação psicomotora abrange todas as aprendizagens do aluno, em etapas progressivas e específicas, conforme as potencialidades e limites determinados pelo desenvolvimento. Consiste numa prática que objetiva atender as necessidades do aprendiz nos planos socioafetivo, cognitivo e motor, prevenindo problemas de aprendizagem, estimulando a capacidade criadora e colaborando para o progresso global do indivíduo.

Configurou, dessa forma, um estudo de caso que, de modo geral, intencionou investigar a contribuição da educação psicomotora para o desenvolvimento cognitivo e afetivo de alunos surdos com problemas de aprendizagem e, de maneira específicas, objetivou verificar o afeito da expressão criativa no aprendizado escolar, bem como averiguar a influência das interações sociais no grupo para as relações interpessoais mais amplas.

O trabalho da educação psicomotora com as crianças deve prever a formação de base indispensável em seu desenvolvimento motor, afetivo e psicológico, dando oportunidade para que, por meio de jogos, de atividades lúdicas, se conscientize sobre seu corpo. A criança desenvolve suas aptidões perceptivas como meio de ajustamento do comportamento psicomotor. Para que a criança desenvolva o controle mental de sua expressão motora, deve-se realizar atividades considerando seus níveis de maturação biológica. A parte recreativa, proporciona a aprendizagem das crianças em várias atividades esportivas que ajudam na conservação da saúde física, mental e no equilíbrio socioafetivo.

A educação escolar não deve ser totalmente dissociada de a criança brincar, já que um de seus objetivos consiste em promover a socialização e a interação entre seus alunos, proporcionadas reconhecidamente pelas brincadeiras.

O grande questionamento que se faz a respeito das brincadeiras na escola é que elas muitas vezes transferem para o aluno uma carga de responsabilidade alta em relação à obtenção de resultados, o que afeta a criança psicologicamente de uma forma negativa. Por isso, as brincadeiras recreativas poderiam ser consideradas como meios mais eficazes para promover essa socialização dos alunos que a educação escolar tanto apregoa, uma vez que normalmente são realizadas em grupos, os quais obedecem ao princípio da cooperação entre seus componentes, estimulando assim a

criança em apreciação do comportamento social, domínio de si mesmo, autocontrole e respeito ao próximo.

Segundo Barreto (2000, p. 97), “O desenvolvimento psicomotor é de suma importância na prevenção de problemas da aprendizagem e na reeducação do tônus, da postura, da direcional idade, da lateralidade e do ritmo”.

A educação de criança deve evidenciar a relação através do movimento de seu próprio corpo, principalmente a sua mão, levando em consideração sua idade, a cultura corporal e os seus interesses. Essa abordagem constitui o interesse da educação psicomotora. A educação psicomotora para ser trabalhada necessita que sejam utilizadas as funções motoras, cognitivas, perceptivas, afetivas e sociomotoras.

A educação pode ser definida como ação psicomotora exercida pela cultura sobre a natureza e o comportamento do ser humano. Ela diversifica-se em função das relações sociais, das ideias morais, das capacidades e da maneira de ser de cada um, além de seus valores. É um fenômeno cultural que consiste em ações psicomotoras exercidas sobre o ser humano de maneira a favorecer determinados comportamentos, permitindo, assim, as transformações.

A diversificação das condições sociais em cada nível escolar e o respeito à individualidade das crianças em cada processo de aprendizagem de gestos e movimentos, estão sujeitos ao ritmo de aprendizagem e às peculiaridades das relações sociais que existem entre os integrantes de cada grupo, classe escolar no meio social.

As bases das formas de aprendizagem das atividades físicas de forma consciente, intencional e sensível são estabelecidas e solidificadas na educação. Essas atividades acompanham, o ser humano de maneira contínua, atuando, sobretudo, nos níveis psicomotor, afetivo e no aprimoramento do rendimento nos estágios de desenvolvimento subsequentes.

A educação escolar está baseada nas necessidades da criança. Tem como objetivo principal, por meio da educação, incentivar a prática do movimento em todas as etapas de sua vida, até chegar a um macro conhecimento.

Falar da importância da educação para a criança é mesmo que falar da importância de ela se alimentar, dormir, brincar, ou seja, suprir todas as suas necessidades básicas.

O desenvolvimento global da criança se dá através do movimento, da ação, da experiência e da criatividade, levando-a conseguir plena consciência de si mesma;

da sua realidade corporal que sente, pensa, movimenta-se no espaço, encontra-se com os objetos e gradativamente distingue suas formas; e que se conscientiza das relações de si mesma com o espaço e o tempo, interiorizando, assim, a realidade.

A educação psicomotora no início da letiva dos alunos, ou seja, nas séries iniciais do ensino fundamental, atua como prevenção. Com ela podem ser evitados vários problemas como a má concentração, confusão no reconhecimento de palavras, confusão com letras e sílabas e outras dificuldades relacionadas à alfabetização. Uma criança cujo esquema corporal é malformado não coordena bem os movimentos.

Suas habilidades manuais tornam-se; o ato de vestir-se e despir-se torna-se difícil, a leitura perde a harmonia, o gesto vem após a palavra e o ritmo de leitura não é mantido ou, então, é paralisado no meio de uma palavra.

As noções de esquema corporal - tempo, espaço, ritmo - devem partir de situações concretas, nas quais a criança possa formar um esquema mental que anteceda a aprendizagem de leitura, do ritmo, dos cálculos.

Se sua lateralidade não está bem definida, ela encontra problemas de ordem espacial, não percebe diferença entre seu lado dominante e o outro lado, não é capaz de seguir uma direção gráfica, ou seja, iniciar a leitura pela esquerda.

Muitos fracassos em matemática, por exemplo, são produzidos pela má organização espacial ou temporal. Para efetuar cálculos, a criança necessita ter pontos de referência, colocar números corretamente, possuir noção de coluna e fileira, combinar formas para fazer construções geométricas.

O que é bem-sucedido com os deficientes poderia se impor também às pessoas normais durante o período de estruturação do seu esquema corporal: a psicocinética, que toma o aspecto de uma educação psicomotora, quando se aplica a crianças menores de doze anos pode ser considerada como uma forma eletiva de educação física nesta idade (BARRETO, 2000, p. 95).

Segundo Barreto (2002), o intelecto se constrói a partir da atividade física. As funções motoras (movimentos) não podem ser separadas do desenvolvimento intelectual (memória, atenção, raciocínio) nem da afetividade (emoções e sentimentos).

Para que o ato de ler e escrever se processe adequadamente, é indispensável o domínio de habilidade a ele relacionado, considerando que essas habilidades são fundamentais manifestações psicomotoras.

Educação psicomotoras é a educação da criança através de seu próprio corpo e de seu movimento. A criança é vista em sua totalidade e nas possibilidades que apresenta em relação ao seu meio ambiente.

Assim, a educação física e a psicomotricidade completam-se, pois, a criança ao praticar qualquer atividade usa o seu todo; mesmo sendo regida, predominantemente, pelo intelecto. A educação psicomotora atinge a criança na sua totalidade.

Barreto (2002), comenta que no início da escolaridade aparecem as dificuldades escolares de muitas crianças. O problema não está no nível de classe em que elas se encontram, mas no nível da base.

A estrutura da educação psicomotora centra – se no nível da base, onde estão os elementos básicos ou pré-requisitos que são as condições mínimas para uma boa aprendizagem.

A importância da educação física para alunos de pré-escola até a quarta série do ensino fundamental levou Barreto (2002) a justificar a introdução da educação psicomotora no ensino fundamental.

Nos casos em que as perturbações do relacionamento fundamental entre o eu e o mundo são evidentes, a reeducação psicomotora às vezes permite obter resultados espetaculares.

Relacionar-se com o outro na escola, através do ensino, é fundamental. Esse relacionamento deve ser bem proporcionado para que haja uma relação entre professor – aluno, aluno – aluno e aluno – professor.

Nesse aspecto as atividades psicomotoras propiciam para a criança uma vivência com espontaneidade das experiências corporais, criando uma simbiose afetiva entre professor – aluno, aluno – aluno e aluno – professor, afastando os tabus e preconceitos que influenciam negativamente as relações interpessoais.

O desenvolvimento psicomotor caracteriza -se por uma maturação que integra o movimento, o ritmo, a construção espacial; e, também, o reconhecimento dos objetos, das posições, da imagem e esquema corporal.

As atividades propostas na educação física através da educação psicomotora devem ocorrer com espontaneidade, pois quando se desenvolvem essas atividades com as crianças nota-se uma grande receptividade por parte delas, visto que ainda não adquiriram tonalidades preconceituosas.

As atividades que envolvem o toque de uma criança com a outra devem ser elaboradas e pensadas, pois não é simples executá-la, até porque muitos educadores têm dificuldades de tocar alguém ou deixar-se tocar.

2.10 Leitura e escrita no Contexto Escolar

A escola sendo um espaço propício ao incentivo à leitura, é capaz de fazer com que o aluno ponha em questão o Universo em que está inserido, dando-lhe margens para interagir como sujeito que pensa. O aluno não pode se limitar as ideias de educadores que veem a leitura como simples decodificação de símbolos gráficos, sem buscar na sua essência os pressupostos básicos de fazer aflorar o senso crítico nos seus alunos partindo de uma necessidade própria de instigar constantemente, socializar a curiosidade e não se satisfazer com ideias prontas, sabendo julgá-las quando necessário.

A professora é fundamental nesse processo, garantindo o espaço e as condições para que os alunos se mostrem nas suas histórias, nas suas preocupações; é ela quem vai identificar, nesse universo de representação que se desvela, os temas, os problemas e os interesses a serem trabalhado pelo grupo. Não é priorizando os aspectos mecânicos da leitura que a escola criará um leitor reflexivo, crítico e participativo, capaz de estabelecer relações com seu mundo. Essencial é a função que a professora vai exercer no encaminhamento do processo da leitura e escrita.

Cabe à escola reconhecer sua capacidade de atuar como estimuladora do processo de leitura e propiciar o máximo em experiências, não apenas com base no código linguístico escrito, mas no ouvir, comentar, criticar, sugerir, ler diferentes linguagens.

O aluno deve ter acesso aos mais variados materiais de escrita, sem, contudo, tornar-se passivo enquanto apenas recebe e aceita o que ler. Ao contrário que seja encorajado o comentário, a crítica, a sugestão, como meios de promover a aceitação ou o questionamento sobre o texto lido. Esse parece ser um caminho mais eficaz que aquele comumente percorrido na escola.

Com essa perspectiva de despertar nos alunos a busca prazerosa pelo ato de ler, de promover a leitura entre eles de maneiras autônomas, reflexiva e crítica, foi que surgiu o projeto de leitura e escrita na escola, implantado pela acadêmica da

Licenciatura Intercultural, Janismara Oliveira Duarte, na turma do 7º Ano do ensino fundamental II, da Escola Estadual Indígena Coronel Mota, na comunidade indígena Olho D'água, município de Normandia, Região Baixo Cotingo, que tem como objetivos: Incentivar o gosto pela leitura.

- ✓ Tornar a leitura prazerosa.
- ✓ Oportunizar ao aluno a escolha do livro que irá ler.
- ✓ Dar liberdade ao aluno de fazer críticas ou elogios acerca do livro lido
- ✓ Conhecer diversos textos.
- ✓ Compreender a importância da leitura.
- ✓ Ampliar o vocabulário.
- ✓ Incentivar o uso do dicionário como recurso para o entendimento das palavras desconhecidas.
- ✓ Possibilitar a troca de conhecimentos entre os alunos.

2.11 Leitura no Contexto Educacional

Compreender uma leitura em contexto educativo. A leitura do mundo precede uma leitura do texto. Paulo Freire Diante das reflexões sobre a formação do leitor, exploremos como a leitura das palavras entra na leitura do mundo. No mundo globalizado em que permanece, alfabetizar é saber ler e escrever. Isso não é necessidades suficientes para atender às, mas contemporâneas. Décadas atrás, bastava saber assinado. No entanto longo dos anos, como coisas. Hoje, para muitas pessoas, saber escrever e tornou-se uma leitura mecanizada de símbolos.

A grande luta dos educadores é demonstrar que a pode se manifestar de várias formas, desde o desenho, a música, e até mesmo através das imagens visuais que hoje o vídeo é transmitido no cinema, na televisão. Acima de tudo, a leitura é importante em todos os ambientes sociais e em todas as formas. Não só deve ser capaz de decodificar sons e letras, mas também deve ser capaz de entender o significado e o uso das palavras em diferentes contextos.

Ler o mundo precede a leitura das palavras porque "as palavras precedem a leitura do mundo, e alguma forma de 'escrever' ou 'reescrever', alterando-o. Mudando-o através de nossa prática consciente" (FREIRE, 1989). Paulo Freire Em sua leitura entende que a "leitura de palavras" antecedeu o mundo da alfabetização, situando a

leitura do papel do educador em escala educacional: a prática concreta de liberdade e construção histórica, os alunos a um processo em que se torna sujeito.

Segundo as palavras de Freire, (1994, p. 11), "O ato de ler não se limita à mera decodificação das palavras escritas ou da linguagem escrita, mas é antecipado e estendido na inteligência do mundo". sentido, ler palavras não é apenas compreender as teorias e lembrá-las, mas extrair significados, interpretá-las com a sociedade que produziu e organiza o conhecimento como leitores.

A leitura levando em conta a visão do mundo, lendo o diálogo do leitor com o autor como se ele se adaptando, contra o texto, tomando-se e reinventando-se o diálogo, tomando-se e reinventando-se. Na cotidiana, os leitores constroem experiências mentais do mundo, resumindo, agrupando, preservando e lembrando-as. Ao iniciar a leitura de um texto, a criança aciona memórias, procura relevantes e, dessa forma, constrói uma compreensão do texto.

Ler o mundo sempre foi fundamental para compreender a importância do ato de ler, escrever ou reescrever e modificar por meio da prática consciente. Esse movimento, a partir de um dos módulos existenciais, não deve a experiência dos educadores do mundo dos grupos de massa, expressando sua linguagem real carregando o sentido de sua experiência, não a experiência dos educadores.

Sabemos que é única, mas, segundo Maria Helena Martins, os três níveis de leitura não diferenciados ou hierarquicamente, mas sim simultaneamente e, portanto, inter-relacionados. São eles: leitura sensorial, leitura emocional e leitura racional. Os sentidos estão diretamente relacionados aos sentidos; os perceptivos lidam com todas as emoções, enquanto os racionais se concentram nas partes intelectuais, reflexivas, dinâmicas e questionadoras que permitem compreender o texto apresentado. Os autores enfatizam os níveis de leitura estão correlacionados e, quando ocorrem juntos, me dão enriquecimento ao comportamento de leitura.

Conforme Soares (2001, p.1), "se uma criança sabe ler, mas não é capaz de ler um livro, uma revista, um jornal, se sabe escrever palavras e frases, mas não é capaz de escrever uma carta, é alfabetizada, mas não é letrada". Observamos que nas sociedades alfabetizadas, a alfabetização por si só não é suficiente para vivenciar plenamente a cultura escrita e responder às necessidades da sociedade atual. Isso dá origem à discussão entre alfabetização e alfabetização. Qual destes eixos você está procurando? Considera questões importantes sobre leitura e escrita. Portanto, vamos iniciar o conceito de alfabetização e alfabetização. Combinando esses dois

conceitos, pretendemos refletir sobre a importância dos professores em uma leitura e escrita de diferentes tipos de textos para escritores.

De acordo com Soares (2001) a alfabetização também tem consequências linguísticas". Em uma sociedade alfabetizada, a transição da escrita para a vida social é uma ocorrência constante. Não só nas atividades de leitura e escrita, mas também nas atividades de fala. Ainda, Soares (2001, p. 145), a alfabetização é descrita como "o ou condição de um indivíduo ou grupo social que funciona como uma sociedade de prática de alfabetização e participação com competência nas atividades de alfabetização".

Os autores enfatizam duas dimensões da alfabetização: pessoal e social. Quando das dimensões dos indivíduos da alfabetização, especificamente a capacidade de ler e escrever e compreender o que está lendo e elaborando, define-se um conjunto de habilidades, a saber: motora, cognição e metacognição. Soares salienta (2001) ainda que ler e escrever processos são diversos, embora complementares, que exigem habilidades. Elementos básicos da alfabetização é o chamado evento de alfabetização, conceituado Como atividade de alfabetização, qualquer situação em qualquer pessoa com habilidade para escrever participar

Na modalidade de alfabetização pessoal, que há um problema de não aprender. Os alunos se consideram responsáveis por não aprender. Esse é um padrão comum entre os alunos em processo de alfabetização, onde eles se culpam por não aprenderem quando crianças. Por outro lado, o modelo ideológico de letramento enfatiza que "todas como práticas de letramento não são apenas aspectos culturais, mas também aspectos das estruturas de poder social" (KLEIMAN, 2001, p. 38).

Kleiman discute, que as citações aqui transcritas precisam de mudar como práticas escolares para criar conflito de sala de aula para que as práticas sociais possam ser examinadas e repensadas como práticas sociais dominantes para exames e repensadas. Segundo os autores, é necessário que os alunos tragam seus conhecimentos, experiências e experiências para a escola.

Outra questão a ser considerada envolve diferenças culturais, adultos e não devem ser considerados no processo de ensino de alfabetização, qual é a finalidade da leitura e da prática da leitura e da escrita. De acordo com os PCN's, "o ensino e a aprendizagem de Língua Portuguesa na escola como resultante da articulação de três variáveis: o aluno, a língua e o ensino" (PCN's, 2001, p.29). As competências pelos

alunos no início da alfabetização são abordadas. Saber alfabetizar para que os alunos realmente aprendam e compreendam a tarefa da escola.

Segundo os PCN's (2001, p. 30), "a escola deve exportar os alunos à vasta gama de textos que circulam na sociedade e ensinar como ensiná-los e interpretá-los". Para que o processo de alfabetização e o processo de alfabetização aconteçam de forma coesa e precisa, as práticas de alfabetização como elas se desenvolvem devem ser alfabetizadas e repensadas. O simples saber não comprova o conhecimento, deve ir além da mera compreensão. Ir "além das palavras", do conjunto de significados.

Na comunidade grafo Centraca em que transformar, pessoas, mesmo analfabetas, se engaja na prática social da leitura e da escrita, seja quando solicitados a ler o nome de uma rua, uma loja, ou mesmo uma receita para um remédio. Dizemos que essas pessoas, mesmo sendo analfabetas, são importantes alfabetização porque já de alguma forma a escrita em seu cotidiano. Desta forma, surge o conceito de letramento e a necessidade de explicar além do letramento, o domínio das habilidades de leitura e escrita.

De acordo com Kleiman (2001, p. 16), O conceito de letramento começou a ser pesquisado para distanciar como pesquisas sobre impacto social da escrita no processo de letramento, e como letramento se expandiu para descrever "como sob as quais a escrita é usada para determinar o que o impacto" letramento tem sobre minorias".

Sabendo da importância da pesquisa em letramento, este trabalho pretende realizar uma revisão da literatura sobre o tema. Nada mais que isso, quando adquirimos o hábito de ler, a forma como vemos o mundo muda, pois a verdadeira leitura é uma releitura da realidade; revelando uma visão crítica do mundo.

A leitura do mundo não surge apenas com a prática de leituras de textos, a leitura do mundo como dizia Paulo Freire (1994) precede a leitura da palavra. Assim, antes mesmo de alguém ler uma palavra, já existe uma leitura de mundo que irá basear a leitura da palavra. Portanto, a leitura não pode ser vista apenas como ato de decifrar símbolos gráficos, mas abrangendo todas as nossas atitudes de ser, fazer, observar, compreender, ouvir, buscar, interpretar e analisar-se papel importante, não só no processo de aprendizagem, mas de formação cultural do indivíduo.

Assim é fundamental que o educando crie o hábito de leitura, tornando-se leitor profícuo capaz de interagir consigo e com o mundo a sua volta. Partindo de tais

afirmações podemos construir nosso projeto de incentivo à leitura na perspectiva de construir para o desenvolvimento dos estudantes pesquisadores. Proporcionando-lhes uma experiência nova e motivadora, utilizando de diversos recursos a fim de torná-los leitores proficientes e conscientes do mundo a ser descoberto através do hábito leitor.

2.12 Reflexões Sobre Leitura e Escrita

A aquisição da linguagem escrita é uma das principais tarefas que a sociedade atribui à escola, além de ser um indicador de sua eficácia no que concerne ao cumprimento desse objetivo. Assim, escrita e escola são realidades indissociáveis.

Sendo um saber processual, isto é, que permite um “continuum”, uma aprendizagem que dá abertura a (re) formulações, a escrita não é exclusiva, tampouco restrita ao conteúdo programático de ensino/ aulas de Alfabetização e Língua Portuguesa, uma vez que atravessa todas as disciplinas oferecidas na instituição escolar, implicando no desempenho dos alunos em termos de aquisição, elaboração e expressão do conhecimento, bem como nas decorrentes consequências no famigerado sucesso escolar.

Concordamos com Geraldi (2008), quando afirma que a instituição escolar vive e alimenta um paradoxo: ao mesmo tempo se diz formando para o futuro, o faz forçando para que o futuro seja a repetição do passado. Esse jogo ‘redundante’, de acordo com Geraldi (2006), tem uma razão de ser: é por meio da reprodução que se dá a fixação de valores e concepções ideológicas da sociedade, em outras palavras, a interpelação ideológica e o assujeitamento do sujeito por uma ideologia se perpetuam e se legitimam por meio de atividades que inibem a criatividade e valorizam o já posto.

Ainda Geraldi (2006), na escola, de maneira geral se lê *para escrever*, ou seja, há uma dependência entre essas duas atividades; não se lê, por exemplo, apenas para saborear o texto, ou, ainda, para escutá-lo em profundidade, seja em que gênero discursivo for. Essa prática pode ser entendida como uma forma de contenção de sentidos, de estancamento pedagógico, na qual o novo, a produção de sentidos polissêmicos e, talvez, inéditos, é negada e inexploradas.

Não lemos apenas para escrever, lemos para *contraler*, para estruturar ideias, expectativas, (re) formular horizontes, para aprender a pensar e a questionar o que pensamos. Assim, tanto a leitura quanto a escrita, mesmo sendo processos complementares, não são únicos, cada qual se relaciona de forma diferente com a linguagem. Por isso, não deveriam ser praticados com a finalidade de que um aconteça a partir da instauração do outro; nesse caso, o estudante somente conseguiria escrever se, antes, tivesse conseguido ler, segundo o entendimento de algumas teorias e alguns professores.

Mas, os rumos podem ser outros se, ao invés de a escola centralizar o ensino ‘no que’ direcionasse suas atenções para os seguintes aspectos: para quê, para quem, com que finalidade, em que condições de produção. A aprendizagem da linguagem pode proporcionar a exploração e conhecimento de si mesmo, de nossa subjetividade, do mundo que nos cerca e dos fenômenos que nele acontecem, o que poderia dar abertura para a criação de outras e novas zonas de sentido.

Assim, do processo de ensino no sentido de Geraldi (2006), não se esperaria uma aprendizagem que devolveria o que foi ensinado, mas uma aprendizagem que se lastrearia na experiência de produzir algo sempre nunca produzido. Dessa prática resultaria que os textos encontrariam a sua intencionalidade, os seus múltiplos sentidos, descolando-se de práticas reducionistas, oferecendo aos estudantes meios para que deles brotassem outros textos e leituras, abrindo, assim, espaços para que sejam autores de suas produções.

Nessas condições favoráveis de produção, todos poderiam escrever, porque seriam convocados a se expressarem a partir de seu arquivo e interdiscurso, conforme Orlandi (2006) e Assolini (1999 2003). Não seriam apenas pouquíssimos privilegiados que teriam acesso à escrita e seriam lidos, recebendo devolutivas de seus textos. Desconstruir-se-ia, assim, a ideia de escrever – bem – sem repetição dele é algo restrito àqueles que foram privilegiados por uma educação diferenciada ou que nasceram com o “dom” da escrita.

Não poderíamos nos esquecer das “histórias de leitura de cada sujeito”. De acordo com Orlandi (2006), há fases, ciclos, em que se podem modificar o gosto pela leitura e pela escrita e o gostar e o querer influenciam sobremaneira nesse processo.

Em concordância com Assolini (2003; 2013; 2016) vimos defendendo a importância da instauração do que vem sendo denominado pela autora de “Espaços Discursivos”, ou seja, espaços onde tanto o sujeito-estudante quanto o sujeito-

professor pudessem “falar de si” e expressarem sua subjetividade, o que lhes permitiria falar de suas emoções, sentimentos e argumentos.

A maneira como enxergamos o mundo se modifica quando adquirimos o hábito da leitura, pois a leitura verdadeira é aquela que relé a realidade; que revela uma visão crítica sobre o mundo.

A leitura do mundo não surge apenas com a prática de leituras de textos, a leitura do mundo como dizia Paulo Freire (1994) precede a leitura da palavra. Assim, antes mesmo de alguém ler uma palavra, já existe uma leitura de mundo que irá basear a leitura da palavra. Portanto, a leitura não pode ser vista apenas como ato de decifrar símbolos gráficos, mas abrangendo todas as nossas atitudes de ser, fazer, observar, compreender, ouvir, buscar, interpretar e analisar-se papel importante, não só no processo de aprendizagem, mas de formação cultural do indivíduo.

Assim é fundamental que o educando crie o hábito de leitura, tornando-se leitor profícuo capaz de interagir consigo e com o mundo a sua volta.

Partindo de tais afirmações podemos construir nosso projeto de incentivo à leitura na perspectiva de construir para o desenvolvimento dos estudantes pesquisadores. Proporcionando-lhes uma experiência nova e motivadora, utilizando de diversos recursos a fim de torná-los leitores proficientes e conscientes do mundo a ser descoberto através do hábito leitor.

Considerando que a atual conjuntura da educação brasileira, que vivencia uma dicotomia do tradicionalismo verso o implemento das tecnologias educacionais. A educação passa a enfrentar diversos desafios é um deles e a leitura, pois cada vez mais se observa que os alunos passam a ler cada vez menos apresentando no ensino médio dificuldades de leitura e escrita.

A pesquisa evidencia que o processo de leitura frente às novas tecnologias enfrenta grandes desafios em conciliar o uso dos recursos pedagógicos e tecnológicos que contribui para aprendizagem de aluno. Enfrentam ainda obstáculos como a formação dos docentes e a falta de conhecimento a respeito dos recursos pedagógicos e tecnológicos voltados para esse público que nasce fazendo uso direto e maciço dessas tecnologias.

Dessa forma, compreende-se que a educação atual e o processo de leitura frente às novas tecnologias são considerados ainda uma novidade e vem sendo compreendida, de forma incômoda, como obrigação. A educação inclusiva digital

nesse aspecto não acontece. No entanto, é importante frisar que o processo de letramento é uma docência compartilhada entre o professor e o aluno.

De acordo com os autores o processo de adesão da leitura quando associado com as novas tecnologias, esse processo de aprendizagem requer uma série de recursos como pedagógicos, tecnológicos, e financeiros voltados para a infraestrutura física das instituições devem se adequar para o contexto digital.

Com relação aos recursos financeiros os mesmos devem ser aplicados para a estrutura física, para a capacitação dos docentes e gestores, aquisição de materiais didáticos e pedagógicos e para a implantação de laboratório de informática, salas multimídias, projetos de leituras, bibliotecas e ambientes que proporcionem momentos de leituras e produção textual.

Quando se trata de recursos pedagógicos uma metodologia que pode ser explorada diz respeito ao lúdico, onde a escola pode fazer uso de jogos, brincadeiras, recorte e colagem, pintura, teatros, músicas, modelagem, entre outros sempre incentivando a leitura e o uso das tecnologias digitais.

É importante ressaltar que o processo de letramento permite o desenvolvimento de diversos recursos que podem ser trabalhados nesse processo de aprendizagem que varia desde uma simples leitura até uma viagem pela internet ou aplicativos de bate-papo ou chat.

Conclui-se assim, que as leituras para alunos frente às novas tecnologias enfrentam barreiras que dificultam o processo de aprendizagem e o processo de inclusão digital, como a falta de estrutura física, docentes sem capacitação, e falta de recursos pedagógicos e tecnológicos nas escolas.

Entretanto o maior desafio para o processo de desenvolvimento da leitura para esse público e para todo o sistema educacional é a conscientização da importância da educação como ferramenta primordial de transformação social, que quando priorizada muda todo um cenário descontextualizado e cria um ambiente de criação e conhecimento para todos os independentes das suas dificuldades ou limitações.

2.13 Literatura e Leitura

A leitura é muito importante para o conhecimento da criança e pode ser usada em sua saúde, como trabalhar o psicológico ou com problemas na educação, ao ler se aprende a reconhecer tudo ao seu redor, no ambiente em que está inserida, no mundo onde terá que aprender a ganhar e a perder, e onde vai conhecer seus valores morais e éticos ou sentir prazer o uso dos livros.

A criança começa a aprender a partir do momento em que nasce e segue por toda sua vida, mas seu caráter e sua personalidade começam a ser moldado nos anos iniciais, e aos quatro anos começam a observar o que está acontecendo ao seu redor procura entender.

O conto de fadas é terapêutico porque o paciente encontra sua própria solução através da contemplação do que a estória parece implicar acerca de seus conflitos internos neste momento da vida. O conteúdo do conto escolhido usualmente não tem nada que ver com a vida exterior do paciente, mas muito a ver com seus problemas interiores, que parecem incompreensíveis (BETTELHEIM, 1980, p. 33).

As histórias infantil e terapêutico porque envolve toda imaginação e a partir desse instante que a criança se encontra concentrada nas histórias infantil, ela começa a trabalhar o seu lado emocional, partindo sempre da sua realidade concreta. Observamos que os contos eles contribuem para o equilíbrio emocional e para o bem-estar da criança. Observa-se uma criança está chorando e agitada a mãe simplesmente pega um livro e começa a soltar a imaginação ler de uma forma que chame atenção e que funcione como terapia e a criança sintam-se bem e calma.

O costume de ler quando é criança é essencial para a formação e desenvolvimento da criança, e a partir desse momento ela começa a despertar sua forma de optar, além de auxiliar o aprendizado. A leitura fornece a criança uma base de pensamento e linguagens que são primordiais para sua aprendizagem. A leitura de histórias infantil para crianças mesmo sem saber ler, é um caminho que levar a criança a soltar sua imaginação, e sentimentos.

É importante que o livro seja tocado pela criança, folheado, de forma que ela tenha um contato mais íntimo com o objeto do seu interesse. A partir daí ela começa a gostar dos livros, percebe que eles fazem parte de um mundo fascinante, onde a

fantasia apresenta-se por meio de palavras e desenhos (SANDRONI; MACHADO, 1998, p. 6).

De acordo com Sandroni e Machado (1998, p. 16), “o amor pelos livros não é coisa que apareça de repente”. É preciso ajudar a criança a descobrir o que eles podem oferecer. Assim, pais e professores têm um papel fundamental nesta descoberta: serem estimuladores e incentivadores da leitura.

Os livros de histórias infantis surgiram por volta do século XVIII na Europa, devido às transformações na estrutura da sociedade, quando deixaram de ver as crianças como miniadultos e ganharam, a partir daí um gênero literário específico para elas. Os mais conhecidos livros de histórias infantil e contos folclóricos passaram por adaptações e inspiraram nas histórias infantil e que conhecemos hoje como, “Chapeuzinho Vermelho” e “A Bela Adormecida”, de Perrault e “A gata borralheira” e “Branca de Neve” dos Irmãos Grimm.

Esses livros (feitos para crianças pequenas, mas que podem encantar aos De qualquer idade) são sobretudo experiência de olhar [...] e tão Bom saborear e detectar tanta coisa que nos cerca usando este Instrumento nosso tão primeiro, tão denotado de tudo: A visão. Tal vez seja um jeito de não formar míopes mentais (ABRAMOVIC, 1995, p.10).

Os livros de contos eles não encantam somente as crianças mais também os adultos, pois os livros têm uma forma encantadora que nos fazem a voltar a ser criança, quando abrimos um livro começamos a viajar nas nossas imaginações, pois viajamos em tantas aventuras e adquirimos muito conhecimento então essas histórias infantis são histórias que agrada tanto o adulto como a criança.

A princípio a criança ver o livro como um brinquedo onde ela usa para interagir com os personagens, satisfazendo a necessidade de soltar a imaginação, quando a criança pega o livro ela começa a trabalhar desde a coordenação motora onde ela começa a criar autonomia na qual necessita para formação da sua identidade.

Cabe ao professor aplicar metodologias apropriadas, para interação da criança com o livro e com a literatura, usar métodos que faça com que a criança fixe totalmente sua atenção e comece a explorar todas as suas curiosidades.

No Brasil, apesar de serem publicados no início do século XIX, foi só ao final deste século que os livros começaram a circular os dedicados ao público mirim. Os períodos seguintes foram marcados por importantes mudanças que contribuíram cada uma em seu tempo, para consolidar o segmento.

Alguns autores como Carlos Jansen e Alberto Figueiredo Pimentel foram os primeiros a se importar com os livros infantis no País. Separados por idade, os livros de história infantil têm diversas formas de ser usado em cada faixa etária. Na primeira infância que vai de 15/17 meses até os três anos, que e nessa fase que a criança está se desenvolvendo e aprendendo em cada instante, não ao que ouve ser contado, mais da forma que está observando os movimentos dos fantoches.

As historinhas devem ser curtas e rápidas. Na fase dos 3 a 6 anos, e a fase do “conte outra vez”, pois é as fases que eles gostam de ouvir variam vezes a mesma história, pois é onde ficam concentrados os mistérios e humor, onde fixam seus olhos nas figuras coloridas e personagens engraçados, nessa fase as histórias infantis como “o lobo e os setes cabritinhos”, os “três porquinhos”, “chapeuzinho vermelho” são os ideais nessa fase. No período dos oito anos as histórias já ganham mais personagens com tramas mais complexas.

Os primeiros passos dos livros infantis se deram no Brasil com as obras de Carlos Jansen (“Contos seletos das mil e uma noites”), Figueiredo Pimentel (“Contos da Carochinha”), Coelho Neto, Olavo Bilac e Tales de Andrade. Monteiro Lobato considerado o mais importante escritor de livros infantil no Brasil dar início de fato, a leitura no país.

A literatura infantil sofre algumas discriminações, por parte de alguns escritores que não afirmam que escrevem só para o público infantil, e com tudo isso observamos que a leitura não tem importância, esquecendo que se for uma obra que contenha bons conteúdos, poderá ajudar as crianças de uma forma positiva.

Muitas obras consideradas adultas foram adotadas pelo público infantil: “(As aventuras de Robson Crusoé” – de Daniel Defoe, “Viagens de Gulliver” – de Jonathan Swift e “Platero e Eu” – de Juan Ramón Jiménez), assim como muitas obras do público infantil agradam os adultos “Sitio do Pica-Pau Amarelo”, por exemplo.

Pais, professores e educadores querem fazer com que seus filhos e alunos tenham o hábito de ler, porém, muitos adultos não têm esse costume e usam a falta de tempo, sua jornada de trabalho e a falta de interesse pelos livros e usam o cansaço como uma justificativa, e essa atitude faz com que o adulto perca o estímulo pelos livros, apesar de que na infância via nos livros algo encantador e cheio de magia e mistério.

As histórias infantis começaram a ocupar espaço entre o público infantil passando a provocar uma postura mais reflexiva na criança despertando seu lado

infantil apoiado nas histórias infantis, que trazem a criança, em seu inconsciente o conforto em suas inquietações internas pode ter um final emocionante como a dos personagens.

A sociedade cresceu com o passar dos tempos, a sociedade cresceu e se modernizou através da industrialização assim se expandindo na produção de livros. Então a partir desse momento começou a se estreitar os laços entre a escola e literatura, nessa época para adquirir livros era necessário que as crianças fossem alfabetizadas e a escola tinha a obrigação de desenvolver a capacidade de ler e escrever.

A leitura faz com que a criança desenvolva o seu emocional, social e cognitivo, Segundo Abramovich (1997), quando as crianças passam a ouvir uma história, elas começam a ver tudo de forma mais clara, sentimentos que têm em seu ambiente de convívio. As histórias trabalham problemas que as crianças tiveram e na infância, como medos, sentimentos de inveja e de carinho, curiosidade, dor, perda, além de ensinarem infinitos assuntos.

O conto as fabula, enfim tudo chama atenção da criança faz bem para seu aprendizado a partir do momento que a criança começa a criar certo interesse pelos livros no qual sabemos que são as figuras que chamam sua atenção, ela está aprendendo pode até não ser a ler no início, mas ela vai conhecer, ou seja, está identificando alguns objetos. Mas podemos observar que as escolas estão deixando de lado a exploração da leitura, assim como os próprios pais estão deixando de incentivar seus filhos com os livros.

As histórias têm que ser contadas de forma que passe emoção, encanto, mistérios, e que desperte a curiosidade das crianças, por isso que é muito importante trabalhar a literatura desde os primeiros anos de vida das crianças.

É através da história que se podem descobrir outros jeitos de ser e agir. É ficar sabendo história, filosofia, direito, política, sociologia, antropologia etc. sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula (ABRAMOVICH, 1997, p. 89).

A partir da literatura vamos aprendendo a descobrir outros lugares, outros tempos, outras regras então se fossem observar a literatura e muito importante não só para Educação infantil, mais sim em todo processo ensino aprendizagem de todo

ser humano, através das histórias que vamos adquirindo novos conhecimentos e vamos formando pessoas críticas.

Garantir o contato com os livros e apresentar diversos gêneros as crianças pequenas e a principal função dos professores e a principal função dos professores de creches e pré-escola para desenvolver os comportamentos leitores e o gosto pela literatura desde cedo.

Mesmo antes de aprender a ler, as crianças devem ser colocadas em contato com a literatura. Ao ver o adulto lendo ao ouvir uma história contada por ele, ao observar as rimas (num poema ou numa música), os pequenos começam a se interessar pelo mundo das palavras. E o primeiro passo para se tornarem leitores-literários percurso que vai se entender até o fim do ensino fundamental.

Através da literatura, a criança sente-se satisfeito com suas necessidades, uma vez que ela passa a ver tudo a seu redor de uma forma diferente, pois através da literatura o seu conhecimento vai se tornando mais amplo tanto na linguagem escrita como na falada. O ensino da literatura traz um saber não só na prática mais também na experiência de vida, sentimentos, prazer, emoção e o modo de olhar de uma forma diferente, o ensino da literatura aborda todos esses sentimentos, por isso e de grande importância ser trabalhada desde as séries iniciais.

Quando se ler está adquirindo conhecimentos e desenvolvendo o lado crítico da criança e ao mesmo tempo fazendo com que melhore a escrita. Devemos mostrar as crianças que a ler é algo que nos dá prazer e não tem dificuldades para aprender. Faz-se necessário o convívio com os livros com mais frequência nas escolas. A literatura não se encontra tão presente no cotidiano escolar como deveria, para muitos professores a literatura é algo sem significado, ou seja, objetivo de ensinamento.

E os professores de literatura não podem deixar de pôr em prática seus métodos de ensino que façam com que o aluno tenha a capacidade de argumentar e estimular o que chamamos de universo literário.

A problemática que a leitura tem encontrado no ensino dos alunos, pois a literatura é visto como um veículo criador e social da linguagem.

No decorrer dos tempos, podemos observar que a educação tem se tornado muito preocupada em trabalhar para contribuir para formação de um indivíduo crítico, que seja capaz de atuar na sociedade.

Até porque vivemos em uma sociedade onde as trocas acontecem rapidamente, seja por meio da linguagem oral, visual, então a escola ela busca tornar

o aluno os benefícios da literatura fazendo com que o aluno não goste de fazer e faz por obrigação.

O hábito de ler quando é criança é fundamental na formação do indivíduo, ajuda a despertar na criança o interesse, além de auxiliar o aprendizado. A base do pensamento é a linguagem e a literatura fornece à infância alimentos primordiais para seu desenvolvimento.

A leitura de textos de literatura infantil para crianças mesmo ainda não alfabetizadas é um caminho que pode levar a criança a desenvolver sua imaginação, sentimentos, emoções significativas de forma prazerosa. A literatura tem sido uma porta aberta para o desenvolvimento das crianças desde que seja utilizada desde cedo, incentivando os pequenos a criarem o hábito da leitura e assim, tornando-se futuros adultos mais criativos e com senso crítico mais apurado.

Enfim a Literatura infantil é percebida em vários aspectos, a qual é uma literatura enriquecedora, criativa, fantástica, estimuladora e de grande prazer, não só para as crianças, mas também para os adultos que ainda tem alma de criança.

Como papel a literatura infantil serve como base para projetos pedagógicos realizados pelas professoras, e onde se baseiam também atividades variadas, brincadeiras, momentos lúdicos, além de envolver a turma de forma prazerosa. “A imaginação é um momento totalmente necessário, inseparável do pensamento realista” (VIGOSTSKY, 1992, p. 128).

A imaginação é um espaço de liberdade onde a leitura faz com que a criança venha desenvolver sua imaginação, pois a literatura está totalmente envolvida pela história para expressar e explorar o lado imaginário da criança, ao ouvir uma história de super-herói a primeira coisa a se manifestar na criança o lado imaginário.

O autor ele foca no sentido imaginário e se direciona a consciência que tende a se afastar da real. Através desse distanciamento da realidade de uma história, fazendo com que seja necessário em busca da própria realidade com mais profundidade.

É muito importante quando a criança toca o livro, e que tenha um contato direto com ele, folheando, fazendo com que dessa forma a criança comece a ter uma intimidade com o objeto do seu interesse. Então é a partir desse momento que a criança começa a perceber que eles fazem parte de um mundo encantador fascinante, onde por meio de fantasias se apresentam por meio de desenhos e palavras. Sendo assim fica evidente a importância de ouvir (contar) histórias para as crianças desde

cedo, pois eleva o seu potencial cognitivo a desenvolver mais rápido para a leitura e escrita.

A leitura é de grande importância na vida da criança, quando os pais buscam incentivar e motivar o uso dos livros na vida de seus filhos, fazendo com que eles sejam mais responsáveis e críticos. A função da escola é fazer com que a criança sinta o interesse pelos livros, assim desenvolver o hábito de ler, para que a criança sinta essa curiosidade os pais e professores tem que trabalhar juntos em parceria para despertar na criança vontade de conhecer mais sobre o mundo dos livros.

Quando se conta histórias podemos observar como as crianças soltam sua imaginação, começam a viajar nos contos e a fantasiar e nesse momento que eles têm o poder da observação e começam a fazer a ligação entre a realidade e a fantasia.

Com o uso da leitura as histórias ganham mais espaço no cotidiano da criança, fazendo com que elas adquiram experiência, e começa a dar seguimentos aos fatos, fazendo com que seja trabalhado o estímulo da leitura, a linguagem oral e a escrita.

As escolas e os pais devem adotar o uso dos livros na educação infantil, para que desde cedo as crianças sintam-se motivados ao uso dos livros, pois só assim se formarão adultos competentes e responsáveis na formação de um mundo melhor.

Quando uma criança tem o hábito de ler ela está abrindo as portas do seu futuro, pois os livros nos trazem o conhecimento que precisamos para nos formar em cidadãos de bens, onde o conhecimento obtido desde o ensino infantil até o resto da vida, onde tudo que buscamos nos livros iremos colher os frutos no futuro.

Existem dois modelos básicos: o contato pessoal da criança com o livro, como foi explicado acima, e a roda de leitura, em que o professor lê para toda a turma. Nesse caso, é preciso sempre planejar a atividade, da escolha do texto às formas de interação. "A apresentação, a seleção e a preparação prévias, os motivos explicitados, a consideração do leitor, o incentivo aos comentários posteriores e o clima criado devem ser intencionais, e não obras do acaso", explica Virgínia Gastaldi, formadora do Instituto Avisalá, em São Paulo, no texto Quem Conhece Pode Escolher Melhor.

Da mesma forma, o momento da leitura exige postura adequada, entonação de voz e uso correto das ilustrações para ajudar a conduzir à narrativa. No fim, é muito importante coletar as impressões da garotada, o que pode ser feito com perguntas simples: de qual parte da história cada um mais gostou (e porque), o que chamou

mais a atenção em cada personagem, qual ponto provocou mais alegria (ou medo, preocupação etc.).

Esse momento de pensar sobre o que foi lido e expressar opiniões é um comportamento típico de quem gosta de ler e vale para toda a vida. E não se esqueça de que essas opiniões podem (e costumam) ser diferentes. Essa troca também é boa para estimular os pequenos a aprender a ouvir o que os outros têm a dizer.

A literatura infantil sempre esteve e está presente em nossas vidas muito antes da leitura e da escrita, seja por meio das cantigas de ninar, das brincadeiras de roda ou das conotações de histórias realizadas pelos familiares. Porém quando as crianças chegam à escola é que a literatura passa a ter o poder de construir uma ligação lúdica entre o mundo da imaginação, dos símbolos subjetivos, e o mundo da escrita, dos signos convencionais impostos pela cultura sistematizada.

As atividades de leitura devem ocorrer desde os primeiros dias de aula, mesmo com crianças que ainda não conhecem nenhuma letra, pois, por meio da visão e da audição, elas realizam a leitura de ilustrações e acompanham a leitura do texto feita pelo professor. Nessa fase inicial, em contato com os livros, elas aprendem a manuseá-los, a reconhecer suas formas, a perceber a diagramação e iniciam suas experiências com os modos de composição textual.

As atividades de leitura devem ocorrer desde os primeiros dias de aula, mesmo com crianças que ainda não conhecem nenhuma letra, pois, por meio da visão e da audição, elas realizam a leitura de ilustrações e acompanham a leitura do texto feita pelo professor. Nessa fase inicial, em contato com os livros, elas aprendem a manuseá-los, a reconhecer suas formas, a perceber a diagramação e iniciam suas experiências com os modos de composição textual.

Outro ponto a ser valorizado na escola é a forma como a literatura é apresentada à criança. É importante que a escola dinamize e explore a literatura infantil. Quando o professor demonstra prazer em determinadas atividades, desperta também esse sentimento em seus alunos que o observam o tempo todo.

O movimentar-se do professor é tão importante e valioso no sentido de exemplo quanto às palavras que dirige aos ouvidos do grupo de crianças que se inclinam para ouvi-lo. A promoção da leitura nas escolas é de responsabilidade de todo corpo docente e não apenas de alguns professores específicos que receberam a responsabilidade de incentivar a leitura. O escritor enfatiza que não se supera uma dificuldade com ações isoladas.

O querer construir uma sociedade de leitores vai além do sentimento do desejo, vai à atitude. Essa atitude deve ser planejada nas ações das atividades pedagógicas da escola, juntamente com todo o corpo docente, desde atividades simples, como uma conotação de histórias às tarefas que exijam planejamentos mais elaborados. A forma que cada profissional da educação se engajar validará o sucesso dos objetivos propostos na formação de leitores.

Assim, a tarefa de fazer ver a dimensão das várias possibilidades que a leitura é capaz de trazer a qualquer um de nós é da escola e da família, utilizando-se do instrumento primordial que é o ato de ler além da decodificação de signos. A escola é a extensão da família, a escola com seu papel de ensinar e a família de educar, sendo instrumentos importantes contra a formação de leitores por obrigação. Se ambas dialogarem havendo comprometimento e apoio, certamente se formarão leitores competentes. A literatura infantil é destinada só para crianças e o conteúdo precisa ser de fácil entendimento, para que possamos seguir adiante com nossos estudos.

Para cada faixa etária existem os livros adequados, conforme a idade de cada criança, por isso deve-se respeitar a idade de cada criança, cada fase para não confundir e nem causar dúvidas. A idade da Pré-Magia que é a idade até os três anos é muito importante contar histórias e contos leves, pois nessa fase as histórias devem ser contadas com o uso lúdico, fantasiar, mudar o tom de voz para elas possam soltar a imaginação.

Dos três aos seis anos ainda na fase Pré-Magia, devemos trabalhar com textos mais curtos, poemas, trava línguas, trabalhar de forma mais elaborada pois nessa fase a criança já tem mais entendimento. Aos sete anos as histórias já devem ser bem elaboradas, pois nessa idade eles prestam bastante atenção, fixam seus olhos e sua atenção, pois as histórias mais indicadas nessa fase são as de bichos, animais, aventuras, nessa faixa etária eles viajam nos contos e histórias e deixam fluir várias ideias de sua mente.

Nos oito e nove anos, eles já têm a imaginação mais elevada então nessa faixa etária o que eles mais gostam de ouvir é histórias de humor, aventuras, lendas folclóricas, contos de fadas e nessa idade as crianças além de ouvir as histórias compartilham com os pais e familiares, fazendo com que sua imaginação se solte, e que possam estar aprendendo e compartilhando o que tem aprendido nas leituras.

E muito importante analisar cada leitura para pôr em prática de acordo com cada faixa etária, assim não fazer a escolha errada para não prejudicar o desenvolvimento da criança.

Deve-se fazer o uso devido para cada faixa etária, para que eles gostem de participar da leitura. Dos dez aos doze anos a criança já tem mais facilidade e capacidade para ler escrever textos mais complexos, essa faixa etária o que mais chamam atenção são as histórias de aventura, histórias de heróis, histórias que eles identifiquem com o seu cotidiano.

Nessa fase ele tem o domínio da leitura, e começa a se tornar leitores críticos, pois começam a colocar o seu ponto de vista e dar sua opinião, antes de tudo ler deve ser um exercício prazeroso e agradável.

Sempre buscar obras que agrada cada faixa etária, para que desperte nele o hábito e o interesse pelos livros, para que futuramente possa colher bons frutos.

Segundo Oliveira (2008), sugere-se que comece a resgatar os contos e histórias conhecidas pelas crianças, tanto eles quanto o professor poderão contar oralmente os contos e suas histórias para os demais.

Assim, o hábito da leitura torna-se a maneira de construção do conhecimento mesmo antes de saber ler, pois, é de ouvi-las que se treina a relação com o mundo, fazendo do momento de contar, recontar, inventar e ouvir o estímulo para manter viva a importância da leitura.

A criança que, desde muito cedo, entrar em contato com a obra literária, terá uma compreensão muito maior de si e do outro, tendo a oportunidade de desenvolver seu potencial criativo e ampliar seus horizontes da cultura e do conhecimento, dessa maneira, sua visão será melhor em relação ao mundo e da realidade que a cerca (OLIVEIRA, 2008).

A literatura infantil deveria estar presente na vida da criança da mesma forma que se oferece o leite em sua mamadeira, pois ambos cooperam para o desenvolvimento dos indivíduos, ou seja, um é o alimento para seu desenvolvimento físico e o outro para o desenvolvimento intelectual e afetivo (OLIVEIRA, 2008).

Então, aos adultos, num geral, cabe a reflexão da importância desse assunto, pois contar e ouvir histórias para as crianças desde seus primeiros anos de vida é uma prática edificante que desperta dentro de cada um o gosto pela leitura e a construção e ampliação de seu conhecimento.

A literatura infantil descreve nas histórias o mundo de uma forma simbólica, por meio da fantasia, do sonho e do mágico, rompendo barreiras e limitações do real, criando circunstância para que a criança apesar da sua pouca idade, se defronte com questões complicadas da realidade como, por exemplo: o egoísmo, a fraternidade, a competição, a colaboração, a fidelidade, a falsidade, entre outras questões (OLIVEIRA, 2008).

Dessa forma, a leitura é um recurso que trabalha de dentro para fora, do simples para o complexo, onde a criança irá fazer escolhas e se informar sobre o mundo que a cerca. "O conto ajuda a tornar claro, complicada relação prática, pois suas imagens iluminam o problema relativo à vida, esse é o papel do conto com sua linguagem figurada e emocional" (OLIVEIRA, 2008, p. 79).

Sendo assim, colocamos a importância de criar ocasiões e lugares onde à criança possa ampliar e adquirir novas experiências pessoais enriquecendo-as por meio da leitura. Nesse sentido, o educador ou o adulto em geral tem o papel fundamental de inserir ou oferecer o livro para as crianças, considerando que esse instrumento é de extrema importância para transformar o universo infantil no suporte para manifestar a imaginação e estimular a criatividade.

Dessa forma, é na escola que a criança começa a ter um contato maior com a leitura onde a aparece a importância de contar histórias e a prática docente, assunto para o próximo capítulo.

A leitura diária também proporciona e ajuda no desenvolvimento e linguagem da criança, pois com os livros ilustrados eles desenvolvem sua visão, audição e tato, e importante que na hora da leitura seja agradável, divertido e que eles se sintam totalmente à vontade para poder soltar sua imaginação.

A princípio a criança ver o livro de uma forma encantadora, onde o que mais lhe chama atenção são as figuras, aos poucos vão vivendo experiências e além de sentir o prazer em desfrutar da leitura começam a deixar fluir sua criatividade e a dominar o seu desenvolvimento e suas fantasias.

Contudo isso a relação criança/livro só ocorrera com mais intensidade se forem estimulados desde os primeiros anos de vida, então nesse momento a ajuda dos pais e de inteira importância para desenvolver o interesse dos pequenos pelos livros, nesse momento a cumplicidade e o toque mágico de aproximação da criança/livro.

A família e a base fundamental para despertar na criança esse desejo a leitura, a motivação e o ideal para que futuramente o livro possa ocupar um lugar importante e de destaque na sua vida.

Entendemos que não há fórmulas mágicas para gostar de ler, mais que a leitura e de total importância na trajetória escolar, essencial para estimular a memória e o aprendizado.

O ensino de literatura no contexto do espaço escolar há muito tempo vem sendo criticado por diversas esferas sociais. Isso decorre tanto da postura metodológica quanto da concepção de língua que permeava a prática pedagógica de muitos professores (NASCIMENTO, 2014).

A própria função da escola e do ensino da língua passou a serem questionados no sentido da (não) instrumentalização dos estudantes para circularem em diversos contextos sociocomunicativos. Dessa forma, não é difícil nos depararmos com reportagens sobre o fracasso dos estudantes brasileiros diante de exames e provas nacionais a exemplo o próprio Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) (NASCIMENTO, 2014).

Segundo Vieira (2008 *apud* BARTHES, 1977), reafirma a importância da literatura. Como sendo capaz de proporcionar o desenvolvimento integral do homem, que percorre, pela linguagem, mundos desconhecidos, criando e recriando realidades, vivenciando situações, ampliando o conhecimento de mundo e encontrando o equilíbrio emocional e psíquico para desenvolver seu senso crítico. Seja no papel de escritor ou de leitor, a literatura possibilita ao leitor a expansão do seu potencial criador e imaginativo, satisfazendo sua necessidade de ficção.

A própria LDB 9.394/1996, diretriz dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, afirma que uma das finalidades do ensino na etapa final da Educação Básica vem a ser “o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico” (BRASIL, 1996, Seção IV, Art. 35º). É inegável a contribuição da literatura para esse processo.

A literatura nos mostra como vive outra gente, como pensa, como sente. A literatura possibilita um alargamento de horizontes, já que oportuniza aos indivíduos uma posição crítica a diversidade vivenciada pelo leitor. Nesse sentido a literatura contribui fortemente para a formação integral da pessoa. Ela é imprescindível e deve fazer parte da vida das pessoas de maneira constante, pois fornece a base cultural necessária ao indivíduo para viver

plenamente sua subjetividade integrada à sua vida prática. Portanto, a literatura exerce uma função social importante (CAVALCANTE; PEREIRA, 2012, p. 428).

Apesar dessa enfática importância, observa-se que há dificuldades no que se refere à aprendizagem da literatura, devido à aplicação de métodos tradicionais que não estimulam em quase nada o interesse pela disciplina, causando assim uma aprendizagem mecânica e pouco prazerosa (SERRÃO *et al.*, 2010).

A aprendizagem mecânica refere-se à aprendizagem de novas informações com pouca ou nenhuma associação com conceitos já existentes [...] o conhecimento assim adquirido fica arbitrariamente distribuído na estrutura cognitiva, sem se ligar a conceitos específicos (BOOK *et al.*, 2002, p. 117).

Não resta dúvida de que a escola tem obtido pouco sucesso no que se refere à formação do chamado gosto literária. Quando se tenta aplicar algumas atividades de leitura à prática, o que se obtém muitas vezes é o insucesso, fracasso, desânimo para o valor estético das obras.

Segundo Silva (2013), a leitura, literatura e teoria literária deveriam estar estreitamente relacionadas no meio escolar, devido a vários motivos, dentre os quais podemos citar:

A própria natureza interdisciplinar do ato de ler que envolve contribuições de diversas áreas. No caso da leitura literária, o ato de ler é influenciado por estratégias cognitivas, linguísticas, metalinguísticas, conhecimento do polígrafo literário, noção de gênero literário, estilo de época no qual o texto está inserido, enfim, um conjunto de noções determinantes na interação do leitor com o texto; O fato de a significação do texto literário ser construída a partir da participação efetiva do receptor, o que torna evidente as relações dinâmicas entre a literatura e o leitor; A teoria literária só existe em função da leitura e da literatura: esse é outro aspecto a ser considerado quando se trabalha o texto literário em sala de aula. A teoria literária deve estar presente na escola, subsidiando a prática do professor, no sentido de ampliar concepções críticas sobre o fazer literário e a recriação do texto pelo leitor, o que só ocorre no ato da leitura (SILVA, 2013, p. 514).

Ainda sobre a escola, existe uma imposição das leituras idealizadas pelos professores e pelos livros didáticos, construindo-se o mito de que a leitura literária é difícil, complexa e inacessível para os alunos, subestimando-se a capacidade interpretativa dos educandos. O que se avalia é se o aluno leu e não como leu, não dando importância às inferências que ele, poderia fazer em sua leitura de mundo (SILVA, 2013).

Soma-se a isso o fato de a escola enfatizar a leitura de textos clássicos, com o objetivo de, à primeira vista, “facilitar” o contato do aluno com obras canônicas, para depois desenvolver a leitura de textos mais contemporâneos e experimentais. A leitura de textos produzidos contemporaneamente e a inclusão de obras que apresentam uma estruturação pouco linear tornam-se práticas que ainda precisam ser mais valorizadas em sala de aula. Não estamos querendo questionar a importância da leitura dos clássicos, mas sim o modo como esses textos são impostos para os alunos no espaço escolar (SILVA, 2013, p. 517).

Nesse sentido, o leitor não consegue desenvolver uma compreensão mais ampla dos textos literários, não adquirindo a menor afinidade com eles, pois o papel dinâmico do receptor é subestimado, sufocado pela leitura imposta pelos roteiros de interpretação dos livros didáticos. A esse respeito, Oliveira (2010), afirma que:

No ensino médio, os estudantes não leem textos literários para aumentar seus conhecimentos de mundo ou para apreciar a estética desses textos. Eles os leem para atingir objetivos estabelecidos dentro da perspectiva do estudo da história da literatura. Talvez isso contribua para que eles não leiam textos literários ao saírem da escola, pois tendem a associar tais textos com esse estudo. E não são muitas as pessoas que estão interessadas em estudar literatura (OLIVEIRA, 2010, p. 173).

Concordamos com Silva (2013,) quando diz que a escola parece não conseguir instrumentalizar, de modo eficaz, o aluno para a leitura dos clássicos. É fato sabido que os alunos têm acesso a roteiros já prontos de interpretação, além de praticarem as leituras de adaptações de clássicos que, na maioria das vezes, deturpam a obra original.

Vários manuais didáticos produzidos contemporaneamente discutam literatura à luz das contribuições da teoria e crítica literárias, mas muitos ainda revelam concepções estigmatizadas acerca da literatura. Em alguns livros didáticos, por exemplo, observam-se exercícios que exploram a leitura de textos literários com o predomínio de perguntas que requerem apenas uma leitura superficial, ou seja, o leitor não é estimulado a inferir, preencher as entrelinhas e reconstruir as pistas textuais até atingir um nível maior de criticidade no ato de ler (SILVA, 2013, p. 516).

O professor deve realizar seleção de textos literários, tendo em vista os interesses e a capacidade interpretativa dos alunos. Além disso, é importante que o aluno tenha a liberdade de selecionar seus próprios textos, a partir de suas experiências prévias de leitura, no sentido de descobrir o prazer de ler. Ainda Segundo Felipe *et al.*, 2004.

O professor de Português deverá estar familiarizado com uma extensa leitura de textos literários (principalmente brasileiros e portugueses), estar familiarizado com a história do ensino da língua Portuguesa no Brasil, com a história da alfabetização, da leitura e da literatura na escola brasileira, ou seja, ser frequentador assíduo dos clássicos. Somente dessa maneira poderá perceber-se num processo que não se inicia nem termina nele (FELIPE, 2004, p. 153).

É bem verdade que o aluno deveria ser orientado para compreender o papel estético e os registros linguísticos da literatura, bem como a função social desta manifestação artística. Não encontrando uma relação estreita entre o texto literário e o seu cotidiano, o aluno não percebe a literatura como espaço de construção de mundos possíveis que dialogam com a realidade (SILVA, 2013).

“É fundamental que a escola aborde a função social da literatura como uma possibilidade de "ler o mundo", contribuindo, assim, para a formação de leitores críticos, capazes de articular a leitura de mundo à leitura produzida em sala” (SILVA, 2013, p. 517).

Dentre os vários fatores, um que se destaca ou dificulta o tratamento dado à literatura em sala de aula, refere-se à metodologia utilizada no Ensino Médio, efetivamente orientada para o vestibular como um fim em si mesmo. O objetivo principal de muitas escolas e diversos cursinhos é ensinar para o vestibular, conquistar o maior índice de aprovação nos exames (SILVA, 2013).

É preciso que a escola amplie mais atividades, visando à leitura da literatura como atividade lúdica de construção e reconstrução de sentidos. O aluno-leitor deve sentir-se motivado a ler o texto, independentemente da imposição das tarefas escolares requeridas pelos professores. Contudo, parece-nos que o contexto escolar privilegia mais o ensino da literatura, no qual a leitura realizada pelos professores é diferente daquela efetivada pelos alunos, pois a diversidade de repertórios, conhecimento de mundo, experiências de leitura influenciam diretamente o contato do leitor com o texto. Tanto a leitura da literatura, quanto o ensino da literatura deveria estar presente no contexto escolar modo articulado, pois são dois níveis dialogicamente relacionados (SILVA, 2013, p. 520).

Com base nessas reflexões, ressaltamos e reafirmamos o que Silva (2013), diz quando destaca que teoria literária precisa subsidiar a prática pedagógica dos professores, no sentido transformador de alunos em leitores críticos da literatura. A falta de leitura de obras literárias e a quase ausência da discussão sobre literatura nas aulas em detrimento do ensino de língua portuguesa, é um problema evidenciado no

ensino de literatura na escola de ensino médio. Devemos para tanto valorizar mais as abordagens que priorizam a interação texto-leitor no contexto escolar.

Não é tarefa fácil estreitar as relações entre leitura, literatura e escola, mas é preciso repensar a concepção de leitura norteadora da prática pedagógica, bem como reavaliar a própria noção de literatura apresentada para os alunos a partir das atividades desenvolvidas em sala de aula (SILVA, 2013, p. 519).

Entretanto, através do estímulo à sensibilidade, criatividade e criticidade e da formação do gosto pela leitura, a literatura contribui de forma a valorizar o papel dinâmico do leitor na recepção de textos literários. Demonstrando o quanto é importante trabalhar com mais afinco as obras literárias, despertando dessa forma maior interesse pela leitura literária por parte dos alunos.

A leitura é uma ação fundamental, profilática geradora de independência emocional e cultural. Representa acesso e ascendência a posições na sociedade. Porque quem não sabe ler e escrever, mal sobrevive e capengamente fica à margem ou à mercê da sociedade.

CAPÍTULO III - MARCO METODOLÓGICO

Esta pesquisa foi realizada a partir de um projeto sobre a leitura e escrita dos alunos do 7º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual Indígena Coronel Mota que fica localizada na Comunidade Indígena Olho D'Água, pois procura saber como anda o processo da leitura, uma vez que essa parte é fundamental para o desenvolvimento da criança ou adolescente.

3.1 Delineamento da Pesquisa

A pesquisa realizada adotou os seguintes procedimentos e caminhos metodológicos:

Etapa 1: Discussão e viabilidade do projeto de pesquisa;

Etapa 2: Levantamento bibliográfico para dar suporte à pesquisa;

Etapa 3: Construção da fundamentação teórico-funcional;

Etapa 4: Participação nas formações e aplicação do questionário;

Etapa 5: Discussão dos obtidos na pesquisa.

3.2 Conceituação: Metodologia e Método

3.2.1 Metodologia

A metodologia científica é um conjunto de processos para o trabalho acadêmico. Ou seja, é a montagem desse processo investigativo. Os procedimentos investigativos são mecanismos de coleta e análise de dados (GIL, 2008).

3.2.2 Método

O método científico refere-se a um conjunto de regras processuais básicas para a produção do conhecimento científico, seja conhecimento novo, alterações ou

acrécimos ao escopo de ocorrência de conhecimento previamente existente (RAMOS et al., 2005).

A escolha do método é uma etapa fundamental em um projeto de pesquisa e depende da questão de pesquisa a ser estudada, dos objetivos propostos e da disponibilidade de recursos. Nesse sentido, a pesquisa fez uso do método dedutivo, que segundo Marconi; Lakatos (2011) parte de princípios reconhecidos como verdadeiros e indiscutíveis.

3.3 Período da Pesquisa

Essa pesquisa iniciou no primeiro semestre de 2022 e foi concluída em meados do segundo semestre de 2022.

3.4 Objeto de Estudo da Pesquisa

O objeto de estudo da pesquisa são alunos e professores alunos do 7º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual Indígena Coronel Mota e membros da Comunidade Indígena Olho D'Água.

3.5 Estratégias Metodológica

Para a realização deste estudo, foi aplicado um questionário e observação com alunos e professores alunos do 7º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual Indígena Coronel Mota e membros da Comunidade Indígena Olho D'Água.

3.5.1 Questionário Piloto

Segundo Lopes (2007), a observação utiliza os sentidos na obtenção de dados de determinados aspectos da realidade e pode ser sistemática quando tem planejamento, realizada em condições controladas para responder aos propósitos pré-estabelecidos.

Com relação ao instrumento do questionário Gil (2008), afirma que essa ferramenta é uma série ordenada de perguntas, que podem ser abertas, fechadas ou semiabertas que devem ser respondidas por escrito pelo informante. O questionário deve ser objetivo, limitado em extensão e estar acompanhado de instruções, ressaltando a importância da colaboração do informante e facilitar o preenchimento de sua aplicação.

Dessa forma, a aplicação da observação e do questionário piloto foi feita com os professores na sala dos professores fora da sala de aula e com alunos no momento das atividades entre o primeiro semestre de 2022 e foi concluída em meados do segundo semestre de 2022.

3.5.2 Questionário Estruturado

O questionário foi aplicado junto aos alunos e professores alunos do 7º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual Indígena Coronel Mota e membros da Comunidade Indígena Olho D'Água.

A presente pesquisa foi realizada, por meio de observações dos alunos, questionários para serem respondidos pela família, professor e aluno. Esta pesquisa ocorreu em três etapas. Primeiro foi realizado as observações sistemáticas em salas de aula; segundo foi a elaboração dos questionários para obter resultados, foram elaboradas 21 perguntas para os alunos e professores e para os pais foram elencadas três categorias para a tabulação dos dados categorias da aprendizagem do ato da leitura, categoria da motivação e categoria do acompanhamento familiar. Sendo que os questionários destinados aos alunos, foram respeitos três vezes. De acordo com as respostas obtidas na primeira vez foram reorganizadas as perguntas para a segunda visita e assim sucessivamente.

Os apêndices 1,2 e 3 cujo objetivo foi identificar qual o impacto alcançado com a aplicabilidade de um projeto de leitura e escrita na Escola Estadual Indígena Coronel Mota.

3.6 Sujeitos Participantes da Pesquisa

3.6.1 Universo da Pesquisa

Compreende o Ensino Fundamental da Escola Estadual Indígena Coronel Mota e membros da Comunidade Indígena Olho D'Água. Segundo Gil (2008) o universo da pesquisa consiste no conjunto de características determinado por elementos que compõem um grupo ou população.

3.6.2 Amostra da Pesquisa

Conforme Lakatos e Marconi (2011), a amostra da pesquisa parte de procedimentos formais com métodos reflexivos de pensamento que requerem processamento científico e constituem uma forma de compreender a realidade ou descobrir partes da verdade.

Este estudo pesquisou 28 (vinte e oito) alunos, 04 (quatro) professores indígenas e 06 (seis) membros da comunidade.

3.6.3 Amostragem

De acordo com Ramos et al.; (2005) a amostragem é o processo de identificar uma amostra para investigar. A teoria da amostragem estuda a relação entre uma população e uma amostra extraída dessa população. Sendo assim, a amostragem foi realizada de forma aleatória.

3.7 Tipo de investigação

3.7.1 A pesquisa do Ponto de Vista de sua Natureza

Este estudo é de natureza básica e aplicada que segundo Gil (2008) e Lakatos; Marconi (2011) a pesquisa básica é de natureza teórica, enquanto a pesquisa aplicada é de natureza prática. Nesse sentido, a pesquisa básica gera teoria e aprimora as teorias existentes para contribuir com a base de conhecimento existente. A pesquisa aplicada, por outro lado, é mais prática e descritiva.

3.7.2 Da forma de Abordagem do Problema

Essa pesquisa quanto ao problema é quantitativa. A abordagem aqui aplicada foi quantitativa e acompanhada de um estudo de caso. Com o intuito de trabalhar com dados objetivos e estatísticos, utilizamos uma abordagem quantitativa que, segundo Beuren *et al.*, (2008, p. 92) “caracteriza-se pelo emprego de instrumentos estatísticos, tanto na coleta quanto no tratamento dos dados”.

A técnica de pesquisa deste trabalho norteia-se em um estudo de caso, pois este “se concentra no estudo de um caso particular, considerado representativo de um conjunto de casos análogos, por ele significativamente representativo” (SEVERINO, 2007).

3.7.3 Do Ponto de Vista de seus Objetivos

Metodologicamente, consiste em uma pesquisa descritiva que de acordo com Bervian e Cervo (2002, p. 66), trata-se da observação, registro, análise e correlacionamento de fatos sem manipulá-los. Para a realização deste trabalho também foi utilizada inicialmente uma pesquisa bibliográfica que serviu como base para o entendimento dessa pesquisa.

3.7.4 Do Ponto de Vista dos Procedimentos Técnicos

A pesquisa parte inicialmente de um estudo bibliográfico, que do ponto de vista dos procedimentos técnicos Gil (2008), afirma que a mesma pode ser elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de livros, artigos de periódicos e atualmente com material disponibilizado na *Internet*.

Diante dessa perspectiva, o presente estudo faz uso da pesquisa descritiva e qualitativa, no intuito de descrever as características de determinada população ou fenômeno e registrando a maneira o mesmo ocorre e assim pretende-se verificar a relação da realidade com o objeto de estudo, obtendo dessa forma várias interpretações de uma análise indutiva por parte do pesquisador (RAMOS *et al.*, 2005).

A pesquisa é de caráter exploratório e analítico, objetivando o exame das relações existentes nos problemas que tem dificultado o processo de aprendizagem da leitura e escrita. Dessa forma, os dados serão comparados e embasados na literatura já publicada sobre a temática, por meio das análises de discurso e análise de conteúdo.

Foi realizada inicialmente uma pesquisa bibliográfica, que segundo Cervo, Bervian e Da Silva (2007, p. 59):

[...] tem como objetivo encontrar respostas aos problemas formulados, e o recurso utilizado para isso é a consulta dos documentos bibliográficos. Para encontrar o material que interessa a uma pesquisa, é necessário saber como estão organizados os textos, as bibliotecas e os bancos de dados, bem como suas formas de melhor utilização. Na pesquisa bibliográfica, a fonte das informações, por excelência, estará sempre na forma de documentos escritos, estejam eles impressos ou depositados em meios magnéticos ou eletrônicos.

As bibliografias analisadas foram utilizadas para compor a fundamentação teórica necessária à compreensão do tema estudado, as especificidades do segmento mercadológico investigado e o levantamento de dados que possibilitaram realizar as análises correspondentes aos objetivos propostos nesse trabalho. Foram também utilizadas como base fundamental para a construção dos gráficos tabulados.

Para realização desta pesquisa foram utilizadas amostras intencionais, compostas por três populações, a primeira população é composta pelos alunos.

A segunda população é composta pelos professores, os quais são responsáveis pela aprendizagem do aluno. A terceira população é membros da comunidade, o qual foi representada por alguns com diversos níveis de referência.

3.7.5 Operacionalização das Variáveis

Variável 1: Acompanhamento dos professores nas atividades de escrita e leituras dos alunos

Descrição conceitual: Diz respeito as metodologias e estratégias utilizadas pelos docentes para o desenvolvimento da escrita e leitura, bem como as dificuldades encontradas.

Variável 2: Desempenho dos alunos nas atividades de leitura e escrita.

Descrição conceitual: Diz respeito as dificuldades encontradas pelos alunos e as motivações que os levam a buscarem a leitura dentro e fora da escola.

3.8 Técnica

Para este estudo foram feitos questionários e entrevistas, bem como observação. O formulário foi escolhido como a técnica de investigação por propiciar maior clareza aos respondentes deixando-os livres para responder.

Foram elaboradas questões objetivas.

3.9 Plano de Tabulação e Análise

A tabulação de dados foi elaborada através do programa world, com gráficos e quadros de questões objetivas e entrevistas por meio de questionários e entrevistas. A pesquisa faz uso da análise de conteúdo que designa a técnica de investigar e interpretar de forma sistematizada os dados coletados. De acordo com Bardin (2011), o termo análise de conteúdo consiste em:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2011, p. 47).

Sendo assim, a análise de conteúdo que visa possibilitar diferentes modos de conduzir o processo de interpretação poderá ser realizada ainda por meio de entrevista como aplicação de questionário e observação sistemática.

CAPÍTULO IV - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS: DESENVOLVIMENTO DA PROPOSTA NA ESCOLA CAMPO

4.1 Contexto da Pesquisa: Breve Histórico da Comunidade Olho D'água

A comunidade Indígena Olho d'Água, foi criada por volta de 1964 à margem do Rio Cottingo, composta por três famílias das etnias Wapichana / Macuxí e Ingarikó. Foi situado no antigo sítio do Senhor Damião, que depois de algum tempo vendeu para o senhor Carlos Marcelino da Silva, sendo que ele morou somente por alguns anos, e não querendo mais permanecer no local, vendeu para o senhor Antônio Oliveira - da etnia Ingarikó a troco de animais (porcos), que se tornou o primeiro representante/ liderança indígena da comunidade.

Até então, as famílias viviam em trabalhos nas fazendas como mão de obra dos fazendeiros nas produções agrícolas e como vaqueiros. Sentindo a dificuldade de ficar permanente em um mesmo local e de fixar suas produções agrícolas como forma de afirmação cultural por meio de seu território, os três moradores se reuniram e decidiram formar comunidade, tornando independente e a partir daí tiveram autonomia total para construir suas moradias fixas, formando a comunidade hoje chamada de Olho d'Água. O nome Olho d'Água originou-se devido às várias nascentes d'água que ficavam próximas ao local onde foi situada a comunidade. Desaparecendo com o passar do tempo pela interferência do homem.

A comunidade Olho d'Água está situada na Terra Indígena Raposa Serra do Sol - Região Baixo Cottingo - Município de Normandia, localizada ao extremo norte do estado de Roraima, à aproximadamente 195 km da capital Boa Vista (acesso pela BR 174) e 130 km da sede do município. Atualmente composta por 49 Pais de família chegando a um número de população de 227 (censo 2018/SESAI). A comunidade está organizada da seguinte forma:

Na rede de educação Escolar Indígena é mantida pelo Sistema Estadual de educação nas modalidades Ensino Fundamental de 1º a 5º ano (43 alunos), 6º ao 9º (17 alunos), Ensino Médio (26 alunos), EJA 2º Segmento (12 alunos), atendido por 14 professores da rede estadual. Pela secretaria Municipal de Educação são atendidas as modalidades Ensino Infantil (21 alunos) e creche (20 alunos), atendido por 03 professores, ano letivo 2018.

A comunidade também é contemplada com abastecimento de energia por meio da Eletrobrás. O rio que nasce no monte Roraima e recebe o nome de Cotingo, fica a aproximadamente 300 m da comunidade, possui aproximadamente 100 m de largura. Tem como principal característica a água amarelada (barrenta), e é composta por variedades de peixes como o surubim, jandiá, caparari, filhote, jaú, candiru, pacu, piranha, pirandirá, matrinchã, curimatã etc. E os mais comuns desse rio é o peixe mandi e piracatinga, tornando-se fontes importantes de alimentos para os moradores da comunidade. Às margens do rio Cotingo, habita alguns animais como a capivara, tatu, veado, paca, cutia, entre outros, que também servem como fonte de alimentos.

A comunidade está numa área muito plana e seca no período de verão por ser arenosa. Representa um solo muito pobre para o cultivo de produtos agrícolas, levando os moradores a ocuparem a margem do rio Cotingo para a produção agrícola: mandioca, milho, melancia, macaxeira, banana, abóbora etc. O território da comunidade é banhado pelos igarapés da lembrança ao norte, pelo igarapé Turual ao leste e pelo rio Cotingo ao oeste.

Quanto à situação sociocultural dos povos indígenas na comunidade é marcado pelos trabalhos coletivos de agricultura em pequena escala e pela caça e pesca coletiva para determinado eventos programados pela comunidade. A Damorida e o Caxiri permanecem presente na comunidade como afirmação das tradições e dos costumes indígenas em pouca frequência.

A comunidade enfrenta vários desafios relacionados à cultura, um deles é o número reduzido de pessoas falantes da língua indígena Macuxí, pois está atualmente predomina na comunidade. Segundo relatos dos mais idosos dessa comunidade, o uso da língua indígena quase desapareceu por completo por descuido dos pais, pois isso aconteceu a partir do momento em que surgiu a escola, pois está se dava na fazenda por professores não indígenas ofertadas pelo ex-território de Roraima para atender os filhos dos fazendeiros na língua portuguesa. Sentindo-se a necessidade de ter os filhos na escola, os pais mandavam seus filhos até a escola (que ficava na fazenda), usufruindo dos direitos a educação da forma que era ofertada.

Com o uso intensivo da língua portuguesa e os conteúdos curriculares em sala de aula, fez com que a língua indígena ficasse desvalorizada quase por completo pelos próprios alunos, levando ao desaparecimento da língua Ingarikó. A comunidade possui somente três (03) falantes da língua indígena Wapichana e seis (06) da língua Macuxí o que corresponde um número muito reduzido para a quantidade de

população atual (censo, 2011). A construção do Projeto político Pedagógico vem assegurar o direito de estudar a língua indígena, pois acredita que através deste, pode se reverter o cenário da educação, especificamente na língua indígena.

4.2 Atual Comunidade Indígena Olho d'Água

A minha comunidade, atualmente há 47 pais de família com total de 268 pessoas e desde sua fundação lideranças (tuxaua) como é chamado, vem desempenhando um papel importante perante o seu povo trazendo grandes projetos e orgulhosamente em todos os setores públicos da comunidade há somente funcionários indígenas como todas as comunidades indígenas almejam, é importante ressaltar que funcionários exemplares, competentes enfim éticos e que contribuem com o crescimento e desenvolvimento e na melhoria da comunidade.

Cumprimos regimentos e normas na comunidade, desde então os mais velhos exigem as pessoas da comunidade viver em união que é importante, isso vem desde sua fundação e não queremos deixar acabar isso e eu levo como ponto forte na minha vida.

4.2.1 Saúde Indígena na Comunidade Indígena Olho D'água

A saúde dos moradores da comunidade está sob a responsabilidade da SESAI por meio dos agentes indígenas de saúde da própria comunidade. O abastecimento de água fica sob a responsabilidade da SESAI por meio do Agente Indígena de Saneamento/AISAN.

A saúde indígena na comunidade Olho D água é sempre acompanhada pelos: Agente Indígena de Saúde (AIS) na pessoa do senhor Valdo Andrade de Oliveira que trabalha há muito tempo, onde o mesmo, monitora e acompanha a saúde da população, orientando as pessoas para que não adoeçam tão facilmente ou por descuido de muitos, pois muitas pessoas da comunidade estão consumindo alimentos industrializados e por outro lado algumas famílias tem a vida de boa qualidade na parte da alimentação que cultivam respeitando as especificidades culturais.

O AISAN na pessoa do senhor Cirilo Servino Ramos que cuida da água, observando se a água está contaminada ou suja por algum tipo de poluição, sempre fiscalizando como está sendo distribuída a água e orientando as pessoas para não desperdiçar a água nem a utilizar de forma inadequada. Tendo também para fazer a fiscalização do AIS e AISAN o Conselho Fiscal comunitário e local que também é tuxaua da comunidade o senhor Capistrano Servino Leite, onde ele fiscaliza como está sendo realizado os trabalhos dentro da comunidade de acordo com as suas respectivas funções e realiza também avaliações perante a comunidade em assembleias ou encontros.

Levando aos órgãos competentes as questões como problemas, sugestões, pontos negativos e pontos positivos, tendo até a autoridade de solucionar questões que desagradam a sua comunidade e a equipe da SESAI na nossa região é composta por médicos, enfermeiros, dentistas e técnicos de enfermagem, que sempre estão à disposição não só desta comunidade, mas também das comunidades que estão sob a sua tutela, conhecido mais como Polo Base.

4.2.2 Economia na Comunidade Indígena Olho D'água

A situação socioeconômica da comunidade está baseada nos projetos de gado, agricultura, clube de Mães e pequenas criações individuais (de galinha, picote, pato, peru, porco etc.), pelos produtos agrícolas produzidos pelos agricultores da comunidade em pequena escala (plantio de mandioca, macaxeira, milho, feijão, banana) de onde são retirados os sustentos das famílias. A comunidade também tem pequenos comerciantes, os próprios moradores da comunidade, onde são vendidos pequenos produtos industrializados e açougue.

Estas práticas são complementadas pelos programas Sociais do Governo Federal como a Bolsa Família, Vale Alimentação, e aposentadorias. Professores, Agentes Indígenas de saúde e Operador de motor da companhia Energética de Roraima (CERR) e Agente de Saneamento Básico compõem pessoas com renda fixa.

4.2.3 Religião na Comunidade e na Escola

Fazendo uma breve observação sobre o ensino religioso aplicado para os alunos na escola, percebi que está muito distante a aplicabilidade de explicação por parte dos professores no que está de acordo com a salvação dos jovens. Simplesmente deixa de serem aplicados na maioria das vezes, poucos professores esquecem e aplicam de outra forma, tratam muitas vezes de políticas religiosas, não são aplicadas exatamente como deveria ser, não prevalecendo as Escrituras Sagradas, ou seja, as intenções de professores são diferentes uns dos outros, as metodologias não são levadas em conta na aplicação das atividades.

Segue-se o PPP desta escola onde os alunos são respeitados conforme suas religiosidades, mesmo assim mudou bastante com o passar do tempo, como por exemplo, a própria oralidade dos mais velhos para os mais novos que hoje já não prevalece, os ensinamentos de casa.

Mesmo com as novas alternativas metodológicas de ensino, o professor não faz o aprofundamento do que a Bíblia Sagrada ensina ou dos seus Ensinamentos.

Hoje a religião na comunidade é católica porque a comunidade toda é católica. Porém, os ensinamentos são universais, ou seja, é sempre ensinado o que está escrito nas Escrituras Sagradas, sempre pregando a união e o amor entre todos os irmãos, sempre pregando aos irmãos católicos a busca pela salvação, com projetos na formação de grupos de jovens da igreja. Atualmente, está sendo formados dois grupos de animação como: Grupo de Dança, coreograficamente com Hinos e algumas músicas que são inseridas para a realização das apresentações e o Grupo de Animação da Igreja, onde os jovens leem as Escrituras Sagradas nos domingos e em outros eventos referentes ao Culto e cantam. Neste caso a religião por parte da comunidade está prevalecendo por meio de sua organização.

3.3 Escola Estadual Indígena Coronel Mota

A partir das necessidades de aprenderem os conteúdos curriculares e de compreender melhor a língua portuguesa, os alunos da comunidade Olho d'Água e demais passaram a frequentar a escola que estava localizada na fazenda lembrança.

A primeira escola foi criada em 1973 e passou a funcionar com 16 alunos, tendo como primeira professora a Senhora Maria Alcinda Lopes Ribeiro - Indígena. Era ofertada e mantida pelo fazendeiro (Coronel Mota) de forma itinerante (Pelas fazendas vizinhas), funcionava de forma legal, mas sem o reconhecimento do ex-território de Roraima, a aproximadamente 2 Km da comunidade olho d'Água. O nome da escola Coronel Mota se deu em homenagem ao fazendeiro que a mantinha financeiramente.

Em 1976 a Escola deixou de funcionar na fazenda lembrança e passou a funcionar na comunidade olho d'água, após acordo firmado entre moradores da comunidade e fazendeiro e passou a funcionar na comunidade em uma casa cedida por um dos moradores.

A Escola Estadual Indígena Coronel Mota, foi reconhecida em 1977, pelo decreto de criação nº 27- E de 24 de agosto de 1977 - E, reconhecida como escola de 1º Grau Coronel Mota, na modalidade fundamental de 1ª a 4ª série – Baixo Cotingo, mantida pelo Ex-Território de Roraima.

4.3.1 Professores com Passagem pela Escola

O primeiro professor indígena, morador da comunidade a atuar nesta escola, foi o professor Venâncio de Oliveira Servino, sendo contratado temporariamente pela prefeitura Municipal de Normandia.

Atualmente, a escola atende à demanda de 46 alunos nas modalidades de 1ª a 5º ano do Ensino fundamental, 19 alunos nas modalidades de 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, na modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA) segundo segmento 04 alunos, e na modalidade do Ensino Médio Regular o total de 27 alunos, totalizando em 102 alunos da Escola Coronel Mota. Atendendo também alunos das comunidades adjacentes mais próximas. Conta com apoio de dois (02) professores do quadro Efetivo, nove (10) professores do quadro temporário, totalizando 12 profissionais. Um (01) com ensino médio, três (03) com magistério, três (03) formado em pedagogia pela UERR, cinco (05) cursando a Licenciatura Intercultural.

4.3.2 A Atual Situação da Escola Estadual Indígena Coronel Mota no Contexto Escola

A escola hoje trabalha com apenas uma sala de aula, uma secretaria feita pelos próprios pais de famílias e uma biblioteca improvisada, mas que sempre está buscando inovações através de livros didáticos, referências bibliográficas de autores e escritores antigos e recentes, através de jogos e brincadeiras que envolvem a comunidade em geral e escolar, nas práticas da cultura e tradição de seu povo, de acordo com a realidade da comunidade, nos trabalhos realizados através das línguas indígenas como o Macuxi e Wapichana, onde sempre se busca não perder essas duas línguas existentes em nossa comunidade.

Nas atividades aplicadas pelos professores e, mesmo assim, com poucos recursos a escola sempre está preocupada e voltada para a aplicação de uma educação que seja eficaz e de qualidade e que os professores junto com o gestor e a comunidade em geral estão sempre trabalhando em conjunto para que se possa encontrar uma solução mesmo e uma luz no final do túnel, com pouco apoio pedagógico vindo da parte do governo, porque acreditamos que a mudança só depende também de nós mesmos, basta nos unirmos para que o nosso objetivo seja alcançado e que a escola através do seu ensino/aprendizagem aplicada aos alunos seja de qualidade.

4.3.3 Infraestrutura da Escola Estadual Indígena Coronel Mota

Na estrutura física é atendida com uma sala de aula, dois banheiros (convênio Governo Federal/Prefeituras), uma secretaria de escola (construída pela comunidade) e uma biblioteca e uma copa improvisada.

4.3.4 Gestão Escolar da Escola Estadual Indígena Coronel Mota

A gestão escolar sempre é flexível nas tomadas de decisões de suma importância, sempre incluindo todo o corpo docente e discente do estabelecimento e a comunidade escolar em geral. Sempre em busca de melhorias na eficácia de um

ensino aprendizagem aos alunos principalmente. Sempre acompanha os pensamentos dos maiores teóricos fortalecendo o ensino da comunidade escolar.

4.5 Apresentação da Proposta Pedagógica para a Escola e Comunidade

A presente pesquisa teve como ponto inspirador um problema pedagógico, comum em sala de aula, atualmente, e traz inquietação para muitos educadores, ela teve início com um diagnóstico que foi feito através do roteiro e interpretação de texto. Onde foi observado que a dificuldade na leitura e interpretação de texto existe para todos os alunos, seguido com perguntas orais e escritas. Este, aluno não conseguiu interpretar nenhuma pergunta, lê vagarosamente faltando letras, trocas o p por b, entre outras falhas. Foi feita uma entrevista com o pai desse aluno onde foram colhidas várias informações.

O aluno "X" tem 12 anos estuda na 4 série do ensino Fundamental na Escola 'X.' Nunca reprovou de ano, já ficou doente, quando tinha cinco anos de idade rompeu um vaso em sua coxa, houve uma dilatação, mas foi tratado, agora está com catapora, ele é filho adotivo, nunca teve contado com seus pais biológicos. O que mais gosta de fazer é jogar jogos de computador, o que menos gosta de fazer é estudar.

Relacionar -se muito bem com sua professora e com seus colegas de classe. Sua religião é católica e a de seus pais também. Tem 27 anos de idades que seus pais são casados e o casal nunca teve filhos, o aluno 'X' tem dois irmãos adotivos, natural do Estado de Roraima e seus pais natural do Rio Grande do Norte. O pai já foi bancário, hoje tem outra profissão, sua mãe é do lar. Onde este aluno mora tem biblioteca, outras tecnologias, não tem bancas de revistas e nem jornal.

Para este aluno ter um desenvolvimento mais adequado, é preciso analisar o lugar no qual ele está inserido, porque na maioria dos casos a aprendizagem se dá no meio social e temporal em que o indivíduo convive. Muitas vezes o pai não tem condição de comprar livros, gibis para seu filho ler, por isso tem que ter um mecanismo necessário para assegurar a criança uma interação eficiente, dela com o meio ambiente. De uma maneira geral, trata de um ponto de equilíbrio e não de acomodações. O pai tem que se preocupar com aprendizado de seu filho.

A criança tem que ter um conjunto de relações afetivas, sociais e morais que constituem a vida de instituição educacional.

Segundo Barreto,

A relação educadora x educando não deve ser uma relação de imposição, mas sim, uma relação de cooperação, de respeito e do crescimento. O aluno deve ser considerado como um sujeito interativo e ativo no seu processo de construção de conhecimentos. Assumindo o educador um papel fundamental nesse processo, como um indivíduo mais experiente. Por essa razão cabe ao professor considerar também, o que o aluno já sabe, sua bagagem cultural da aprendizagem (BARRETO, 2000, p. 201).

Como este aluno tem um bom relacionamento com sua professora e seus colegas, já formam um conjunto de mediadores da cultura que possibilita progressos no desenvolvimento e na construção do seu conhecimento se dará coletivamente já que este aluno domina todas as letras do alfabeto que é um nível de desenvolvimento real, ainda não aprendeu ler corretamente, mas está próximo de aprender, e isso se dará principalmente com a ajuda do seu educador, precisa apenas de um estímulo. Afinal, para os alunos construírem novos conhecimentos, precisa-se de alguém que os ajude, eles não o farão sozinhos. Assim cabe ao professor ver seus alunos sob outra perspectiva, bem com o trabalho conjunto de colegas, que favorece também a ação do outro.

É necessário que os docentes estejam conscientes de suas ações, enquanto profissionais que mediam a produção do conhecimento porque muitas vezes o que se fala na sala de aula é o que se registra para sempre. É nesse sentido que devemos seguir as ideias de Fonseca, quando diz:

[...] essa realidade só pode ser transformada se o primeiro passo for dado pelos educadores. Se o educador instigar o aluno a tentar de todas as formas se libertar da opressão em que vive, assim atingiremos os nossos objetivos. Vendo um novo dia acontecer e a realidade de exclusão transformada (FONSECA, 1985, p.35).

Dessa forma, iniciou-se a primeira etapa do trabalho do projeto com os alunos do 7º ano onde foi constatada a existência de poucos materiais didáticos na escola estadual Indígena Coronel Mota como: livros para alunos e para mestres insuficientes, revista, alguns jogos pedagógicos, poucos livros para leitura. Cartolina cola, tesoura, lápis de cor, cola colorida, hidrocor, papel A4 e outros materiais didáticos são comprados pelos professores com seus próprios recursos.

Percebeu-se que a escola vem enfrentando dificuldades extremas com relação à ajuda do governo estadual em cumprir com suas obrigações legais a esta escola. Por outro lado, os professores que vem desempenhando um papel muito importante no ensino e aprendizagem dos estudantes no qual lutam para contribuir com aprendizagem e conhecimentos, buscando ajuda com seus próprios recursos financeiros, ou seja, comprando materiais para o seu uso no trabalho.

Desta forma, se o governo cumprisse com as suas obrigações os professores certamente executariam uma educação de qualidade. Na Figura 1, pode ser visto os materiais utilizados.

Figura 1 - Materiais didáticos existente na escola



Fonte: Produção autoral (2022).

Este projeto de leitura e escrita apresentado em sua metodologia tem a preocupação de contemplar questões relacionadas à produção e interpretação de leitura na escola em que o aluno vive de forma que possa participar e estabelecer relações, interagir, transformar, reelaborar e agir em seu meio, dentro e fora da escola. Partimos da hipótese de que o aluno desenvolve com mais sensibilidade o gosto pela leitura a partir da coletividade entre o aluno e o professor.

Não adianta o aluno saber somente fazer a leitura e não fazer a sua interpretação, de acordo com a sua perceptividade, faz-se necessário para colocar em prática no dia a dia dos alunos do 7º ano, mudança de hábito em relação à leitura e ciente que nenhum projeto nesse sentido realizado até o presente momento na Escola Estadual Indígena Coronel Mota, é de grande importância e interesse pedagógico a

implantação desse projeto de leitura e escrita, pois acreditamos que será de melhor veículo aos alunos. (Figura 2)

Figura 2 - Aplicação da proposta para alunos, professores e alguns pai de família



Fonte: Produção autoral (2022).

Com a complementação desse projeto pretendeu-se atender as necessidades de leitura dos alunos. Na prática de leitura desenvolvemos um caminho claro para a sua aprendizagem como: sacolas viajantes, no qual o aluno sorteado leva cinco livros para ler em casa por dois dias e trazer uma resposta crítica ou comentário do livro para a sala de aula. Construção de gibis, produção de texto com ilustrações, produção de narrativas através de pesquisas de campo dentro da comunidade, leituras de textos em jornais, revistas e livros.

Seguindo a sequência do projeto, fiz a busca dos pais dos alunos para o acompanhamento no ensino aprendizagem e o incentivo nos avanços de leitura dos alunos, proporcionando o intercâmbio entre as turmas da escola, melhorando e aprimorando o seu desempenho educacional. “A criança aprende a partir de seus interesses brincando e interagindo com o conhecimento, de forma livre e autônoma”. Tendo em vista, percebi como ponto negativo que os alunos liam por obrigação, liam somente o que lhe era determinado pelo professor, sem dá à leitura seu valor real, sem perceber a necessidade de ler no seu dia a dia não tomando assim sua própria autonomia; mas, hoje no decorrer do projeto de leitura e escrita já leem para buscar informações, conhecimentos, para enriquecer seu vocabulário, para visualizar palavras e perceber sua ortografia e isso foi a maior contribuição deste projeto.

Esse conhecimento sobre a importância a necessidade da leitura, torna-se um processo de desenvolvimento do aluno, uma vez que ele vê como algo prazeroso, se

sentindo motivado a ler diariamente e espontaneamente, tendo a chance de vivenciar ricas experiências de enriquecimento através das leituras.

Percebi em destaque que, mesmo não tendo em grande escala os meios tecnológicos muitos alunos estavam deixando de ler ou afastados dos vários livros didáticos para o desempenho de uma boa leitura para que se possa realizar uma boa redação textual, por causa disso o projeto veio especificamente resgatar apreço pela pesquisa através de leituras em livros e revistas existentes na biblioteca da escola com mais frequência, pois utilizamos inúmeras vezes esta biblioteca.

Antes de o projeto ser lançado a turma e a comunidade, a dificuldade de leitura e interpretação de textos do 7º ano era imensa com relação a todas as disciplinas, principalmente na disciplina de Língua Portuguesa e Matemática, isso eram as reclamações de professores.

Os procedimentos metodológicos do projeto de leitura e escrita ajudou de forma lúdica alcançar os objetivos através das motivações para a leitura e a escrita dos estudantes a partir da disseminação entre escola, pais e professores.

Durante o processo de implementação é evidente que os alunos têm avançado nesta primeira etapa do projeto a ter um gosto maior por leituras, com parcerias dos pais, professores e gestor. O projeto está conscientizando os pais, alunos e professores a dar importância e motivação no crescimento da aprendizagem no mundo da leitura a partir das diversas formas metodológicas.

4.6 Entrevistas e Questionários na Comunidade Olho D'água e dos Estudantes, Professores, Líderes Comunitários e Membros das Comunidades

4.6.1 Entrevistas com os Estudantes

Esta pesquisa contou com o público de alunos do 7º ano do ensino fundamental da Escola Estadual Indígena Coronel Mota, da Comunidade Indígena Olho d'água/RR, onde foram contempladas somente 4 perguntas direcionadas com foco nos objetivos. (Quadro 1)

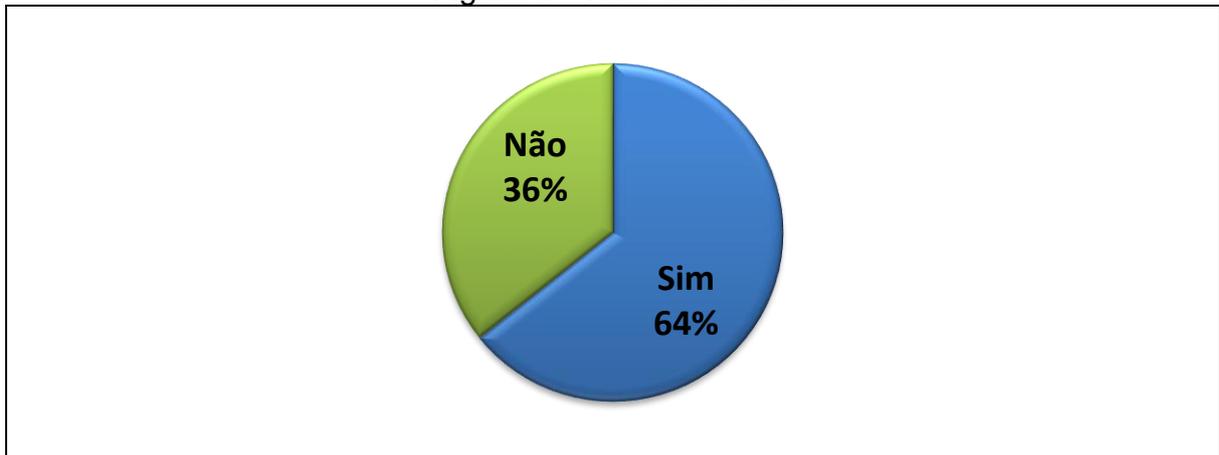
Quadro 1 - Número de questionário

Anos	Número de estudantes	Faixa etária	Número de questionário entregues	Número de questionário respondido
7 A	15	12 a 16 anos	15	15
7 B	13	12 a 15 anos	13	13

Fonte: Produção autoral (2022).

Conforme está visível no Quadro 1, podemos verificar que ao total participaram 28 alunos da entrevista, sendo todos os alunos de uma faixa etária entre 12e 16 anos. Portanto, contamos 4 perguntas a fim de sondar sobre a leitura, se eles tinham o hábito de leitura. Por isso, apresentaremos todas as respostas por meio de Gráficos, e na pergunta inicial, temos na Figura 3 com a seguinte resposta.

Figura 3 - Você sabe ler?



Fonte: Produção autoral (2022).

Se observamos o percentual de alunos que não sabem ler é muito grande, ou seja, 36% não sabem ler e conseqüentemente não sabe escrever, o que tive que eu mesma fazer com eles uma entrevista oral.

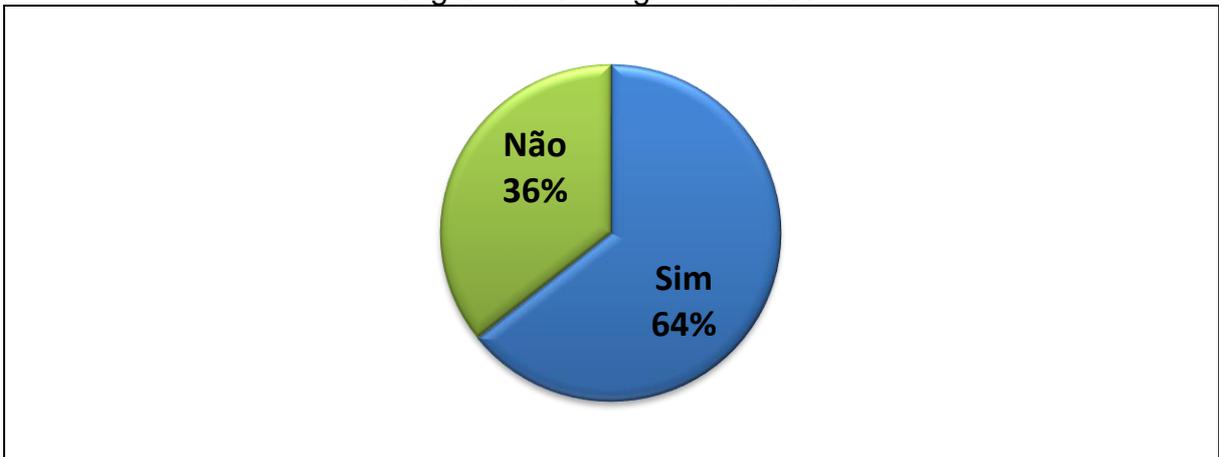
As vezes se perguntamos de quem é a culpa. Se é da escola, ou do sistema quem tem que passar o aluno para a próxima serie. Contudo sabemos que esse grave problema está ligado com as raízes nos anos iniciais e com isso o aluno precisa passar a receber atenção assim que o mesmo diagnosticado, seja lá qual for a idade do estudante e o ano e que está matriculado.

O aluno não pode se tornar o centro de uma situação em que ninguém se responsabiliza pela questão ou, pior ainda, e que o professor de língua portuguesa é apontado como o culpado por ela. Não saber ler e nem escrever implica em

consequência para o estudo de todas as disciplinas porque se o aluno não sabe ler não compreende os textos e enunciados, o aluno vai ficando para trás em relação aos demais alunos.

A seguir, temos a próxima pergunta Figura 4 que diz o seguinte:

Figura 4 - Você gosta de ler?



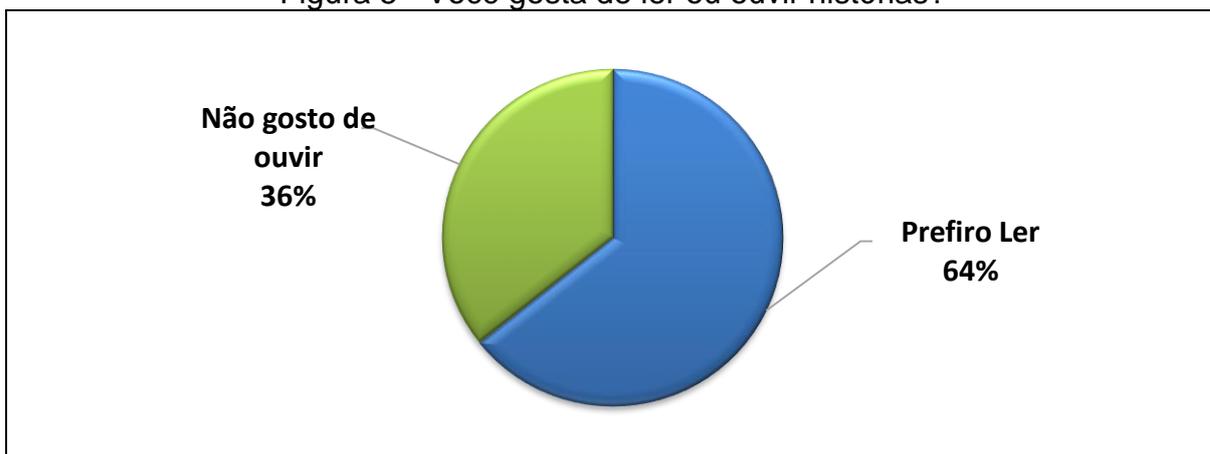
Fonte: Produção autoral (2022).

O meu maior desafio enquanto professora é o desestímulo dos alunos para a leitura. Em termos de leitura, as reações dos alunos geralmente são de negação e negligência. Os alunos que estão acostumados a ler livros a cada dois meses para preencher formulários de leitura e, em seguida, fazer questionários, os alunos associam esses livros a tarefas repetitivas e tediosas.

Este problema começou muito cedo, porque se pensava que os alunos só começavam a ler quando estavam na escola as famílias não desenvolvem o hábito da leitura então, a tarefa de ensinar a ler é atribuída ao professor, e somente ao professor. A leitura não é enfatizada na escola, onde atividades com textos geralmente são mecânicas e desprezam a participação crítica do aluno.

Dando continuidade à terceira pergunta feita a eles conforme está escrito na Figura 5, podemos ver o que significa os prazeres pela leitura.

Figura 5 - Você gosta de ler ou ouvir histórias?



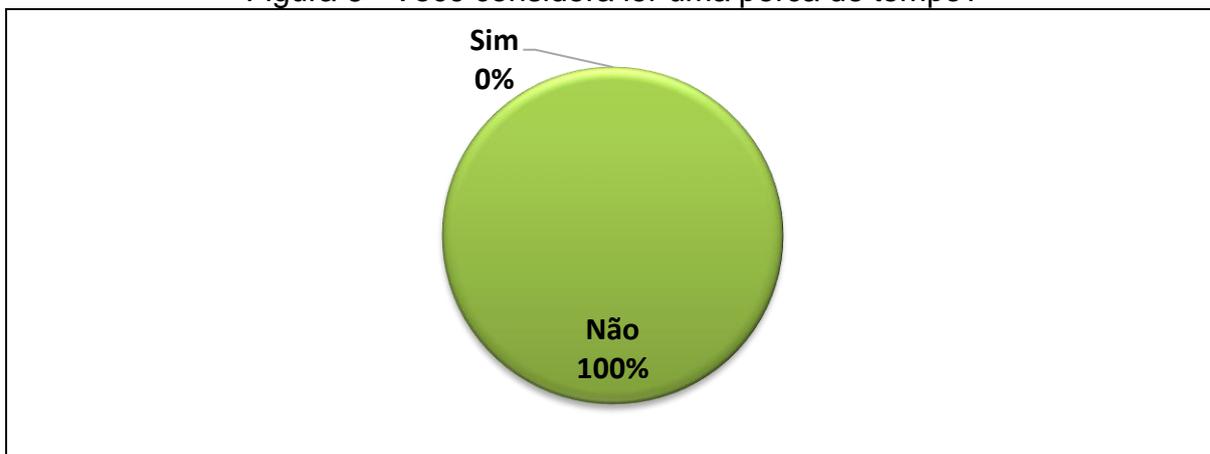
Fonte: Produção autoral (2022).

Segundo as respostas obtidas a maioria dos alunos gosta de ouvir histórias. A linguagem falada é uma das formas de comunicação mais antigas. Portanto, as histórias desempenham um papel muito importante no desenvolvimento cultural. Além disso, o ato de ouvir e contar histórias promoveu sobremaneira o desenvolvimento do pensamento crítico entre os estudantes.

Um dos enganos mais comuns que nós professores cometemos quando falamos de leitura para pré-adolescentes é supor que, nessa faixa etária, eles não gostam de ouvir histórias.

Na quarta e última questão como pode ser visto na Figura 6, nos deparamos com o seguinte resultado.

Figura 6 - Você considera ler uma perda de tempo?



Fonte: Produção autoral (2022).

Como pode ser visto na última pergunta, mesmo os alunos que não sabem ler e escrever não consideram o ato de ler uma perda de tempo, pelo contrário, eles têm em sua visão algo atrasado na vida deles. Pois, já sabem avaliar as oportunidades perdidas.

Todos sabem que a leitura tem uma importância no desenvolver dos mesmos como capacidade de adquirir um amplo vocabulário, alarga a comunicação mais clara e abrangente, além de facilitar o desenvolvimento intelectual e social. As respostas demonstraram que eles compreenderam que é através da leitura que irão estender o gosto por ler, por descobrir coisas novas todos os dias através da leitura.

4.6.2 Entrevistas com os Professores

As escolas devem promover o ensino de diferentes gêneros de leitura em todas as disciplinas. Quase todo gestor ou responsável da escola ouviu comentários de membros da equipe de que os alunos não conseguem fazer nenhum exercício porque não entendem os enunciados.

Nesses momentos, nos professores podemos aproveitar a oportunidade para estimular educadores de diferentes áreas a refletirem sobre seu papel na formação de leitores, ao invés de jogar tudo nas costas do professor de português. Se é óbvio que toda disciplina pode ganhar com habilidade de leitura melhorada, então também é necessário provar que todos podem contribuir para que os alunos entendam o que estão lendo. Também buscou-se saber o que os professores que convivem com os alunos do sexto e sétimos anos diariamente pensam sobre o assunto é como lidam com isso.

A seguir, irei mostrar o quadro de professores que responderam ao questionário entregues. No total, contam-se 8 professores atuantes no 7º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual Indígena Coronel Mota, da Comunidade Indígena Olho d'água/RR, mas, somente quatro responderam. (Quadro 2)

Quadro 2 - Quadro dos professores

Nº	Nome do professor	Etnia	Série que trabalha	Escolaridade
1º	Dalcineide Pereira de Oliveira	Wapichana	1º ao 5º ano	Pedagoga-Ensino superior

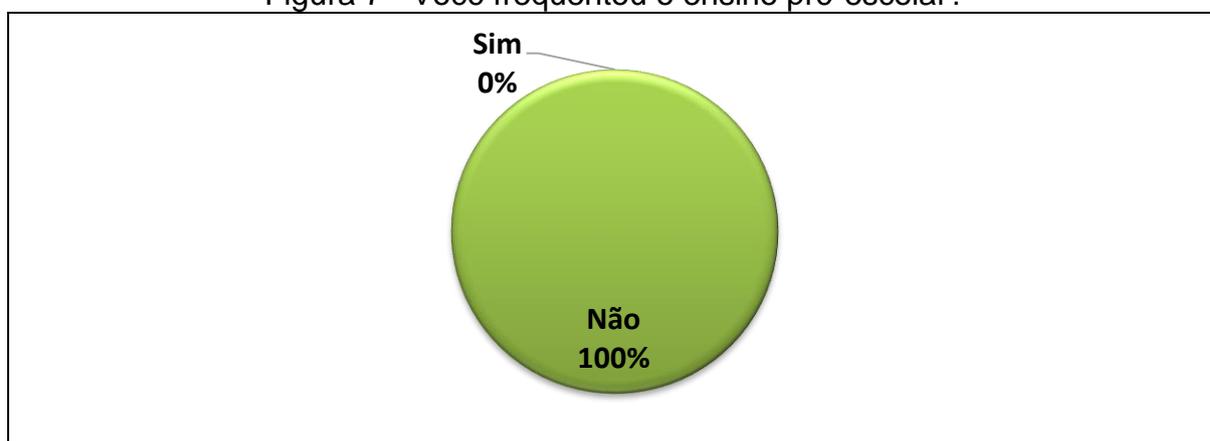
2°	Iana Oliveira de Souza	Wapichana	6° ao 9° ano	Ciências da Natureza/Licenciatura Intercultural
3°	Maria do da Silva	Wapichana	1° ao 9° ano	Cursando Comunicação e Artes/ Licenciatura Intercultural
4°	Getlaine de Almeida Solon	Macuxi	6°ao 9° ano	Cursando Letras

Fonte: Produção autoral (2022).

Como representado no Quadro 2, somente quatro professores responderam ao questionário dos oitos lotados na escola. Para estes professores fiz sete perguntas que serão explicitadas a seguir.

Quando perguntei aos professores conforme listado na Figura 7 logo abaixo.

Figura 7 - Você frequentou o ensino pré-escolar?



Fonte: Produção autoral (2022).

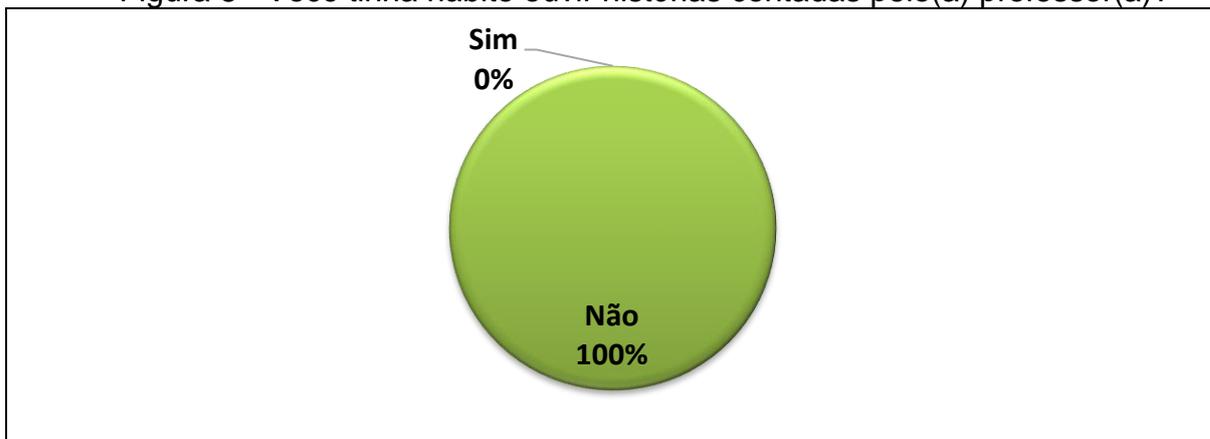
Como podemos observar a maioria dos professores não passou pelo pré-escola, sendo uma fase fundamental para o aprendizado de uma criança.

Uma coisa bem importante porque é na pré-escola que fortalecemos as nossas habilidades de socialização como comprometimento, respeito e resolução dos problemas a pré-escola oferece um local em se pode ter um senso de si mesmo, explorar, brincar com seus colegas e criar confiança.

As crianças na pré-escola descobrem que são capazes e podem fazer as coisas sozinhas desde pequenas tarefas, como servir seu próprio suco e ajudar a preparar a mesa do almoço, até resolver problemas maiores, como tomar decisões sobre como gastar seu tempo livre. As pré-escolas de qualidade ajudam as crianças a encontrar respostas através da exploração, experimentação e conversação.

Na segunda questão do questionário, perguntei o seguinte, conforme visto na Figura 8:

Figura 8 - Você tinha hábito ouvir histórias contadas pelo(a) professor(a)?

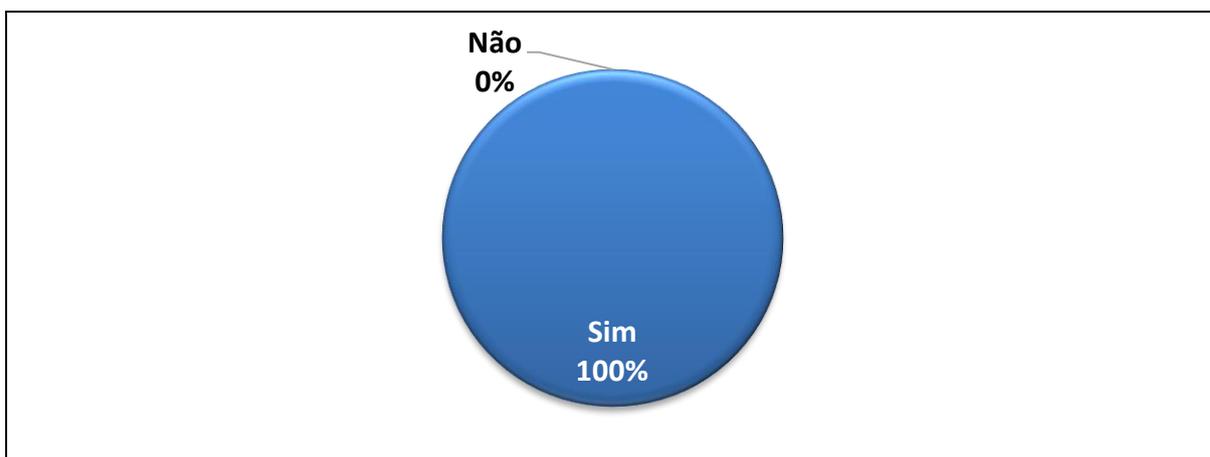


Fonte: Produção autoral (2022).

Como podemos observar os professores que responderam ao questionário disseram que não ouviam histórias de seus professores. Que não tinham o hábito de ouvir histórias na escola onde estudava. Creio que esse é o motivo atualmente dos professores não darem muita importância à prática da leitura, poucos professores têm o hábito de contar histórias para os alunos, essa atividade foi dando lugar a outros interesses.

Ainda sobre ouvir histórias, perguntei a eles o que acharam de ouvir histórias na Figura 9.

Figura 9 - Gostava de ouvir contar histórias



Fonte: Produção autoral (2022).

Na Figura 9, percebemos que todos afirmavam gostar de ouvir histórias contadas por sua época, só infelizmente não desfrutavam disso em sala de aula. E para a professora Dalcineide Pereira de Oliveira, explica que ela gostava de ouvir as histórias que a avó dela contava na casa dela durante a noite, porque achava muito interessante e gostava de contar para alguém depois.

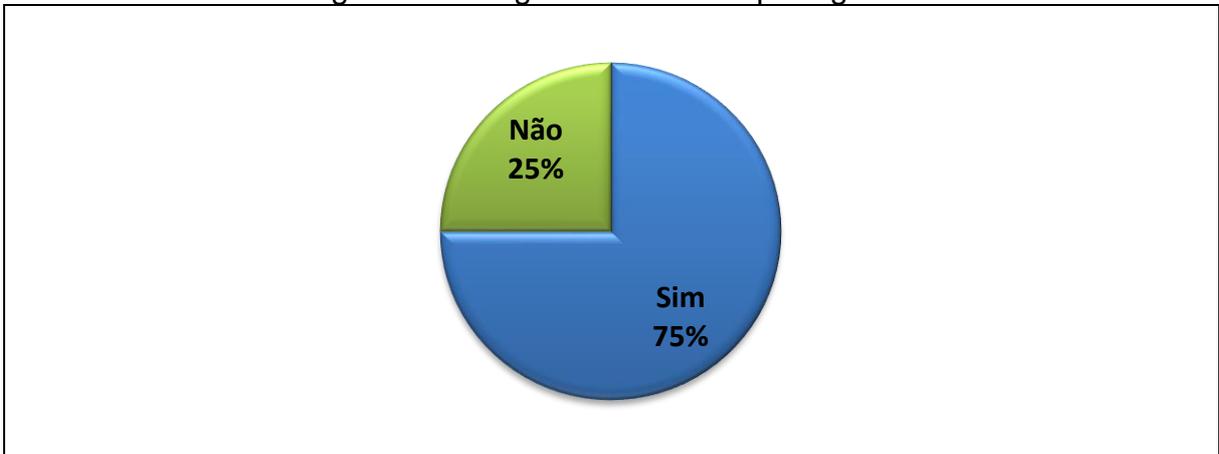
A professora Maria do Carmo explica que na sua época de criança quem contava as histórias eram seus pais em sua casa durante à noite, antes de dormir. Mas na escola não tinha essa contação de história, a professora dela nunca contou histórias na sala de aula, mas ela gostava muito de ouvir em sua casa. E até hoje gosta, quando alguém começar a contar uma história ela se aproxima se senta e fica escutando.

A professora Iana Oliveira de Souza explicou que na sua concepção gostar de ouvir histórias são de suma importância para o aprendizado, ela acredita que aprendemos e assimilamos melhor através da história.

A professora Getlaine de Almeida Solon explicou que cresceu ouvindo os pais e os tios contando histórias, então, qualquer história a deixava curiosa para saber para o que aconteceu no final dela. Ainda mais quando era contada de forma dinâmica, quando os narradores interpretavam os personagens em suas falas.

A seguir na Figura 10 temos o seguinte resultado em relação a Língua Materna.

Figura 10 - Língua Materna é o português?



Fonte: Produção autoral (2022).

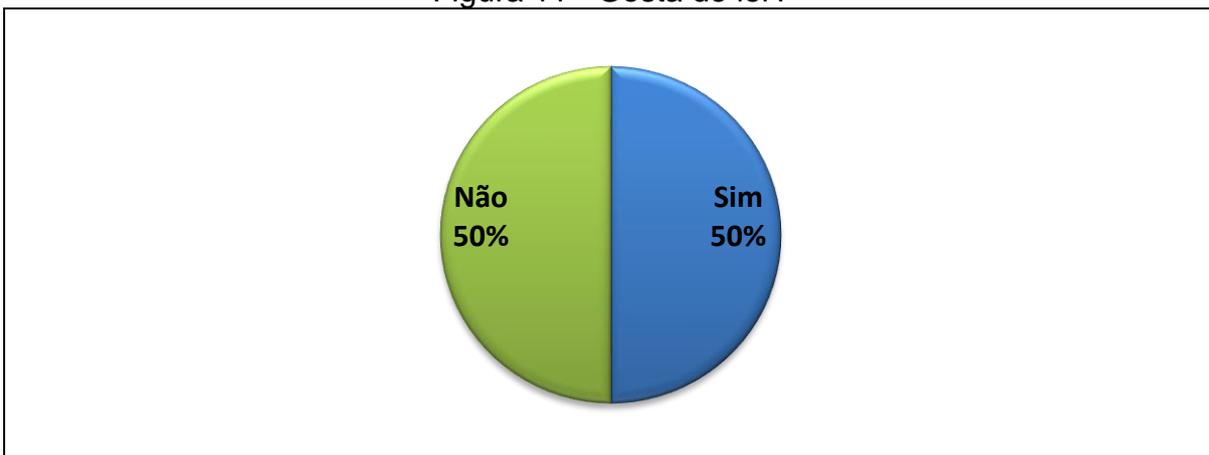
Como podemos observar na Figura 10 a maioria dos professores tem o português como sua língua materna. Somente a professora Getlaine disse que a língua portuguesa não é sua língua materna:

“Como indígena, minhas línguas maternas é Wapichana, cresci ouvindo essa língua com meus parentes e na escola, porque na minha comunidade o que predomina é a língua Wapichana. Porém, a que domino hoje, é o português” (PROFESSORA GETLAINE DE ALMEIDA SOLON, 2020).

A professora Getlaine vivia numa comunidade que falava fluentemente a língua wapichana, porém ela não aprendeu a falar a língua materna indígena, mas sim aprendeu o português.

Em seguida na quinta questões indaguei se eles gostavam de ler, conforme pode ser visto na Figura 11.

Figura 11 - Gosta de ler?



Fonte: Produção autoral (2022).

Ninguém discute que ler é uma das principais portas de entrada para o conhecimento. Nas escolas, escutamos que dominar essa competência é importante para o sucesso nos estudos e para o mundo do trabalho.

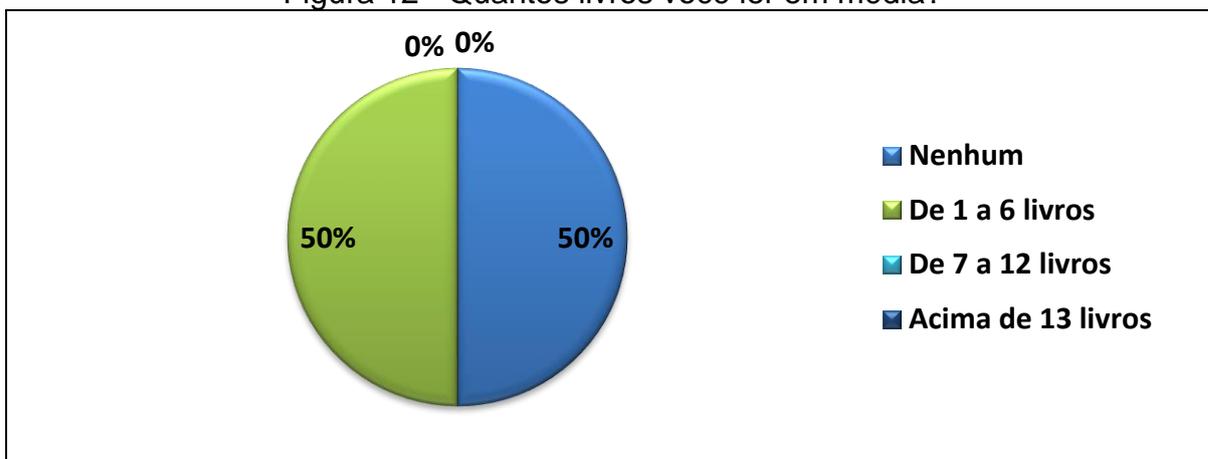
Muitos professores defendem que desenvolver a leitura deveria ser a prioridade número 1 da escola. Mas será que esses professores, eles próprios, leem? Segundo esse questionário a metade dos professores entrevistados não gosta de ler. Dos 4 professores entrevistados, 50% declararam que não gostam de ler e 50% que gostam só um pouco.

Na Escola Estadual Indígena Coronel Mota, dentro da Comunidade Indígena Olho d'água / RR, os professores costumam reclamar que os alunos não estudam. Eles acreditam que essas atividades revelam fragilidades na compreensão do texto e, por vezes, afetam a compreensão do conteúdo. Por exemplo, em matemática, as pessoas costumam ouvir que o nó não é sobre o cálculo, mas sobre a dificuldade de explicar a frase. Geralmente, essa queixa vem acompanhada de um diagnóstico mais amplo: o problema é que os alunos não estão acostumados a ler. Embora o discurso justifique a leitura, esses dados indicam que grande parte de nossos professores também não leem.

A partir daí, pode-se concluir que muitos professores não gostam, acham que não é importante ou não têm tempo para ler. Qualquer uma dessas suposições é preocupante porque afeta a maneira como ensinamos a ler aos nossos alunos. Esse questionário alerta para uma problemática na Escola Estadual Indígena Coronel Mota: nós, como categoria, não temos estimulado nossos alunos a tornarem-se leitores.

Na Figura 12 elaborei a seguinte pergunta:

Figura 12 - Quantos livros você ler em média?



Fonte: Produção autoral (2022).

Como vimos no questionário, eles revelam de forma sistemática e contínua sua atenção à leitura e seu ensino. Os professores não leem. É por isso que eles não podem estimular a motivação dos alunos para ler. De acordo com sua importante abordagem aos livros, o papel de cultivar o gosto pela leitura dos alunos depende do professor.

Em suma, podemos dizer que a formação dos alunos leitores depende essencialmente da relação do professor com essa prática. Os professores são vistos como uma parte básica do cultivo de leitores nas escolas. Portanto, os hábitos de leitura e o prazer de leitura dos professores são muito importantes para incentivar e despertar os hábitos de leitura e o prazer de leitura dos alunos.

De acordo com Ferreira e Dias (2002):

O professor, nesta perspectiva, apresenta-se como aquele que confere um modelo de leitura para o aluno-leitor, servindo-lhe de espelho, especialmente quando os pais deste aluno não desenvolveram uma atitude positiva frente a leitura nem encorajam este tipo de atitude em seus filhos (DIAS, 2002, p. 4).

4.6.3 Entrevistas com os Membros das Comunidades

Nas entrevistas com os membros das comunidades, como os adolescentes, professores, foram entrevistados, alguns pais de família e membros das comunidades São Domingos também foram, para compreender melhor o que pensam, o que sabem sobre a importância da leitura e escrita e como contribuem para este processo decorrente na comunidade. No Quadro 3 apresenta informações do número de entrevistados assim como a média de idade, sexo e comunidade em que residem.

Quadro 3 - Entrevistas feitas com membros das Comunidades Indígena Olho d'água (pais dos alunos)

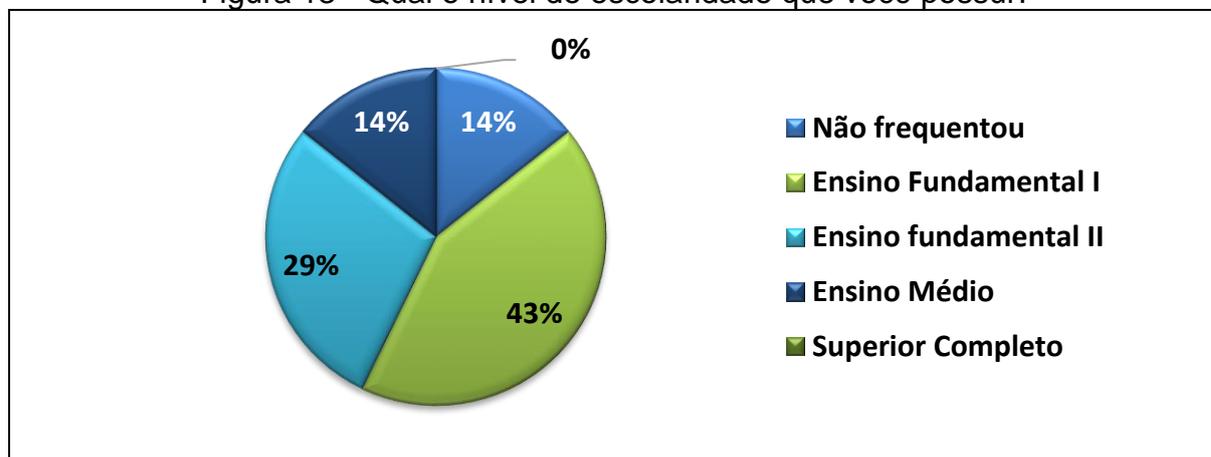
N°	N° dos entrevistados	Idade	Comunidade	Sexo Masculino	Sexo Feminino
01	06	36 a 45 anos	Olho d'água	4	2

Fonte: Produção autoral (2022).

Como se pode ver na figura acima foram apenas quatro entrevistados da comunidade São Domingos, entrevistei apenas quatro porque a maioria dos membros da comunidade tem muita dificuldade em entender o português pois eles falam mais a língua materna wapichana e o inglês e outros são analfabetos nunca frequentaram a escola. Em relação às perguntas foram seis, algumas semelhantes às perguntas feitas para os professores.

No primeiro questionário perguntado aos membros da comunidade na Figura 13.

Figura 13 - Qual o nível de escolaridade que você possui?



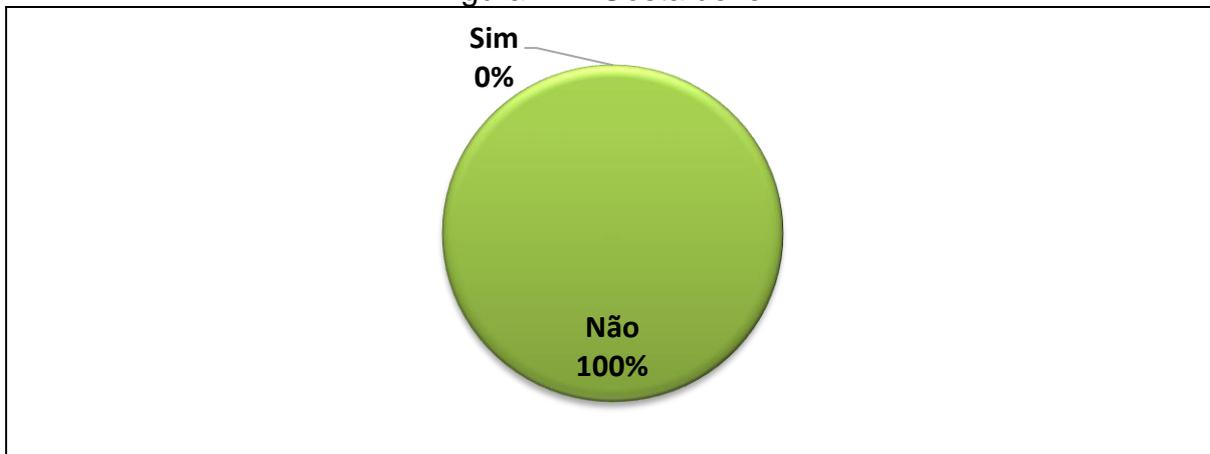
Fonte: Produção autoral (2022).

Como podemos observar na Figura 13 acima, 57% dos membros da comunidade só têm o ensino fundamental e sequer 14% não frequentou a escola, o que essa realidade interfere diretamente no desempenho escolar dos alunos. Filhos de pais analfabetos ou que não terminaram o ensino fundamental II têm uma chance maior de ter baixo desempenho escolar quando comparados a filhos de pais com cursaram o ensino médio e a família exercer uma grande influência na educação dos filhos falta um pouco mais de participação neste importante processo.

No que tange ao acompanhamento da educação e no incentivo adequado aos alunos a criarem o hábito de ler, não adianta apenas a escola incentivar a leitura se a própria família não o faz, sendo ela, a principal responsável pelo primeiro contato com a aprendizagem. Afinal, o hábito da leitura não é uma coisa que se aprende da noite para o dia, requer muito esforço, incentivo, motivação e se processa em longo prazo. Esse é um desafio que pais e educadores devem tomar para si.

A seguir, na segunda pergunta, questiona-os se eles gostam ler? Conforme está na Figura 14.

Figura 14 - Gosta de ler?



Fonte: Produção autoral (2022).

Como podemos observar 100 % dos pais membros da comunidade não gostam de ler. o hábito da leitura é um bem que favorece a qualidade de vida, devendo ser semeada desde a infância, no convívio familiar. É um caminho a ser percorrido partindo da conscientização social, pois acredito que a leitura é possível em todas as fases da vida dos alunos.

Abordar o tema leitura sobre o aspecto de uma compreensão crítica do ato de ler consiste em uma tarefa que envolve, também, a compreensão da importância do

ato de ler como uma prática prazerosa que se revela de extrema importância para a formação crítica do sujeito leitor. “Nossos filhos se espelham em nós. Como querer que um filho leia, se os pais não lerem? O cérebro da criança é uma cidade com ruas e avenidas abertas, se não são utilizadas, estimuladas, estimuladas, essas vias se fecham, e se fecham para sempre”, explica Marco Antônio Arruda, neurologista da infância e adolescência.

Nesse sentido, o meio em que o indivíduo convive, influencia seus comportamentos e gostos. Se o aluno convive com pais leitores, certamente desenvolverá gosto pela leitura. Porém, pode ocorrer o inverso, o aluno que não possuem pais que leem, podem desenvolver o hábito pela leitura por meio da curiosidade ou mesmo por obrigação.

Neste caso, por ter sido obrigada a ler, por exemplo, na escola por conta de algum trabalho, o gosto se desenvolve e o que antes era obrigação, passa a ser visto como algo prazeroso. Bamberger (1987, p. 70) reforça tal pensamento afirmando que “Os hábitos são mais bem incorporados se têm como base modelos de comportamento tirados do meio, ‘ideais’ apresentados pelos pais, professores e, sobretudo, pelo grupo que o jovem frequenta.”

Na terceira pergunta, questiona a eles como pais, mesmo sabendo que se trata de um uma pergunta feita ao público comunidade. A seguir temos na Figura 15.

Figura 15 - Você incentiva seu filho a ler?



Fonte: Produção autoral (2022).

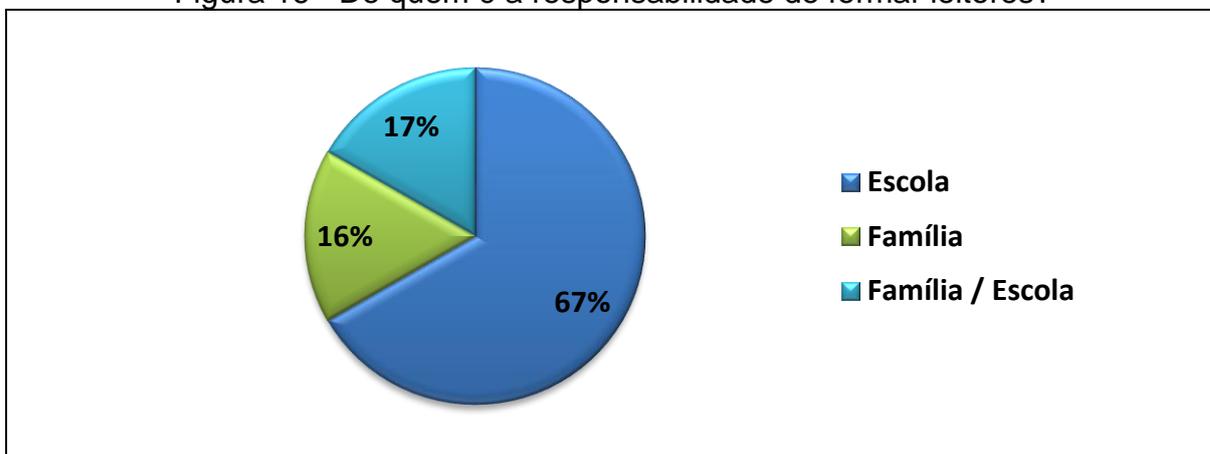
Como podemos ver na Figura 15 que 60% dos pais membros da comunidade não incentiva o seu filho no hábito da leitura e 40% incentivam. É perceptível a

ausência de elementos incentivadores ao hábito de ler nas famílias de alunos da Escola Estadual Indígena Coronel Mota.

Seja pelo baixo grau de escolaridade dos pais, seja pela ausência de objetivos na prática da leitura. Em estudos sobre a motivação do ato de ler, ou seja, se a família desestimula a leitura porque não vê um objeto claro para esse comportamento, o aluno não tem motivação para encontrá-lo, ou mesmo praticá-lo, pois não viu um propósito específico para isso, mesmo que seja um ato agradável. Os adultos que nunca pegam o livro para ler. Que tem muito tempo para trabalhar ou pouca discussão ou conversa, sem espaço reflexão ou aprimoramento do conhecimento.

Na quarta questão, temos a última resposta dada por meio da Figura 16.

Figura 16 - De quem é a responsabilidade de formar leitores?



Fonte: Produção autoral (2022).

Como podemos analisar na Figura 16 que 60% dos membros da comunidade acham que é só a escola que tem responsabilidade em formar leitores. Não é só a escola que tem a obrigação de formar leitores. Mas na minha opinião a escola e família possuem responsabilidades específicas e precisam fazer sua parte, para que juntas, atinjam o objetivo principal, que é educar os discentes, garantindo condições para que tenham um futuro melhor.

A leitura é ferramenta para isso. Só um bom leitor se proporciona mudanças intelectuais e emocionais. Família e escola são parceiras nesse processo. A criança que convive com o livro desde cedo descobre e ama a leitura. Cabe à escola e à família proporcionarem essa descoberta. Ler para se descobrir, para aprender, para se divertir, para encontrar a maturidade afetiva e emocional. O resultado são adultos

mais equilibrados, maduros, capazes e com mais chances de terem sucesso e serem felizes.

A principal barreira que a literatura infantil enfrenta, dentro da escola e fora dela, é a falta de conscientização da leitura como um bem, como um valor indispensável para toda a sociedade. A escola tem um papel importante para esclarecer aos pais e educadores que ler deve fazer parte da vida de todos, que o livro deve estar presente em todas as famílias.

4.6.4 O Projeto de Ensino de Leitura e Escrita

O projeto de ensino de Leitura e Escrita foi estruturado em encontros semanais e, com finalidade de formar leitores, os trabalhos foram iniciados com uma conversa da professora com os alunos, para que acontecesse a apresentação do grupo. Questionou-se sobre os gostos de leitura e sobre os contatos que tinham com a leitura, procurando identificar quais os elementos da família que contribuíam de alguma forma, no incentivo ao gosto de ler.

Além de uma explanação sobre os objetivos do projeto, explicou-se sobre a importância da leitura. Em cada um dos encontros ressaltou-se sempre a importância de manutenção das técnicas necessárias para uma boa leitura eficiente.

As técnicas formais foram adicionadas dinâmicas estimulantes para o desenvolvimento da imaginação, da memorização, da interação com o grupo, da expressão corporal etc. como: A dinâmica do Passa e Repassa: consiste em formar uma roda em torno do professor que, no centro, segura uma bolinha na mão.

O aluno a quem ele entregar a bolinha deverá dizer uma frase para dar início a uma história. Esse aluno passa a bolinha para outro colega, que dá continuidade à frase, assim por diante, até que o final da história aconteça quando o último da roda receber a bolinha.

Nesse transcorrer da atividade, o professor pôde observar as dificuldades dos alunos com relação à oralidade, à capacidade imaginativa, ao tom de voz e à postura. Roda de leitura o principal objetivo da roda de leitura em sala de aula é “divertir”, estimulando a imaginação dos alunos.

Mas, junto a este clima de alegria e interesse é que podemos atingir outros objetivos, como educar, instruir, desenvolver a inteligência, usar como ponto de

partida para ensinar algum conteúdo programático ou mesmo como um dos instrumentos para tentar entender o que se passa com os alunos no campo pessoal, pois, muitas vezes, durante a história eles expõem seus anseios sem vergonha ou medo, já que incorporam personagens.

Isto facilita o aprendizado, já que podemos aproveitar para levar o conteúdo até o cotidiano do aluno, com situações problemas, promover cultura e informação educacional através do estímulo à leitura, visando transformar a tarefa de ensinar em à arte de transmitir novos valores e conhecimentos para os alunos, contribuindo positivamente com seu crescimento e bem-estar. Caderno de memória tem o objetivo de trabalhar a escrita e a leitura dos alunos, durante a execução do projeto os alunos irão relatar o que aconteceu, todos os alunos irão pegar o caderno A dinâmica do Contando uma lenda da comunidade: consiste em formar um círculo com os alunos e propor que eles leiam um trecho de uma lenda da comunidade.

Em seguida, eles irão falar as partes essenciais da lenda, aquelas que não podem ser retiradas para que a lenda tenha sequência lógica. Solicitar que um aluno fique no meio do círculo e, conte-o de memória. Esse momento é importante para dar algumas sugestões de técnica de contação de histórias, tais como: comentar se o aprendiz está gesticulando demais, se está olhando para o chão, andando de um lado para o outro, ou se a sua mão está presa em alguma coisa. Chame a atenção para os vícios de linguagens e para a clareza da voz.

Após todas essas observações e comentários, pede-se que o aluno recontar o trecho da lenda percebendo os seus avanços. Essa atividade foi muito importante para poder observar a performance dos alunos e a capacidade de memorização. A leitura de lendas indígenas tem como objetivo ajudar a retratar a nossa cultura, histórias e crenças do nosso povo indígena. Ler algumas lendas indígenas que explicam como surgiram como forma de explicar a origem de plantas e costumes dos nossos povos.

As nossas lendas nos trazem riquezas em histórias, sabedoria e cultura. Até mesmo nos dias de hoje, através das lendas consegui despertar um pouco a curiosidade! A dinâmica da caixa Mágica: para tanto, utiliza-se a fantasia do objeto mágico, ou seja, a professora retira de dentro da caixa mágica um objeto e o aluno tem que iniciar uma história fornecida por esse objeto.

À medida que os objetos são retirados, o fio da história continua e somente alcançará o seu final quando o último objeto for retirado da caixa. Os 12 alunos se divertiram bastante com essa atividade. Foi um momento bastante importante para

que o professor pudesse observar os avanços dos participantes em relação à criatividade e à imaginação. A dinâmica da Criação de uma história: o professor forma um círculo com os alunos e coloca cartolina e lápis de cor de diversas cores. Cada aluno deverá escolher uma história para criar e imaginar um personagem. Os alunos ficaram muito excitados com esta atividade, porém observou-se que alguns participantes do projeto tiveram dificuldades em criar um personagem.

Semanalmente todos os alunos irão levar um livro para ler em casa e fazer a atividade de registro de leitura será para a compreensão do texto lido formando uma roda. A professora pede que cada aluno conte a história do livro que levou. Logo após, os alunos comentarem a sua história para a compreensão do texto lido pelos estudantes será utilizado o dado de questões (uma questão em cada lado). Sugerem-se as seguintes questões: Eu personagem preferido foi? A parte da história que mais gostei (não gostei) foi? Eu mudaria na história? Achei engraçado quando? Não sabia que? Após esses questionamentos, alguns alunos não quiseram responder ao questionamento e infelizmente nem leram o livro. Ao final das atividades, ficaram claros os que ainda a muito o que fazer para os alunos se tornar leitores assíduos, sua capacidade imaginativa e à memorização.

Outra técnica de memorização trabalhada com os alunos contadores no projeto foi: Além das dinâmicas citadas acima, incrementou-se o projeto com palestras esclarecedoras sobre a questão da postura corporal e sua relação intrínseca com o sucesso do ato de contar histórias. Dessa forma, a professora iniciou a atividade falando sobre o conceito de postura corporal, a relação existente entre a postura e o emocional. Logo após, apresentou algumas opiniões de contadores sobre qual é a postura adequada para se contar histórias. Abordou, ainda, a íntima ligação entre a postura corporal e a voz.

A palestra foi encerrada com alguns exercícios posturais nos encontros, a professora apresentou vários livros de lendas e contos populares: contos etc. Falou sobre os Irmãos Grimm, entre outros. Importante se faz ressaltar, também, que durante os encontros, os alunos traziam histórias para ler ou contar e, após a leitura ou contação, a professora sempre tecia observações sobre a postura, os gestos e a voz etc.

Nesse momento eram apontados os “erros” cometidos pelos contadores, como: colocar a mão no bolso, manter os braços cruzados, ficar nas pontas dos pés, balançar o corpo durante a narração, andar sem parar, de um lado para outro, ficar

olhando para cima ou num ponto fixo na parede, falar em voz baixa, devagar ou rápido demais, gaguejar, pedir desculpas por esquecer a história etc.

Assim, ao recontarem as histórias, os alunos o faziam observando as sugestões feitas pela professora, aplicando, imediatamente, a reavaliação na atividade física e oral exercida. Nos primeiros encontros, sempre havia alguns alunos que mostravam mais interesse, querendo sempre contar histórias e ler o que tinham trazido. Porém, a maioria não queria contar e nem ler histórias. A postura da professora foi sempre de não impor nada, todavia, sempre tentava convencê-los a participar das atividades realizadas e a trazer histórias para ler ou contar aos seus colegas. Com o passar dos 16 tempos, eles foram começando a ficar mais desinibidos e a trazer histórias que tinham lido e gostado para compartilhar com os colegas no projeto.

No transcorrer da implementação do projeto, estávamos todos empenhados para que cada encontro fosse melhor, com dinâmicas alegres e diversificadas. Os alunos passaram a ler cada vez mais, descobrindo, assim, o mundo mágico que há por trás das histórias.

A cada encontro eles apresentavam-se cada vez menos acanhados, apresentando uma postura corporal mais adequada e expressando-se com maior clareza e desenvoltura. Ao longo do projeto, os participantes foram assimilando esses conceitos e, dia a dia, melhorando a sua performance de leitor.

Esses avanços fizeram com que eles se sentissem mais seguros em apresentar-se para os colegas e em sala de aula, fatores que contribuíram para o crescimento pessoal e solidificação da autoestima. Alunos que não gostavam de ler, ou pouco lia, tornaram-se assíduos. Eles também relataram que gostavam de frequentar ao projeto, pois se sentiam importantes em contar histórias aos colegas. Esses comentários entre alunos o sucesso alcançado pelo trabalho realizado neste projeto.

4.7 Reflexão das Atividades Propostas e Realizadas na Escola Campo Coronel Mota

Desenvolvemos atividades com desenhos, leituras, pinturas, brincadeiras, jogos lúdicos entre outros recursos didáticos, usando materiais elaborados pelos professores e alunos.

Toda semana os alunos eram convidados a comparecer a biblioteca da escola, como o intuito de escolher um livro para ser lido; é importante ressaltar que nesse instante a função da professora é orientar o aluno na escolha de um livro, e não fazer imposições do título a ser escolhidos.

O aluno terá o tempo suficiente para efetuar a leitura do livro (geralmente, com menos de uma semana já conclui a leitura) e assim que o tiver lido, caso esteja interessado em compartilhar os seus entendimentos sobre o que leu, fará sua apresentação para a turma. Ressalta-se que a apresentação do livro deve ser oral, podendo contar com o auxílio de cartazes, maquetes, textos etc. (Figura 17)

Figura 17 - Atividades de leituras realizadas durante o projeto



Fonte: Produção autoral (2020) – fotografias de arquivo pessoal.

Aqueles alunos que já leram o livro apresentado pelo companheiro de classe tem o direito de se manifestar e lançar lhe algumas perguntas. A professora, por sua vez, também pode questioná-lo (a ideia, nesse instante, é que a professora instigue o aluno, de maneira que ele demonstre os seus conhecimentos e de a sua opinião a respeito do que leu). Assim que estiver encerrada a apresentação, a professora anota o título do livro lido e o número de páginas que ele possui, o aluno devolve o livro a biblioteca e escolher outro para ler.

Dependendo do número de alunos que houver na sala e do tempo disponibilizado pela professora, todos poderão fazer a sua apresentação no mesmo dia.

Ao final de cada etapa, é somado o número de páginas lido por aluno, e aquele que tiver lido mais, como incentivo, ganha um livro a ser escolhido por ele.

É importante salientar que o aluno deve estar livre para fazer ou não a apresentação do livro lido, sem imposição alguma da professora. O que se espera é que o aluno desperte um interesse próprio de compartilhar com os demais educandos os conhecimentos adquiridos com a leitura efetuada. (Figuras 18 e 19)

Figura 18 - Atividades de desenhos e pintura



Fonte: Produção autoral (2020) – fotografias de arquivo pessoal.

Figura 19 - Continuação das atividades de pintura e desenhos



Fonte: Produção autoral (2020) – fotografias de arquivo pessoal.

4.8 Resultados Obtidos na Realização do Projeto

Com a implantação desse projeto, pude constatar que a escola comprometida com o saber deveria ter como objetivo primordial o despertar no aluno do gosto e da importância da leitura, não uma leitura de palavras, através daqueles livros preestabelecidos pela professora e cobrados posteriormente em fichas de leituras, mas descobrir, no conjunto das palavras, a intenção de quem escreve num ato de livre escolha e de promoção da criatividade.

A implantação desse projeto possibilitou:

- Maior autonomia ao aluno, proporcionando-lhe uma projeção ao mundo fantasioso, permitindo-lhe fazer parte dele, criando situações e buscando soluções até então não manifestadas.

- A interação entre a turma, pois trocaram ideias a respeito do livro que leram e fizeram sugestões aos demais educandos.
- Visitas à biblioteca da escola com mais frequência.
- A ampliação do vocabulário, constatada nas diversas atividades desenvolvidas com a turma.
- A incorporação de novas palavras ao cotidiano dos alunos.
- A releitura de alguns livros por opção do aluno, fazendo-o perceber que reler pode ser tão forte, tão bom e tão esclarecedor quanto ler. Não é apenas na novidade que está o novo, mas pode estar na nova forma de nos aproximarmos de algo já conhecido e assim percebemos mudanças.
- O aumento do número de alunos interessados pela leitura.
- Envolvimento dos pais, na escola e do aluno durante todo o processo de realização do projeto de leitura e escrita.
- O despertar, nos demais alunos da escola, do interesse pela leitura.
- A incorporação da leitura como atividade diária do aluno.
- O descobrimento de que ler é, acima de tudo, um ato de prazer.

Para que projetos assim ocupem um espaço merecido nas escolas, há necessidade de se fazer uma reflexão, tentando resgatar o respeito ao significado é a finalidade do incentivo à leitura no processo de aprendizagem.

CONCLUSÃO

Esperamos poder contribuir de forma eficaz no incentivo à leitura com os estudantes da escola estadual Indígena Coronel Mota. E entendemos as dificuldades que cada aluno possa ter em consonância às condições de ensino estabelecidas nas atualidades.

Sabemos que desde pequenos estes indivíduos estão inseridos em meios letrados e necessitam adaptar-se ao meio em que vivem. Por conta disso, a escola foi intitulada como aquela que tem a função de preparar o sujeito para a sociedade. Entretanto, é necessário ressaltar que esta, principalmente as originadas de órgão públicas, não são totalmente preparadas para o que lhe foi designado, já que na maioria das vezes não dispõe dos recursos imprescindíveis à aprendizagem.

Em contrapartida, a escola investigada não tem acervo de livros e matérias suficientes que poderiam ser bem aproveitados durante as aulas, proporcionando aos estudantes uma amplitude de conhecimentos. Contudo, muitos deles não sabem e nem nunca tiveram a oportunidade de envolver-se e, ou descobrir o mundo da leitura existente na biblioteca devido ao descaso de matérias suficiente para os alunos e por parte de alguns professores, que anteriormente não buscava incentivar os alunos para tais atividades.

As ações propostas para o projeto foram discutidas em grupo juntamente com os estudantes da escola estadual Indígena Coronel Mota, com o gestor da escola em discussão e com a professora coordenadora do projeto aqui apresentada.

A leitura e a escrita estão cada vez mais sendo praticada e difundida sendo formal e informal. A poucos os alunos, estão descobrindo que através da leitura e escrita a possibilidades de alcançar com facilidades a interpretação e autocrítica no seu desenvolvimento estudantil, não tendo um impacto maior futuramente.

O conceito do projeto, mais do que uma ideia, deve ser realizado como hábito de boas práticas, e devem ser sempre nesta sequência ler, escrever e interpretar, pois caminha na direção do ensino/aprendizagem do aluno/professor.

A responsabilidade da iniciativa do projeto é de suma importância na frente dos alunos do 7º ano, pois caminhar sempre em busca do constante desenvolvimento e melhoria da qualidade de ensino de cada descente.

Acredita-se que o projeto como este, implantado na escola estadual Indígena Coronel Mota, é muito importante, pois ajuda nas dificuldades que os alunos têm com relação à leitura, interpretação de texto e escrita e garante o desenvolvimento, aos alunos uma reflexão mais ampla no seu ensino/aprendizagem.

O projeto “Promovendo a leitura e escrita na escola estadual Indígena Coronel Mota” busca enfrentar estes desafios, a fim de mostrar aos alunos a diversidade e riqueza que se pode encontrar através dos livros, apresentando formas prazerosas de leitura, uma troca de experiências e o diálogo entre os leitores e autores. Despertando o gosto pela leitura e ensinando-os a fazer a relação com o mundo a qual estão inseridos.

No decorrer deste trabalho de pesquisa foi assinalada a discussão sobre o interesse e o desinteresse dos alunos quanto à prática de leitura, e o que seria necessário para despertar esse interesse nos alunos. Sabe-se que a prática da leitura se faz presente em nossas vidas desde o momento em que começamos a "compreender" o mundo à nossa volta. No constante desejo de decifrar e interpretar o sentido das coisas que nos cercam, de perceber o mundo sob diversas perspectivas, de relacionar a realidade ficcional com a que vivemos, no contato com um livro, enfim, em todos estes casos estamos de certa forma, lendo - embora, muitas vezes, não nos demos conta.

RECOMENDAÇÕES

A diversidade da leitura abre um leque de conhecimentos, pois ao observar um texto ou uma obra de arte temos diferentes formas, no contexto em que se está inserido ora sendo dinâmica ora científica.

A formação do leitor na escola tem duas vertentes:

- A primeira vertente: uma delas é o desenvolvimento sistemático e progressivo das habilidades de leitura: a compreensão, a interpretação, inferência, avaliação o que se faz com os textos curtos sobre os quais se propõe questões, ou formulem exercícios e atividades.
- A segunda vertente: é o incentivo à leitura como prazer e lazer, o que se faz promovendo o convívio dos alunos com os livros de gêneros diferentes, como narrativas, poemas, histórias em quadrinhos etc. possibilitando a leitura de livros inteiros e sugerindo atividades que possam levar o aluno ao prazer de ler.

Assim, procuramos mostrar, ao longo deste trabalho, que cada vez mais surge formas diversificadas e flexíveis que buscam condicionar o texto, ao contexto do leitor para que ele consiga refletir, compreender e construir problemas e soluções que o instiga sempre a uma nova busca de leitura.

Portanto, o projeto “Promovendo a leitura e escrita na Escola Estadual Indígena Coronel Mota” precisa sempre ser “alimentado” pelos professores e alunos da escola, para que os resultados apresentados neste trabalho possam continuar trazendo crescimento pessoal e escolar para os alunos, é uma forma de aproximar a família e levar este hábito a todos que fazem parte do convívio deste aluno, dentro e fora do ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, F. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Editora Scipione, 1993.
- AJURIAGUERRA, J. **Manual de pesquisa infantil**. São Paulo: Editora Masson, 1980.
- ALVES, R. **O corpo do educador**. Olinda: Sociedade Brasileira de Psicomotricidade, 2004.
- ASSOLINI, F. E. P. **Pedagogia da leitura parafrástica**. Dissertação (Mestrado em Ciências – Área Psicologia). Ribeirão Preto: Universidade de São Paulo, 1999.
- BAMBERGER, R. **Como incentivar o hábito de leitura**. São Paulo: Editora Ática, 1987.
- BARRETI, S. J. **Psicomotricidade, educação e reeducação**. Blumenau: Livraria Acadêmica, 2000.
- BASTOS, S. A. **A leitura e a escrita em pleno Brasil Colonial**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.
- BERVIAN, P. A.; CERVO, A. L. **Metodologia Científica**. São Paulo: Editora Prentice Hall, 2002.
- BERVIAN, P. A.; CERVO, A. L.; SILVA, R. **Metodologia científica**. São Paulo: Editora Pearson Prentice Hall, 2007.
- BETTELHEIM, B. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1992.
- BEUREN, I. M. **Como elaborar trabalhos monográficos em Contabilidade: Teoria e Prática**. São Paulo: Editora Atlas, 2008.
- BRANDÃO, H.; NAGAMINE, H.; MICHELETTI, G. Teoria e prática da leitura. *In: Coletânea de textos didáticos*. Componente curricular Leitura e elaboração de textos. Curso de Pedagogia em Serviço. Campina Grande: UEPB, 2002.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. São Paulo: Editora Saraiva, 2002.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua portuguesa**/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: PCN'S, 1988.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC, 2001.

CABRAL, S. **Psicomotricidade relacional: prática, clínica e escolar**. Rio de Janeiro: Editora Revinter, 2001.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetizando sem o bá-bé-bi-bó-bu**. São Paulo: Editora Scipione, 2004.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e linguística: pensamento e ação no magistério**. São Paulo: Editora Scipione, 2001.

CARDOSO, B.; EDNIR, M. **Ler e Escrever, Muito prazer!** São Paulo: Editora Ática, 2001.

CHICON, J. F. **Prática psicopedagógica integrada em crianças com necessidades educativas especiais: abordagem psicomotora**. Vitória: CEFC/UFES, 1999.

CORSO, L. V. O apagão da leitura. **Revista Língua**, ano 8, n. 83, 2012.

COSTE, J. **A psicomotricidade**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara-Koogan, 1992.

COSTE, J. C. **A psicomotricidade**. Rio de Janeiro: Editora Zabar Editores, 1991.

D'ESPÍNDOLA, V. S. **Letramento, leitura e escrita**. UNISUL, 2009.

DE MEUR, A; STAES, L. **Psicomotricidade: educação e reeducação**. Rio de Janeiro: Editora Manole, 2004.

ELLIS, A. W. **Leitura, escrita e dislexia: uma análise cognitiva**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1995.

FERREIRA, S. P. A.; DIAS, M. G. B. B. **Compreensão de leitura: estratégias de tomar notas e da imagem mental.** Psicologia: Teoria e Pesquisa, 2002.

FERREIRO, E. **Cultura escrita e educação.** Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 2001.

FILHO, M. C. S.; CUNHA, G. D. **Breve história da leitura e da escrita.** 2014.

FIORATTI, C. **Sim, o coronavírus veio da natureza** – e não de um laboratório. Portal Eletrônico Revista Super Interessante, [citado em 2020 mar. 20]. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/saude/sim-o-coronavirus-veio-da-natureza-e-nao-de-um-laboratorio/>>. Acesso em: 08. jan. 2021.

FIRMIDA, M. **Coronavírus: Que vírus é este?** Material elaborado pela Comissão de Infecção da SOPTEJ, 2020. Disponível em: <<http://www.sopterj.com.br/wp-content/uploads/2020/01/Coronavirus.pdf>>. Acesso em: 08. jan. 2021.

FONSECA, V. **Introdução às dificuldades de aprendizagem.** Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1995.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler.** São Paulo: Editora Cortez, 1994.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler.** São Paulo: Editora Cortez, 1988.

FREIRE, P. **Cartas a Cristina.** Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1994.

GATÉ, Jean-Pierre. **Educar para o sentido da escrita.** São Paulo: EDUSC/COMPED/INEP, 2001.

GERALDI, J. W. A aula como acontecimento. *In:* GERALDI, J. W. **A aula como acontecimento.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2006.

GERALDI, J. W. Mediações pedagógicas no processo de produção de textos. *In:* GERALDI, J. W. **A aula como acontecimento.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2008.

GIL, A. C. **Como elaborar projeto de pesquisa.** São Paulo: Editora Atlas, 2002.

GIL, A. C. **Metodologia do ensino superior.** São Paulo: Editora Atlas, 2008.

GONÇALVES, S. Aprender a ler e compreensão do texto: processos cognitivos e estratégias de ensino. **Revista Ibero-americana de educación**, v. 46, p. 135-151, 2008.

GRANDO, K. B. **O letramento a partir de uma perspectiva teórica**: origem do termo, conceituação e relações com a escolarização. *In*: IX ANPED-SUL SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL. 2012. Dissertação de mestrado PUCRS, 2012.

GUIMARÃES, Marisa Rosa. **Um estudo sobre a aquisição da ortografia nas séries iniciais**. Dissertação (Mestrado em Educação). Pelotas: Faculdade de Educação da Universidade Católica de Pelotas, 2005.

HEATH. **Ways with words**. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

JOLIBERT, J. **Formando Crianças Leitoras**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1994.

KAJIHARA, E. **Práticas corporais**: suas contribuições no tratamento de pessoas com deficiência. Fortaleza: Sociedade Brasileira de Psicomotricidade, 1998.

KILIAN, Carina. **Práticas de leitura literária**: os casos de França e Brasil. Dissertação (Mestrado em Letras). Santa Cruz do Sul: Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, 2012.

KLEIMAN, A. B. (Org.). **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Editora Mercado de Letras, 2001.

KLEIMAN, A. Leitura e práticas disciplinares. *In*: **Coletânea de textos didáticos. Componente curricular Leitura e elaboração de textos**. Curso de Pedagogia em Serviço. Campina Grande: UEPB, 2002.

KLEIMAN, A. **Oficina de leitura- teoria e prática**. Campinas: Pontes Editores, 2012.

KLEIMAN, A. **Oficina de leitura**: teoria e prática. São Paulo: Pontes Editores, 2010.

KLINKE, K.; MAGALHÃES, M. M.; MELO, M. A. **História da leitura no Brasil**: constituição do campo e formação de leitores. Universidade Federal de Uberlândia. (E.M./CNPq) Ituiutaba, MG, Brasil 2010.

KOCH, I. V. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Editora Contexto, 1997.

LACERDA, Patrícia da Silva. **As estratégias de leitura na escola que favorecem a formação de leitores competentes**. Faculdade de Pará de Minas, Pará de Minas, 2013.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Editora Ática, 1996.

LAPIERRE, A; LAPIERRE, A. **O adulto diante da criança de 0 a 3 anos: psicomotricidade relacional e formação da personalidade**. Curitiba: Editora da UFPR, 2002.

LE BOUCH, J. **Desenvolvimento psicomotor: na idade pré-escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004.

LEFFA, V. J. **Aspectos da leitura**. Porto Alegre: Sagra: DC Luzzatto, 1996.

LERNER, D. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 2002.

LODO, G. et al. Os caminhos da história da arte desde Giorgio Vasari. *In: VII ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ARTE. ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ARTE, 7*. Campinas: UNICAMP/BC/IA, 2012.

LOPES, J. P. **Manual de elaboração e normalização de trabalhos acadêmicos**. João Monlevade, 2007.

LOPES, L. M. As dimensões da leitura a partir da biblioteca e do bibliotecário. **Revista Percurso**, v. 2, n. 2, p. 197-207, 2010.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. São Paulo: Editora Atlas, 2002.

MASSINI-CAGLIARI, G.; CAGLIARI, L. C. **Diante das letras: a escrita na alfabetização**. Campinas: Mercado de Letras / ALB/FAPESP, 1999.

MAZZOTTA, M. J. S. **Fundamentos da educação Especial**. São Paulo: Livraria Pioneira, 2001.

MAZZOTTI, A. Usos e abusos dos estudos de caso. **Cadernos de Pesquisa**, v.36, n.129, p.637-651, set./dez. 2006. *In: SEGENREICH, S. C. D. Monografia: estrutura e*

normas básicas de apresentação. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2005. Disponível em: <<http://www.eproinfo.mec.gov.br>>. Acesso em: 10 maio 2019.

MEC. Ministério da Educação. **Pró-letramento**. Programa de Formação continuada de professores as séries iniciais do Ensino Fundamental. Brasília: MEC, 2007.

MENEGASSI, R. J. **Leitura crítica**: aspectos da formação e do desenvolvimento do leitor. Ponta Grossa: UEPG, 2002, n.º 24.

MORTATTI, M. R. L. **Educação e Letramento**. São Paulo: Editora da UNESP, 2004.

NASCIMENTO, P. B. S. Ensino de literatura e formação do leitor na educação básica. ISSN – 2175-4128. v. 05., p. 1-7, 2014. **ANAIS DO V SENALIC – TEXTOS COMPLETOS**.

OLIVEIRA, M. A. **A literatura para crianças e jovens no Brasil de ontem e de hoje**: caminhos de ensino. São Paulo: Editora Paulinas, 2008.

ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. Campinas: Editora Pontes, 2006.

PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança**. Rio de Janeiro: Editora Zahar Editores, 1975.

PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança**. Rio de Janeiro: Editora Zahar Editores, 1978.

RAMOS, P.; RAMOS, M. M.; BUSNELLO, S. J. **Manual prático de metodologia da pesquisa**: artigo, resenha, projeto, TCC, monografia, dissertação e tese. 2005.

RODRIGUES, S. N. **Lições do príncipe e outras lições**. São Paulo: Editora Cortez, 1987.

SANDRONI, L. C.; MACHADO, L. R. **A criança e o livro**: guia prático de estímulo a leitura. São Paulo: Editora Ática, 1998.

SEGENREICH, Stella C.D. **Procedimentos de pesquisa para trabalhos acadêmicos: estratégias de pesquisa: observação, questionário e entrevista**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2005. Disponível em: <<http://www.eproinfo.mec.gov.br>>. Acesso em: 10 maio 2019.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Editora Cortez, 2007.

SILVA, E. T. **O ato de Ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura**. São Paulo: Editora Cortez, 2000.

SILVA, J. A. Discutindo sobre leitura. **Letras Escreve**, v. 1, n. 1, p. 22-35, 2012.

SILVA, J. A. O ensino da leitura como processo da prática pedagógica. **UniLetras**, v. 34, n. 2, p. 231-241, 2013.

SILVA, S. G. **Como Incentivar o Hábito da Leitura nas Séries Iniciais**. 2009. Disponível em: <<http://www.revista.ulbrajp.edu.br>>. Acesso em: 22 out. 2018.

SILVA, V. R. **Letrar e encantar: lendo histórias e construindo a cidadania**. 2011.

SOARES, M. Letramento e Escolarização. *In*: RIBEIRO, V. M. (Org.). **Letramento no Brasil**. São Paulo: Editora Global, 2004.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2003.

SOLÉ, I. **Estratégias de Leitura**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1998.

SOUZA, L. **A Importância da Leitura para a Formação de uma sociedade consciente**. 2009.

TEBEROSKY, A. **Psicopedagogia da linguagem escrita**. Campinas: Editora da UNICAPM, Vozes, 1996.

TERSARIOL, A. **Dicionário de língua portuguesa**. 2001.

TFOUNI, L. V. **Letramento e Alfabetização**. São Paulo: Editora Cortez, 2010.

VIGOTSKY, L. S. **O desenvolvimento psicológico na infância**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1999.

VILAÇA, M. L. C.; ARAÚJO, E. V. F. **Tecnologia, sociedade e educação na era digital**. Duque de Caxias: Editora da UNIGRANRIO, 2016.

VYGOTSKY, L. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Editora Ícone, 1988.

WALLON, H. **Psicologia e Educação da criança**. Lisboa: Veja / Universitária, 1999.

APÊNDICE 1 - ENTREVISTAS COM OS ALUNOS

Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE)

O(A) Sr(a) está sendo convidado(a) a participar da pesquisa que tem como pesquisadora responsável Maria do Carmo Silva do Curso de MESTRADO ACADÊMICO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO, ministrado pela FACULDADE INTERAMERICANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS – FICS. Esta pesquisa tem por objetivos conhecer melhor a realidade da leitura e escrita dos alunos através dos próprios alunos, e se eles de fato contribuem para o seu próprio desenvolvimento. Este termo de consentimento lhe dará informações sobre o estudo. Por favor, antes de concordar em participar desta pesquisa leia com atenção este TCLE.

A sua participação nesta pesquisa é voluntária e você tem plena liberdade de retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem nenhum tipo de prejuízo. Garantimos ao(à) Sr(a) a manutenção do sigilo e da privacidade de sua participação e de seus dados durante todas as fases da pesquisa e posteriormente na divulgação científica. Cada participante poderá receber seus próprios resultados a qualquer momento. A sua participação na pesquisa tem o risco mínimo de origem psicológica, intelectual ou emocional, pois ao responder o questionário você pode se sentir constrangido, desconfortável ou com vergonha. Ao responder o questionário você não terá nenhum benefício direto ou imediato, não havendo compensação financeira relacionada à sua participação. O(A) Sr(a) tem garantido o seu direito a buscar indenização por danos decorrentes da pesquisa (Resolução CNS 466/12; Código Civil, Lei 10.406 de 2002).

O(A) Sr (a) pode entrar em contato com a pesquisadora responsável pelo estudo Maria do Carmo Silva a qualquer tempo para informação adicional nos respectivos telefones: (95) 98410-5015.

- 1) Você sabe ler?
() Sim () Não
- 2) Você gosta de ler?
() Sim () Não
- 3) Você gosta de ler ou ouvir histórias?
() Sim () Não
- 4) Você considera ler uma perda de tempo?
() Sim () Não

APÊNDICE 2 - ENTREVISTAS COM OS PROFESSORES

Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE)

O(A) Sr(a) está sendo convidado(a) a participar da pesquisa que tem como pesquisadora responsável Maria do Carmo Silva do Curso de MESTRADO ACADÊMICO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO, ministrado pela FACULDADE INTERAMERICANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS – FICS. Esta pesquisa tem por objetivos conhecer melhor a realidade da leitura e escrita dos alunos através dos PROFESSORES, e se eles de fato contribuem para o desenvolvimento do aluno. Este termo de consentimento lhe dará informações sobre o estudo. Por favor, antes de concordar em participar desta pesquisa leia com atenção este TCLE.

A sua participação nesta pesquisa é voluntária e você tem plena liberdade de retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem nenhum tipo de prejuízo. Garantimos ao(à) Sr(a) a manutenção do sigilo e da privacidade de sua participação e de seus dados durante todas as fases da pesquisa e posteriormente na divulgação científica. Cada participante poderá receber seus próprios resultados a qualquer momento. A sua participação na pesquisa tem o risco mínimo de origem psicológica, intelectual ou emocional, pois ao responder o questionário você pode se sentir constrangido, desconfortável ou com vergonha. Ao responder o questionário você não terá nenhum benefício direto ou imediato, não havendo compensação financeira relacionada à sua participação. O(A) Sr(a) tem garantido o seu direito a buscar indenização por danos decorrentes da pesquisa (Resolução CNS 466/12; Código Civil, Lei 10.406 de 2002).

O(A) Sr (a) pode entrar em contato com a pesquisadora responsável pelo estudo Maria do Carmo Silva a qualquer tempo para informação adicional nos respectivos telefones: (95) 98410-5015.

- 1) Você frequentou o ensino pré-escolar?
 Sim Não
- 2) Você tinha hábito ouvir histórias contadas pelo(a) professor(a)?
 Sim Não
- 3) Gostava de ouvir contar histórias?
 Sim Não
- 4) Língua Materna é o português?
 Sim Não
- 5) Gosta de ler?
 Sim Não
- 6) Quantos livros você ler em média?
 Nenhum
 De 1 a 6 livros
 De 7 a 12 livros
 Acima de 13 livros

APÊNDICE 3 - ENTREVISTAS COM OS MEMBROS DA COMUNIDADE

Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE)

O(A) Sr(a) está sendo convidado(a) a participar da pesquisa que tem como pesquisadora responsável Maria do Carmo Silva do Curso de MESTRADO ACADÊMICO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO, ministrado pela FACULDADE INTERAMERICANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS – FICS. Esta pesquisa tem por objetivos conhecer melhor a realidade da leitura e escrita dos alunos através dos MEMBROS DA COMUNIDADE, e se eles de fato contribuem para o desenvolvimento do aluno. Este termo de consentimento lhe dará informações sobre o estudo. Por favor, antes de concordar em participar desta pesquisa leia com atenção este TCLE.

A sua participação nesta pesquisa é voluntária e você tem plena liberdade de retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem nenhum tipo de prejuízo. Garantimos ao(à) Sr(a) a manutenção do sigilo e da privacidade de sua participação e de seus dados durante todas as fases da pesquisa e posteriormente na divulgação científica. Cada participante poderá receber seus próprios resultados a qualquer momento. A sua participação na pesquisa tem o risco mínimo de origem psicológica, intelectual ou emocional, pois ao responder o questionário você pode se sentir constrangido, desconfortável ou com vergonha. Ao responder o questionário você não terá nenhum benefício direto ou imediato, não havendo compensação financeira relacionada à sua participação. O(A) Sr(a) tem garantido o seu direito a buscar indenização por danos decorrentes da pesquisa (Resolução CNS 466/12; Código Civil, Lei 10.406 de 2002).

O(A) Sr (a) pode entrar em contato com a pesquisadora responsável pelo estudo Maria do Carmo Silva a qualquer tempo para informação adicional nos respectivos telefones: (95) 98410-5015.

- 1) Qual o nível de escolaridade que você possui?
 Não frequentou
 Ensino Fundamental I
 Ensino Fundamental II
 Ensino Médio
- 2) Você gosta de ler?
 Sim Não
- 3) Você incentiva seu filho a ler?
 Sim Não
- 4) De quem é a responsabilidade de formar leitores?
 Escola
 Família
 Família / Escola